ESGOTADO

ANNO VIII — III TRIMESTRE — 1928

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

DO

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE

BRASIL

COMMISSÃO DE REDACÇÃO: ADROALDO MESQUITA DA COSTA
E. F. DE SOUZA DOCCA
MANSUETO BERNARDI
EDUARDO DUARTE

TYPOGRAPHIA DO CENTRO—PORTO ALEGRE

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO SUL

Séde: PORTO ALEGRE

Presidente: **Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva**
1.º secretario: **Dr. Francisco de Leonardo Truda**
Thesoureiro: **Affonso Guerreiro Lima**

Publica a sua Revista em fasciculos trimestraes ou semestraes, formando annualmente um volume de setecentas paginas, na média.

Condições de assignatura:

Por anno ..... 15$000 rs.
Por fasciculo trimestral ..... 4$000 rs.

Preço de collecção até 1926: 200$000.

Para assumptos da Revista dirigir-se directamente ao Dr. Eduardo Duarte, á rua Duque de Caxias n.º 1231. Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

DO

Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE - 1928

III Trimestre ANNO VIII

COMMISSÃO DE REDACÇÃO:
Adroaldo Mesquita da Costa
Mansueto Bernardi - Eduardo Duarte
E. F. de Souza Docca

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DO CENTRO — RUA DR. FLORES 108
—
1928

VIDA E OBRAS

do Padre

Roque González de Santa Cruz S. J.

Primeiro Apostolo do

Rio Grande do Sul

(Contribuição para a Historia da Civilização no Brasil)

por

Carlos Teschauer S. J.

Prefacio

Não venho offerecer ao benevolo leitor uma hagiographia que apresente em cada capitulo uma virtude particular ou exemplo edificante. Conto apenas a vida de um varão apostolico, cuja santidade attestam obras estupendas, mas cuja alma as fontes escassas não nos permittem contemplar na medida dos nossos desejos. Não obstante, ninguem, ao percorrer esta monographia, creio eu, duvidará de quanto sejam solidas e sublimes as virtudes do protomartyr e apostolo do Rio Grande do Sul.

Com esta biographia do fundador das Sete Missões enceto a relação historica da catechese e civilização dos nossos indigenas, ou em outros termos, a historia primitiva deste nosso Estado. Comprehenderá este livro a phase inicial; em outros, sobretudo na *Historia do Rio Grande do Sul dos dous primeiros seculos*, relatei os progressos ulteriores. Espero, portanto, achar interesse entre quantos prezam taes investigações de historia particular e nomeadamente por ser o material desta parte novo e desconhecido, o que me foi confirmado por pessoa competentissima e actualmente talvez a primeira autoridade no campo da historia riograndense.

Julgo ser do meu dever relatar ao leitor a genese deste trabalho. Conhecia já as obras historicas mais importantes sobre o Brasil e varios Estados, quando visitei os Sete Povos da banda oriental do Uruguay. Nestes estudos occorreu-me a miude o nome do P. Roque González, mas nada me levara a

vêr nelle o primeiro apostolo desta terra. Pesquizas e investigações prolongadas revelaram-me emfim o papel saliente que este santo sacerdote representou na christianização patria.

Ainda não existe monographia sobre homem tão benemerito da nossa civilização; as noticias sobre a sua vida andam espalhadas em documentos ineditos ou diversas obras, hoje extremamente raras.

Exigia, portanto, imperiosamente a historia, não menos que a gratidão dos posteros, fosse emfim tirada das sombras do esquecimento a sagrada memoria de quem tanto fez pela religião e patria.

Tendo conseguido, não sei por que feliz concatenação de circumstancias, o material necessario para tão ardua tarefa, esmerei-me em desempenhal-a conscienciosamente; com que fadiga, sabe-o Deus e o sentiu quem estas linhas escreve.

Resta-me ainda cumprir o grato dever de agradecer com effusão a quantos me coadjuvaram — alguns já passaram desta para melhor vida — aos amigos neste Estado que me proporcionaram os meios para tão dispendiosos estudos, aos senhores bibliothecarios, archivistas e mais amigos em Buenos Aires, a quem por tantos obsequios e zelo infatigavel serei devedor. A todos me confesso extremamente penhorado.

Porto Alegre, outubro de 1928.

O Autor.

INTRODUCÇAO

O Rio Grande do Sul, que hoje occupa logar saliente entre os Estados da União, depois de descoberto nos primeiros decennios de 1500, continuou por todo aquelle seculo a ser uma terra incognita. Foi no principio do seguinte que o explorou e descreveu, pela primeira vez, o homem apostolico cuja vida pretendo esboçar. O conhecimento cabal só o trouxeram as luctas seculares em que as duas grandes potencias ibericas se disputaram mutuamente a posse deste territorio.

Quem, conforme a opinião ainda mais seguida, primeiro devassou as brumas do oceano que encobriam estas paragens do sul, foi João Dias de Solís,[1]) descobrindo o grande estuario platino, ao qual regressou, depois de ter attingido o grau 40 lat. sul. O Rio de Solís ou da Prata, apenas navegado, levou os exploradores ao conhecimento do Uruguay, em cuja banda oriental se havia de iniciar a civilização de nosso Estado.

Sebastião Caboto, chegado á foz do Prata em 1527, foi o primeiro europeu que subiu por aquelle poderoso affluente. Os guaranis, sempre pacificos, quando não provocados á vingança, abasteceram os viajantes de viveres. Na margem oriental encontrou um rio, que até hoje, segundo Guevara,[2]) se chama S. Salvador, offerecendo ancoradouro seguro para as embarcações. Levantou neste sitio um fortim, o primeiro monumento de conquista, mas os indios, como se comprehendessem todo o alcance daquella obra, negaram-lhe todo o auxilio e se retiraram com signaes inequivocos de rancor e despeito.

---

1) Foi o Dr. Conrado Haebler quem, por meio de uma copia manuscripta da „Gazeta Allemã", encontrada no archivo da familia Fugger, recentemente demonstrou que, em 1514, chegara lá uma armada de D. Nuno Manoel. (Hist. Geral do Brasil, por Varnhagen, 3.ª edição revista por Capistrano de Abreu, Secc. VI. Nota A. Rio 1905). Esta descoberta parece, porém, ter sido sem consequencia, como fôra a de Vicente Yáñez Pinzón a respeito do Brasil.

2) *Guevara*, Hist. de la Conquista. Cap. II. Dec. I 3.

Resolveu-se então o intrepido navegante a retroceder para explorar o rio da Prata, confiando a empreza a João Alves Ramão, a quem deixou dois botes e uma caravela tripulada por numero regular de marinheiros, a qual, porém, em breve naufragou durante um temporal. Em situação tão critica, determinou-se parte da gente a seguir por terra, guiados pelo proprio Ramão. Os indios yarós, conseguindo cortar-lhes a communicação com os botes, após lucta renhida, os destroçaram, matando e ferindo a muitos. O proprio Ramão pagou com a vida a ousadia.

Igualmente infeliz foi a expedição de Martim Affonso de Souza, em 1531, que experimentou na altura do Chuy tão forte temporal que perdeu a capitanea e um bergantim com alguma gente e „não se deixou ficar nas plagas da provincia do Rio Grande, onde o lançou de si o proprio mar.“ Parece que a Providencia havia decretado não passasse o dominio portuguez além do Chuy, assignalando-o com o naufragio de Martim Affonso. O diario de seu irmão Pero Lopes nos permitte lançar um rapido olhar sobre o paiz á margem do Uruguay.

Ouçamos a descripção:

„Terça feira, 6 dias do dito mez (Novembro de 1531) pela manhã se fez o vento sueste e com elle me fiz a véla no bordo de lessueste e á tarde fui surgir defronte da nau. . . Estando aqui. . . vêr se achava rasto de gente: mas nada achei senão rasto de muitas alimarias, muitas perdizes e codornizes e outra muita caça. A terra é mais formosa e aprazivel que eu jámais cuidei de vêr; não havia homem que se fartasse de olhar os campos e a formosura delles. Aqui achei um rio grande, ao longo delle tudo arvoredo, o mais formoso que nunca vi, e antes que chegasse ao mar, um tiro de bésta se sumia. E tomamos muita caça e tornamo-nos ao bergantim. . . depois parecia-me que nos podiamos manter com o mantimento que na terra havia e com o pescado, o mais formoso e saboroso que nunca vi.

„A agua já aqui era toda doce, mas o mar era tão grande que me não podia parecer que era rio; na terra havia muitos veados e caça que tomavamos e ovos de emas e emas pequeninas, que eram muito saborosas; na terra ha muito mel e muito bom; achavamos tanto que o não queriamos; e ha cardos, que é muito bom mantimento e que a gente folgava de comer.“

Entrando no rio, exprime-se por esta forma:

„Quarta-feira, 11 de Dezembro, fui pelo rio arriba com bom vento, e vi um braço pequeno e metti-me por elle, o qual ia a noroeste e neste rio ha umas alimarias como raposas (lontras) que sempre andam na agua e matavamos muitas, tem sabor como cabritos. Esta terra dos Carandis é alta ao longo

do rio, e no sertão é toda chã, coberta de feno, que cobre um homem: ha muita caça nella de veados, emas, perdizes e codornizes, é a mais formosa terra e aprazivel que pode ser.

„Eu trazia commigo allemães, italianos, homens que foram á India, e francezes, todos eram espantados da formosura desta terra, e andavamos todos pasmados que não nos lembrava tornar. Aqui neste esteiro tomamos muito pescado de muitas maneiras, vive tanto neste rio e tão bom que só com o pescado sem outra cousa se podiam manter; ainda que um homem coma 10 libras de peixe, em as acabando de comer, parece que não comeu nada e tornára a comer outras tantas. O ar deste rio é tão bom que nenhuma carne, nem pescado apodrece, e era na força do verão que matavamos veados e traziamos a carne 10 ou 12 dias sem sal e não fedia. A agua do rio é muito fria; quanto o homem mais bebe, tanto melhor se acha. Não se pode dizer nem escrever as cousas deste rio e as bondades delle e da terra."

Não obstante ser paiz tão attrahente, esqueceram-no e tanto que por muito tempo ainda permaneceu na sombra do esquecimento.

O fito que tinham em mira as explorações aventureiras dos hespanhoes, tão ricas em sacrificios de vidas e fortunas, era a communicação com o Perú, o El-Dorado daquelles tempos. Na verdade, mais avisado andaria Caboto, se chamasse o Rio da Prata, Rio do Ouro. Porém, os continuos desastres, devidos quasi sempre á resistencia tenaz e victoriosa dos guaranis, resfriaram emfim o enthusiasmo pela exploração de regiões desconhecidas.

Foi só na segunda metade do seculo XVI, em 1573, que João Ortíz de Zárate emprehendeu nova expedição. Nas bordas do Uruguay experimentou a conhecida hospitalidade dos guaranis, que o proveram de caça, avestruzes e pescado, seu alimento usual.

Mas, quando o chefe hespanhol mandou prender o sobrinho do poderoso tuxava [3]) Sapican, foram os aventureiros vencidos na batalha de S. Gabriel e a victoria posterior de Garay não conseguiu salvar a posição dos hespanhoes, que evacuaram o povo do Salvador. Recahiu novamente o Uruguay num abandono de cinco lustros, que por mais tempo quiçá se prolongaria, se não surgisse em principios do seculo seguinte um estadista extraordinario, americano de nascença, oriundo de uma familia distincta e dotado de caracter energico e esforçado. Tendo exercido influencia decisiva nos destinos do antigo Rio Grande, justo é abrirem-se-lhe aqui de par em par as

[3]) Tuxava ou morobixaba é o mesmo que chefe.

portas da historia. Foi *Hernando Arias de Saavedra* chamado tambem Hernandárias.

Os infortunios, disturbios e ambições desmedidas que encheram o ultimo quartel do seculo proximo findo, tinham patenteado de sobra a necessidade de uma mão firme e bem avisada que empunhasse as redeas do governo.

Os paes de Saavedra pertenciam á primeira nobreza; tanto mais extranho parece, portanto, que o filho não lhes tenha adoptado nome algum. Seu progenitor foi Martinho Soares de Toledo, que governara a provincia do Paraguay antes do adelantado Ortíz de Zárate; a mãe chamava-se D. Maria de Senabria, filha do adelantado do Rio da Prata Juan de Senabria.

De mui joven começou Saavedra a servir o rei com dedicação e habilidade em elevado grau. Diz Lozano que os exemplos de valentia, zelo, piedade e prudencia que esta vida offerece, igualariam em numero aos que a historia nos refere de varios seculos. Magnanimo e cavalheiroso, foi protector constante dos indios indefesos contra vexações e arbitrariedades, zelando entre elles a conversão e ensino religioso; mas sabia tambem humilhal-os, quando vinham em som de guerra, vencendo-os em varias batalhas campaes.

Releve o leitor referir-se aqui um episodio bellico que faz sobresahir tanto o caracter dos indios, como o do nobre guerreiro. Estando já imminente uma batalha, veio procural-o o chefe indigena, homem de compleição herculea e aspecto terrivel para desafial-o com altiva presumpção a uma lucta corpo a corpo, a qual decidiria a sorte dos dois exercitos. Acceitou Hernandárias o repto. Travou-se o combate á vista dos arraiaes, dando ambos os contendores provas de singular destreza em adivinhar os lances ao adversario e aparar-lhe os golpes. Por longo tempo fluctuou indecisa a victoria, até que emfim veio declarar-se a favor do general hespanhol, que conseguiu prostrar por terra ao selvagem e cortar-lhe a cabeça. Os indios não só renderam-se conforme o ajuste, mas receberam o emulo victorioso por entre acclamações de enthusiasmo e admiração.

Pela morte de Diogo Valdez de la Banda, cujo governo de pouca duração nada offerece de notavel, entrou Hernandárias a dirigir os destinos da futurosa colonia, como oitavo governador.

Por entre os cuidados administrativos e emprezas guerreiras que encheram o primeiro periodo do seu governo, mereciam-lhe os indios desvelo especial. Protegia portanto todos os missionarios, dedicando porém um affecto particular aos da Companhia de Jesus.

Attrahiu a attenção do habil estadista a nação guarani, senhora das bordas do Uruguay, já pela valentia com que tinham resistido á entrada dos europeus, já e igualmente pelo desleixo com que os predecessores descuidaram a civilização de gente tão nobre e destemida.

Feitos os preparativos bellicos, poz-se em principios de 1603 á testa de um troço expedicionario de 500 hespanhoes. E vencendo quanto obstaculo a natureza lhes oppunha no longo trajecto de Assumpção ao Uruguay, chegaram á vista do inimigo, o qual em ataque tão impetuoso os acommetteu que lhes infligiu tremenda derrota. Dos pormenores nada nos chegou, parecendo aos historiadores demasiadamente lugubre o espectaculo de meio milhar de hespanhoes extendidos no campo da batalha.

„Nem a cavallaria, nem as armas de fogo, nem a reconhecida habilidade do general e superioridade de tactica resistiram ao desesperado arrojo dos filhos das selvas," diz Bauzá.

Convenceu-se o general derrotado que nenhum hespanhol pisaria o solo daquellas paragens, emquanto o poder da Cruz não sujeitasse ao doce jugo do evangelho tão indomita geração. Foi neste sentido que escreveu á corte. A proposta, examinada e approvada pelo conselho das Indias, agradou a Felippe III, que em carta ao governador, datada em 5 de Julho de 1608, confirmou o plano da conquista pacifica.

„Cedendo aos rogos de Hernandárias, diz Lozano, acceitaram os jesuitas as missões guaranis, que são a coroa mais gloriosa desta provincia e até de toda a Companhia."

Entretanto, devido ao proverbial vagar da administração hespanhola e aos enredos dos invejosos, passou o avisado estadista pelo desgosto de ver retardada a execução da empreza por quasi dois lustros. Após uma administração de nove annos, foi substituido por Diogo Maria Negrón, que, fallecendo já em 1615, teve por successor interino o general Francisco González de Santa Cruz, o qual no breve espaço de dois mezes conseguiu mais que outros em muitos annos.

Apenas se achou Hernandárias livre do peso do governo, retirou-se para Santa Fé, dizendo que já não desejava outra cousa neste mundo além do pão com que se nutrisse, e de um rincão solitario onde cuidasse da salvação de sua alma. Chegado á sua propriedade, reuniu quantos indios possuia e declarou-lhes que eram livres e poderiam servir a quem quizessem. Julgando-se com taes palavras despedidos, começaram todos a lastimar-se, pois tendo-os o amo tratado como pae, preferiram o serviço em casa delle á liberdade por outra parte. O caridoso patrão não teve outro remedio senão voltar, decla-

rando-lhes que não fôra seu intento demittil-os, mas sim expor-lhes o direito que lhes assistia.

Chamado pela terceira vez ao governo por cedula real no anno de 1615, tomou a peito a execução das ordenanças de Francisco Alfaro, que livravam os indios do serviço pessoal, verdadeira magna carta de liberdade, em cuja elaboração tivera elle parte eximia. Deu vista ás casas de Santa Fé, bem como a todas as chacaras e habitações ruraes annunciando aos indios que agora gozavam da mesma liberdade que os hespanhoes; juntamente pedia informações se viviam contentes com seus amos e se delles recebiam os salarios estipulados. Achando muitos hespanhoes atrazados em contas neste ponto, mandou encarcerar uns quarenta, com o que alcançou maior pontualidade nos demais. Quem estava impossibilitado de pagar immediatamente, era obrigado a dar fiança para dois mezes. Afim de evitar as fraudes, exigia que os respectivos pagamentos se fizessem em sua presença, ou, em sua ausencia, perante a justiça. Castigos severos reprimiam as vexações e arbitrariedades no trato com os naturaes, e as multas, que se impunham, redundavam em beneficio dos aggravados.

A todos e a tudo se extendia a actividade do governador. Ouvindo da situação precaria de algumas jovens hespanholas, montou-lhes uma officina, onde lhes fornecia a lã por fiar a proprio custo.

Um corsario hollandez aprisionara na foz do Prata tres navios e continuava a infestar aquellas paragens. Armou contra elle tres embarcações, confiando o commando a seu sobrinho, D. Jeronymo Luiz Cabrera. O corsario, talvez avisado dos preparativos, retirou-se, sem esperar pelo ataque.

Para augmentar entre os indios o respeito devido aos missionarios, visitou pessoalmente a primeira reducção, e á vista dos neophytos e pagãos, foi beijar a mão ao sacerdote com todas as demonstrações de sincera humildade.

Ainda nos resta relatar um facto, que é uma prova eloquente de sua circumspecta previdencia. Numa viagem de Assumpção a Buenos Aires, descobrira um sacco de herva mate que levavam os remadores.

Dissimulou na occasião o desagrado, mas, apenas chegado á cidade, mandou queimar a herva em praça publica, dizendo aos indios: „Não extranheis o meu proceder, é para o vosso bem que o faço, pois o coração está a dizer-me que esta será a fonte de vossa desgraça; oxalá nunca ensinasseis aos espanhoes o uso de uma bebida que tão caro vos ha de custar.“ A historia confirmou as apprehensões do grande bemfeitor dos indigenas.

Vida e Obras

do padre Roque González de Santa Cruz

I

Annos de juventude e sacerdocio

Dentre todas as missões confiadas aos cuidados da Companhia de Jesus, poucas haverá a que coubesse maior quinhão tanto nas bençãos de Deus como na admiração dos amigos e nas calumnias dos desaffectos, do que ás reducções do Paraguay e nomeadamente ás dos Sete Povos Orientaes no Estado do Rio Grande do Sul.

Passamos a narrar a vida do infatigavel apostolo que primeiro regou, com o suor e sangue, campo tão afamado, dando igualmente nova orientação a toda a actividade missioneira na America do Sul.

Infelizmente a escassez das fontes nos veda assistirmos ao desabrochar de tão elevado talento e acrisolada virtude. E' nos dado admirar a arvore gigante cujos ramos abrigaram milhares de selvicolas, mas não ha quem nos diga como brotara modesta e singela e se desenvolveu garbosa na esperança do porvir.

Foi pelos annos de 1570 que a cidade de Assumpção no Paraguay se encheu de contentamento e alegria. Pois uma das mais conspicuas familias da então capital do governo do Rio da Prata celebrava o nascimento e baptismo de um filho e o regosijo que experimentava, se communicou aos demais cidadãos entre os quaes eram communs não só os sacrificios e privações daquelles tempos aventurosos e mal seguros, mas tambem as raras e portanto mais apreciadas alegrias e satisfações.

O menino Roque herdou com a nobreza de sangue a

piedade e inteireza de costumes que distinguiam seus progenitores Bartholomeu González de Villaverde e Maria de Santa Cruz. Deram educação esmerada ao filho, o qual numa pronunciada affeição aos exercicios de piedade seguiu os impulsos da graça, entregando-se ás praticas de devoção. Seu entretenimento predilecto era estar na presença do seu Deus, e chegado aos annos da puberdade, recatou a virtude de forma que conservou a innocencia baptismal, prodigio quasi sem exemplo no meio da dissolução e desenvoltura de costumes, propria a colonias entre gente barbara.

Esta fidelidade, com que correspondia o joven Roque á graça, premiou-a o Creador, derramando com mão prodiga favores extraordinarios sobre aquelle privilegiado coração, parecendo apressar-se a tomar posse desta alma, para que, arrebatada pela formosura infinita, a nada mais aspirasse sobre a terra senão á gloria do Senhor e á salvação das almas.

Um só, mas significativo incidente da sua mocidade nos conservou a historia. Um dia, tendo apenas doze annos de idade, em companhia de dois condiscipulos e amigos, deixou secretamente a casa paterna e após uma viagem de quinze leguas embrenhou-se num deserto. Ao darem os pais com a falta do estremecido filho, foram cheios de angustia em sua procura, receando muito da sua tenra idade e dos perigos dos tigres e outras feras, até que finalmente o encontraram no meio de um denso matto, onde numa ermida com seus camaradas estava a ler as vidas dos santos. Perguntado, por que razão deixara a casa, respondeu que queria servir a N. Senhor e apartar-se dos perigos do mundo; e contra vontade e só a instancias dos paes voltou para o lar paterno.

Dali em diante vivia sómente para os exercicios da religião na igreja e aos estudos e seus livros no seu pequeno e pobre quarto. A communhão frequente elle já naquelle tempo pôl-a em pratica. Era de uma modestia e gravidade tal que ninguem em sua presença usava de uma palavra menos honesta ou indecorosa, e como si fosse já sacerdote, a todos que o conversavam exhortava ao serviço de Deus e a aborrecer os vicios. Alma de eleição, favorecida com taes bençãos do céo, não era para o mundo. Ao seu coração generoso e phantasia ardente representar-se-iam as façanhas e acções heroicas, hoje para nós quasi sobrehumanas, em que no seu tempo os conquistadores rivalisavam; porém longe de invejar-lhes os mimos da fama e gloria, resolve envergar a humilde roupeta de missionario, para que, sobrepujando-os em acções heroicas de ordem superior, levasse sem outras armas que a cruz, a feliz effeito o que nunca teriam conseguido aquelles legendarios protagonistas da conquista.

Estando porém já em idade de tomar as ordens sacras, muito tempo hesitou em dar esse passo decisivo, considerando-se indigno deste alto ministerio, formidavel até a hombros de anjo, de sorte que precisava da animação do bispo diocesano.

Raiando o dia em que pela vez primeira ia offerecer o incruento sacrificio do novo testamento, é impossivel imaginar os affectos de generoso devotamento e santo jubilo que agitaram aquelle coração abrazado no amor do seu Deus. A cidade de Assumpção não pôde conservar-se apathica ante um acontecimento que tão de perto a interessava e acudiu em peso para ver aquelle espectaculo de piedade e modestia, aquelle joven de tão nobre ascendencia, a vergontea de uma das primeiras familias, que durante os annos da juventude tinha sido por suas virtudes a edificação e o encanto da cidade, e si seus patricios não chegavam a imital-o, queriam ao menos demonstrar o respeito que lhes impunha tão illibada virtude. „Chegado o momento de começar o santo sacrificio, se levanta um murmurio surdo no meio do templo e todos pedem como a uma voz que celebre com uma palma na mão,“[4]) symbolo da victoria já alcançada sobre as paixões e, sem o adivinharem, prognostico do martyrio com que annos mais tarde havia de consummar o sacrificio da sua vida, honra excepcional e significação singular de apreço que a modestia do neo-presbytero soube declinar.

Apenas de posse dos grandes poderes sacerdotaes, o P. Roque fel-os fructificar. O methodo que adoptou e o campo que escolheu, logo manifestam seu coração de apostolo. Dedicou-se á missão entre os indios de Maracajú que habitavam as regiões de um tributario da margem esquerda do rio Paraguay, umas trinta leguas ao norte de Assumpção. Sobre o tempo que trabalhou entre elles e a indole desses indios nada referem as fontes; o que é certo é que diversos annos doutrinou e prégou entre elles, convertendo muitos e deixando de si memoria santa que ainda depois de sua morte se conservava.

Encontrando-o em seguida cura da cathedral, podemos suppor que seus patricios, enthusiasmados por suas virtudes, o pedissem para seu parocho. O bispo diocesano, querendo conserval-o nas fileiras do clero secular, nomeou-o vigario geral, facto que determinou ou antes accelerou outro, decisivo para a sua vida, como veremos no capitulo seguinte.

4) *Gambón*, V. S. J. Los tres primeros mártires. . . pag. 7.

II

Entra na Companhia de Jesus — Missão entre indios ferozes

Havia muito tempo que seus pensamentos e poucos dias que seus passos o encaminharam para a porta do collegio dos jesuitas, quando o honroso convite do bispo o moveu a apressar a execução da sua resolução. Renunciando ás lisonjas e honras do mundo, o parocho da cathedral de Assumpção apresentou-se como candidato á Companhia de Jesus no anno de 1609,[5]) julgando achar nella abrigo seguro contra os perigos das prelazias. Contava então cerca de quarenta annos.[6]) „Admirou-se a cidade e o reino e muito ganhou a religião e o noviciado." Outra fonte diz que foi com grande sentimento da cidade por ver o muito que perdia em tal cura e pai.

Mas o seu generoso coração exultava de satisfação de ser admittido e de escrever o seu nome no rol daquella phalange de heroes que, cobertos da humilde roupeta da Companhia de Jesus, já começava a encher a America com o renome de seus commettimentos mais que humanos. Os nomes de Diogo de Torres, Simão Mazeta, José Cataldino, Ruiz de Montoya, Marcello de Lorenzana, Durán de Mastrilli e outros representavam uma pleiade de varões apostolicos do Novo Mundo em cujos preclaros exemplos não tardou em retemperar-se e inflammar-se o zelo do humilde noviço.

Dotado de uma eloquencia natural, habituado como poucos ao manejo idiomatico da difficil lingua guarani, ainda aperfeiçoado na sua missão dos maracajús, tendo já alguma experiencia de tratar os indios, caracter de ferro, moderado pela suavidade e affabilidade da conversação, unindo a essas qualidades naturaes o brilho de uma virtude a toda prova, o P. Roque era fadado como poucos para as emprezas da grande obra e celebre missão entre os indios do Paraguay.

Ainda não completara o tirocinio da nova milicia, quando os superiores, considerando sem duvida compensada a falta do tempo pela solidez da virtude do noviço, mandaram-no para a missão dos guaycurús, campo que demandava dedicação e zelo heroico.

Os guaycurús, nomadas em extremo e sem domicilio fixo, eram entre as hordas do Grão Chaco a mais temida. Sobretudo depois da introducção do cavallo, tornaram-se o flagello dos europeus e das tribus vizinhas, com as quaes mostravam não ter parentesco algum. O idioma era de pronuncia branda, apezar das palavras sesquipedaes que pareciam tirar

[5]) E' incerto o dia, provavelmente em 9 de maio.
[6]) Techo, Hist. Parag. c. VIII. cap. 34.

do fundo do peito. Os homens andavam nús, usando apenas a tanga; as mulheres porém vestiam uma saia, ás vezes guarnecida de caramujos, que lhes descia até o joelho.

Pintavam o corpo e usavam a tatuagem tanto os homens como as mulheres, porém esposas dos tuxavas a restringiam aos braços, deixando a do rosto ás subalternas e escravas.

As casas eram portateis e feitas com esteiras de junco, das quaes sempre tinham boa provisão para os frequentes concertos. Não conheciam a rede, servindo-lhes de cama o couro de veado ou de vacca extendido no chão.

Para amansarem os cavallos, levavam-nos a um pantano, onde montados se cansavam debalde e acabavam por serem domados. Tratavam os cavallos com especial cuidado e adestravam-nos para a caça e a guerra de sorte que possuiam a melhor remonta do Paraguay e os hespanhoes lh'os compravam a bom preço. Desde que introduziram o cavallo, modificaram tambem as armas, adoptando as bolas e exercitando-se no uso do laço.

Em suas migrações orientavam-se de dia pelo curso do sol e de noite pela posição das estrellas, entre as quaes sabiam distinguir os planetas maiores. Celebravam a festa das estrellas á volta dos pleiades, desfazendo nesta epoca todos os toldos e limpando as esteiras para assegurarem a felicidade para o resto do anno.

Segundo parece, criam na immortalidade da alma; sobre o tumulo do chefe matavam o cavallo predilecto do fallecido. Procuravam apaziguar a ira dos maus espiritos; da divindade porém não pareciam ter nem uma idéa vaga. Não tinham leis nem propriamente governo; até na guerra deixavam-se guiar mais pelo instincto da propria conservação do que pelo mando dos seus chefes, conseguindo estes todavia por vezes executar manobras não indignas de um exercito disciplinado e até fataes aos soldados hespanhoes.

Assassinios e mortes injustas não eram punidos, antes era applaudido o malfeitor victorioso.

Não deixavam socegar a população de Assumpção, donde um dia levaram captivas, entre outras senhoras, a propria irmã do governador Hernandárias.

Tal era a gente a que foi mandado o noviço de seis mezes, dando-se-lhe por companheiro um joven sacerdote, o P. Griffi. Se em geral para a catechese dos indigenas se exigiam virtudes solidas, bem se comprehende em que elevado grau as devia possuir quem se destinava á de tão barbara e indomita nação.

Despedindo-se do provincial, este lhe disse: „V. R., meu padre Roque, ainda no noviciado e V. R., meu padre Vicente,

ainda de não muita idade, têm alcançado o que outros, brancos de cans, e veteranos na nossa milicia desejaram com ancia e não podem conseguir." Acompanharam-nos até a praia, onde se embarcaram o governador Hernandárias, parente mui chegado do P. Roque, e a principal nobreza da cidade, assombrados da coragem e alegria com que se iam expor aos perigos certos daquella expedição com o fito glorioso de converter os barbaros cujo furor já tantas vezes tinham experimentado.[7])

Sem duvida teria sido preferivel adiar missão tão espinhosa para quando houvesse á disposição dos superiores maior numero de missionarios. Para inicial-a comtudo sem tardança, moveram ao provincial duas razões: a communicação mais facil com a provincia de Tucuman e a segurança dos colonos, que já desesperavam de poder vencer inimigo tão temivel. Novamente vemos pois confirmada a experiencia antiga que, aonde não chega o poder das armas, ahi se encarrega da conquista a cruz do missionario. O bispo e o governador, approvando o plano, comtudo pouca esperança lhe deram de exito favoravel. Não negava o jesuita a grandeza e variedade dos obstaculos, mas terminou dizendo que em homem apostolico não devia ir tão longe a previdencia que só acceitasse emprezas cujo resultado lisongeiro não admittia duvida.

III

Perigos e obstaculos

Partiram, pois, em fins de 1609 ou principios de 1610 para a região occupada pelos guaycurús os dois missionarios, levando poucos em sua companhia, entre os quaes um indio guarani, que, tendo vivido entre aquelles selvagens, serviria de interprete. Entrando terra a dentro, jornadearam tres dias por entre pantanos e terrenos alagadiços, quando foram percebidos pelos postos de observação, que os annunciaram como vanguarda dos hespanhoes.

Sôa o rebate, de bocca em bocca vôa a nova que os christãos vêm, não instruil-os na religião, mas escravizal-os; convocam-se em conselho os chefes para deliberarem sobre os meios de se evitar qualquer surpresa. Concordaram emfim

[7]) Lozano, Historia de la Compañía de Jesús en la provincia del Paraguay, lib. V, cap. 24.

em mandar espias a Assumpção, para indagarem o verdadeiro intento dos hespanhoes.

O P. Roque, tendo avisado os seus do perigo que corriam, avançou confiadamente como se ao certo soubesse que iam ser optimamente recebidos, e chegando ao primeiro acampamento ou toldo, declarou, por meio do interprete, que viera unicamente para lhes dar conhecimento de Deus e estabelecer uma paz duravel com os hespanhoes.

O interprete acrescentou por propria conta serem os padres protectores declarados da liberdade dos indios. Mas o morobixaba de quanto ouvia não se mostrava movido. Os dois jesuitas, longe de com isto se enfadarem, exprimiram a sua firme resolução de ficarem morando no toldo á discrição dos barbaros, para lhes aprenderem a lingua.

O idioma guaycurú era com effeito uma das primeiras e não a menor das difficuldades que urgia vencer. Ao cahir da noite costumavam os missionarios assentar num canhenho os vocabulos apprendidos durante o dia, para mais facilmente os poderem recordar. Ora os indios desconfiaram do cuidado com que os viam tomar notas durante a palestra com o interprete, e imaginaram que levantavam uma carta do paiz. Já estavam decididos a matal-os, quando o P. Roque, que algo suspeitava, lembrou-se de ler publicamente o que escrevera. Ouvindo que se tratava dum resumo da doutrina christã, até os mais exaltados aquietaram e o chefe parecia impressionado pela simples leitura dos artigos da fé.

Quando ao cabo dum mez julgavam ter grangeado a confiança geral, trataram de transferir a aldeia movel para mais perto de Assumpção, onde o P. Roque fundou uma povoação fixa, assegurando-lhes que nada tinham que têmer da parte dos hespanhoes. A tudo se prestaram os indios, avidos que eram de quanto lhes quebrasse a monotonia do viver quotidiano.

Correu porém a transmigração grave risco, ao divulgar-se que morrera um indigena ás mãos dum hespanhol. O que salvou a vida aos missionarios foi patentear-se em breve a falsidade da noticia e inteirarem-se os indios de que gostavam os hespanhoes de lançar taes boatos. Além disto, quando ouviu o tuxava que por ordem do governador foram presos os novelleiros, arraigou-se-lhe mais no espirito o intento de viver em paz com os europeus.

O primeiro anno passaram os missionarios entre privações incriveis. Era o alimento, á excepção dos animaes peçonhentos, o commum dos indios; a agua pessima e escassa, a casinha estreitissima, armada com esteiras e portanto accessivel a tigres e cobras venenosas. Para remediarem a falta de vi-

veres, tentaram os missionarios aprovisionar-se por si mesmos. Mas em vão. Lavraram um campo e fizeram sua sementeirá de trigo e milho, mas o trabalho da colheita pouparam-lhes os guaycurús, devorando os grãos antes de sazonados.

Respiravam um ar corrompido pela exhalação pestifera dos pantanaes e o cheiro insupportavel do oleo rançoso de peixe com que os indios untavam o corpo. O que porém mais que tudo mortificava os servos de Deus eram os costumes da gentilidade, os ritos de superstição, as noites de embriaguez com vozeria desconcertada e toda a impudencia da lascivia. Foi só pouco a pouco que conseguiram reprimir taes abusos, Explicavam com assiduidade a doutrina, sobretudo aos meninos, tendo muita vez que supprir um signal ou gesto a palavra que não acudia. Mas tudo era falar a surdos e malhar em ferro frio. Veiu-lhes então o céo em auxilio. Declarou-se naquella comarca a peste que, victimando os corpos, a muitas almas foi occasião de salvação.

Os dois padres repartiram entre si o immenso trabalho. Medicos improvisados, sangravam os doentes, e enfermeiros solicitos, proviam-nos de comida e lenha e até chegavam a dar a propria roupa para os cobrir. Caridade tão heroica moveu emfim muitos corações e cincoenta adultos, vendo-se ás portas da morte, pediram o baptismo. Receberam este sacramento igualmente não poucos meninos moribundos e já anteriormente um filho de um tuxava.

Trabalhando desta sorte por pouco menos de dois annos numa missão que com tão escasso fructo respondia a sacrificios de toda a sorte, preludiou o P. Roque ás emprezas gloriosas que depois emprehenderia.

IV

Pacificação dos guaycurús

Neste tempo, em 1611,[8]) chegára o visitador regio D. Francisco de Alfaro, trazendo as celebres ordenanças reaes, que, entre outras disposições, libertavam os indios em todas as provincias da servidão pessoal. Tinha porém o magistrado ordem de regular tudo de forma que não fossem prejudicados os hespanhoes em seus interesses, que consideravam direitos.

8) *Guevara,* Anales VI, p. 2 e p. 158.

Oppondo-lhe ao principio os colonos tenaz resistencia, resignaram-se emfim a pagarem salario aos indios por onze mezes, havendo um de trabalho gratuito, praso que o rei ampliou ao depois a dois mezes. Mas paulatinamente voltou tudo ao antigo estado, que se prolongou, como diz Southey, até á epoca da independencia, a qual veio emfim trazer a liberdade a uma colonia pela metade escravizada.

Voltando porém á viagem de visitação, encontrára o commissario regio em Cordova o provincial dos jesuitas e o governador do Paraguay, os quaes o acompanharam até Assumpção. Já se iam acercando da cidade, quando lhes sahiu ao encontro um grande barco adornado de folhagem e flores em que vinha o filho do morobixaba guaycurú em cujo toldo se hospedara o P. Roque. O chefe influente mandára o filho dar as boas vindas ao illustre hospede e pedir-lhe a permissão de ir em pessoa apresentar-lhe os cumprimentos pela chegada e as homenagens de subdito.

Tão galhardamente desempenhou o joven indio a missão de que vinha incumbido, que encantou a todos a graça nativa das palavras e a distincção ingenita das maneiras.

Em testemunho da inteira fé que Alfaro dava aos protestos de fidelidade, passou com os companheiros para o barco dos indigenas. Nisto sobreveiu o velho chefe, acompanhado do P. Roque e numerosa comitiva. Trazia comsigo mais um filho, pedindo ao padre provincial que lh'o baptisasse. Fel-o o P. Torres, servindo de padrinhos Alfaro e o governador.

Rogou a estes seus compadres o guaycurú que insistissem com o mesmo padre não lhes tirasse o P. Roque. Claro é que pedido tão bem apadrinhado não deixaria de ser recebido com agrado, comtudo declarou o superior previdente que só poderia attendel-o, se os trabalhos apostolicos do missionario não continuassem tão infructiferos como até então.

Declarou em seguida o visitador regio que tanto guaranis como guaycurús, sendo de ora em deante subditos immediatos do rei, não poderiam ser dados em commenda, mas, entregues aos cuidados da Companhia de Jesus, haviam de instruir-se na religião, manter-se na obediencia ao soberano e adquirir a civilisação christã. E, dirigindo-se ao provincial, communicou-lhe que os missionarios empregados nesta tarefa receberiam da caixa regia a congrua dos parochos no Perú. Respondeu o P. Torres que a quarta parte bastaria para religiosos a quem o voto da pobreza lembrava o dever de reduzir as suas despezas. Bellas palavras, que por si só bastam para refutar a opinião tão frequente que o intento dos jesuitas, ao se encarregarem das missões, era o de enriquecerem a ordem.

Seguindo viagem, chegou Alfaro a Assumpção, onde pu-

blicou as ordenações regias. Mal se ausentára porém, quando o povo, attribuindo a autoria moral dos novos decretos aos jesuitas, de tal modo os guerreou que julgaram conveniente retirar-se da cidade. Talvez se aggravasse a situação, se um cidadão dos mais respeitados não désse raro exemplo de desprendimento e obediencia. Com todos os indios de suas commendas apresentou-se ao governador, declarando que antes queria ser pobre do que viver á custa da liberdade alheia. Tão nobre acção não podia deixar de influir na disposição do povo que não só se aquietou, mas tambem convidou os jesuitas a voltar. „Porém o fermento do descontentamento continuou a lavrar, diz Southey, e creando estava um espirito de partido, que nunca mais se extinguiu."

Se a sorte das ordenanças patenteia a fraqueza do governo hespanhol na administração colonial, comtudo põe ella em relevo o espirito de caridade que as inspirara, contrastando vivamente com o systema de exterminio adoptado na America do Norte.

V

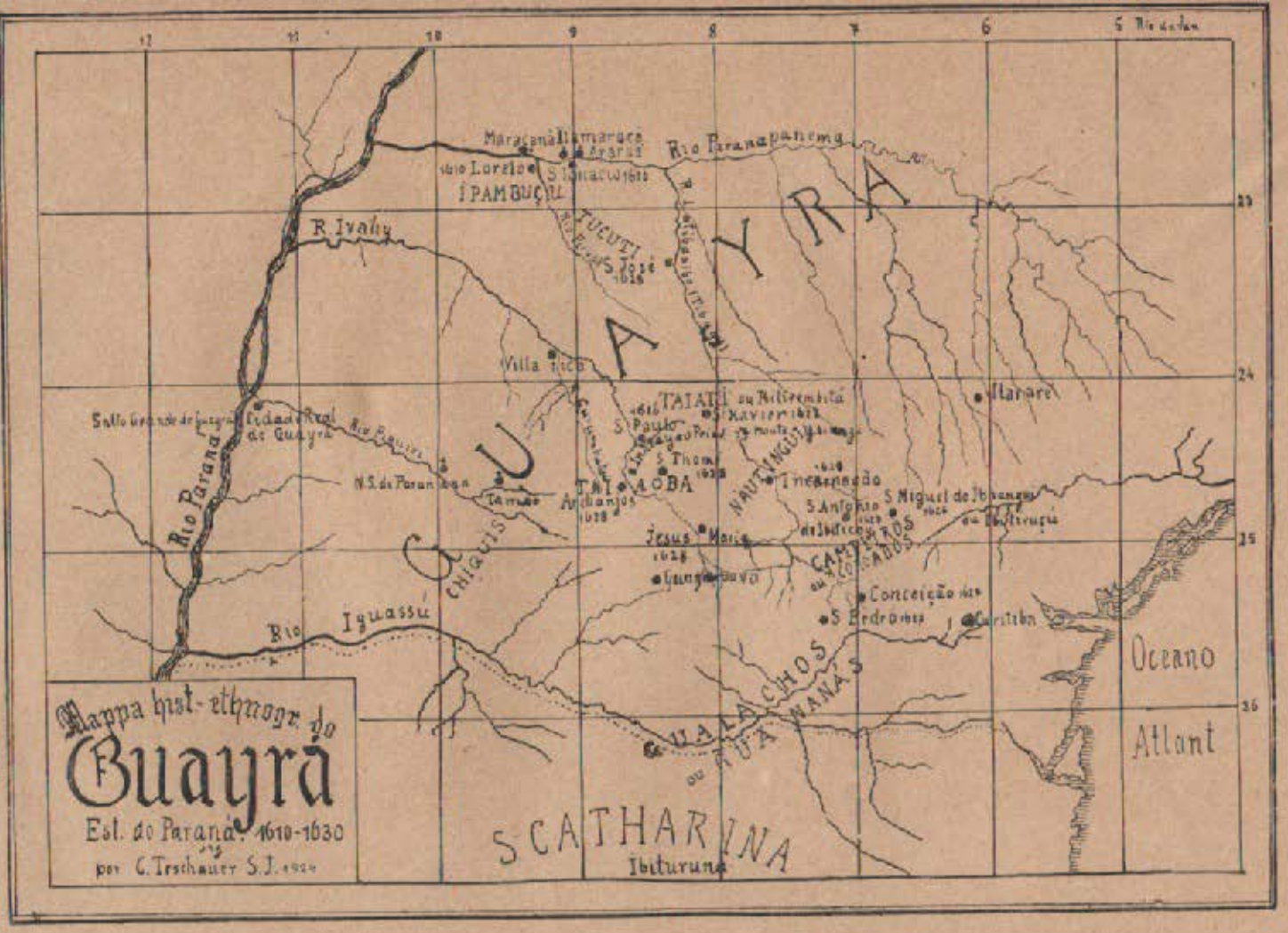
O P. Roque no Paraná

O baptismo do joven guaycurú, que relatamos no capitulo precedente, despertára esperanças, que infelizmente não se realisaram. Mas ao menos conseguira o P. Roque o que tanto desejavam em Assumpção, a pacificação dos guaycurús. Os superiores deram-lhe portanto ordem de dirigir-se para Ignacio-guaçú, doze leguas distante da margem esquerda do rio Paranapanema, no actual Estado do Paraná, reducção fundada pelo P. Lorenzana em 1610.

Logo ao chegar em 1612 [9]) achou o P. Roque a povoação assolada por dois flagellos. Sobre fome devida á má colheita, grassava a variola. Felizmente foi abundante a novidade do anno e tambem o estado sanitario melhorou. Notando, porém, que os galpões dos indios em dias de chuva mal lhes davam abrigo, vencendo toda a opposição, mandou transferir a aldeia para local mais commodo e arejado.

Traçou a planta da nova povoação, dividindo-a em nove quadras, uma para a praça, as outras cada qual com seis edificios de cem pés de frente, contando cinco habitações para

[9]) *Guevara*, Anales VI, p. 124.


Mappa hist.-ethnogr. do
Guayrá
Est. do Paraná 1610-1630
por C. Teschauer S.J. 1924
GUAYRA
Rio Paranapanema
Rio Paraná
R. Ivahy
Villa Rica
TAIATI
TAIAOBA
Jesus Maria
Rio Iguassu
Oceano
Atlant
SCATHARINA
Ibituruna

as familias, que ordenava morassem sobre si. Desta forma foi o P. Roque autor da planta que, ao depois, foi seguida em todos os povos jesuiticos.

Mas onde se esmerou o mais que poude, foi na construcção da egreja, cujo escorço trazia ideado. Fez cortar nas brenhas uns setecentos esteios de mais de quarenta pés de comprido e dois de largo, falquejal-os e, depois de esquadriados, arrastal-os com juntas de bois ao local da obra. Sem mais conhecimentos da arte, além dos que lhe inspirava o zelo da gloria de Deus, era o P. Roque architecto, carpinteiro e pedreiro. O P. Francisco de Valle, seu companheiro, de genio alegre e faceto, nol-o pinta em plena faina numa carta dirigida ao provincial: „O P. Roque por sua caridade é superior a tudo, agora está feito um Salomão, não pensando senão na obra da egreja; é um rei de Tyro, cortando madeiras e conduzindo-as com summo trabalho; mas não pára nisto, porque elle em pessoa é o fac-totum e exerce todos os officios, até o de carreteiro, juntando os bois. Comtudo não se descuidou de ensinar aos indios a cultura de algodão."

Causava pasmo aos vizinhos a belleza da nova povoação, que em breve augmentou consideravelmente, pois, attrahidos pelas commodidades que offerecia, muitos dos visitantes pediam serem alistados entre os catechumenos.

Da grande pericia com que dirigia o P. Roque a administração interna, dá-nos idéa o facto de ter sido elle o primeiro que introduziu o castigo corporal no regimento das aldeias, como refere o P. Guevara para o anno de 1613.

Passado o periodo da fundação, metade de 1614, empregou o zeloso missionario as horas de lazer em diversas traducções para a lingua guarani, em que era sobremodo versado. Falaremos mais adiante desta sua actividade.

No meio do afan e fadigas da fundação, o P. Roque não descurava nem os exercicios espirituaes nem a cura d'almas dos seus guaranis, conforme elle mesmo relata numa carta ao provincial, P. Torres: „Quanto ao espiritual, escreve elle, por mais occupações que temos tido, nunca faltamos aos nossos exercicios espirituaes e seu methodo, e no que toca ás almas de nossos filhos, temos exercido todas as obras de caridade que pudemos; porque entre esses pobres indios necessariamente se exercem todas; e os que estão entre elles, não só têm de ser paes da sua alma, mas tambem têm de cuidar de seu corpo, não esperando retribuição humana senão a celestial gloria, que não fenece e que unica procuramos. Faço-lhes pratica cada domingo e festas que guardam, ensinando-lhes a doutrina antes de ouvirem missa; enterramos e dizemos missas pelos defuntos; visitamos e curamos os enfermos; ensinamos os meninos e as

meninas. Os meninos de escola são cento e cincoenta e outras tantas meninas, sinão mais; todos esses apparecem cada tarde na igreja, separados os rapazes das raparigas, rezando duas horas e assim sabem muito bem as orações e o catecismo e muitos ajudam a missa e agora com a vinda de V. R. começaremos a ensinar-lhes a ler, escrever e contar. Emquanto os meninos estão rezando essas duas horas, acompanham-n'os os catechumenos e depois de sahirem os meninos, ficam os catechumenos mais uma hora para serem instruidos e catechizados para o baptismo."

Não só da grei, mas de cada ovelha cuidava este bom pastor. Abundando as cobras venenosas, foram em um anno mordidas não menos de doze pessoas; um indio ficou a seis leguas de distancia da reducção completamente paralisado, de sorte que seus companheiros não poderam trazel-o e resolveram deixal-o no matto e só depois de dois ou tres dias avisaram o P. Roque. „Logo parti, escreve na citada carta, com toda a pressa possivel para vêl-o, ainda que sem esperança de encontral-o vivo, porque seus companheiros disseram que a vibora que o tinha mordido, era muito venenosa e além disso havia muitos tigres que o podiam ter devorado; apezar de tudo eu resolvi ir vel-o, ainda que com o dito receio de não encontral-o mais em vida. Chegando ao logar onde o tinham deixado, duplicou-se-me a pena e receio, porque vi na vizinhança muitos corvos que, pensava, se teriam cevado no corpo morto; cheguei e achei-o estendido no chão, nú e cheio de cinza, com que nas ancias do soffrimento se tinha manchado; pois os companheiros lhe tinham accendido uma pequena fogueira ao retirar-se; a bocca e o nariz estavam cheios de cinza e capim. Vi que se não mexia e, chamando-o, não respondia: tive-o por morto, ainda que o coração me dissesse que não o estava; mandei vir agua, lavei-lhe a bocca, o nariz e os olhos que tinha cerrados de sangue que o veneno fizera brotar. Pareceu-me que olhava para mim; e elle começou a respirar e, assim que abriu os olhos e me reconheceu, animou-se tanto que parecia ter visto um anjo do céo; disse-me que queria confessar-se; fel-o muito bem e apenas acabei de dar-lhe a absolvição, deu sua alma ao Senhor e eu fiquei com a maior consolação que jamais me parece tenho tido em minha vida, por testemunhar caso tão singular da providencia de N. Senhor para com as suas creaturas. Enterrei-o com o auxilio dos indios que levava e colloquei uma cruz sobre o seu tumulo e voltei muito contente para a reducção."

Releve o leitor essa citação algo extensa e circumstanciada; pois nada caracterisa melhor o bello e apostolico coração do P. Roque González.

No fim da sua extensa carta, depois de exprimir sua satisfação pela docilidade dos indios de S. Ignacio, narra como acodem regularmente á missa dos domingos e festas que celebram com muito prazer, mas particularmente a do padroeiro da igreja e da reducção que é Santo Ignacio ao qual têm muita devoção; gabam-se de tel-o por orago, chamando-se com innocente desvanecimento os do povo de S. Ignacio.

Para a festa preparavam-se muitos dias, levantando arcos na praça, onde havia de passar a procissão. Sahiam na vespera a cavallo e á noite faziam grande illuminação e estrepitoso alarido com flautas, campainhas, tambores e trombetas; e todos a uma chamavam por S. Ignacio, parecendo estarem fóra de si de contentes. Mas o que levou o regosijo ao auge foi verem subir uns foguetes, cousa inteiramente nova para elles. Desta forma passaram toda a noite em claro, ultimando os preparativos.

No dia da festa apinhou-se a igreja de gente, de sorte que muitos tiveram que ficar fóra. Depois da missa cantada começaram as danças apropriadas. Muito agradaram uns rapazes pintados e adereçados com gosto, que vieram em nome dos tuxavas principaes do povo com seus presentes de papagaios, perdizes, porcos, tatús e outros animaes para offertal-os ao Santo. „Direi, continua o P. Roque, o que disse o primeiro menino ao Santo. Vinha em nome do morobixaba principal que se chama Diogo Anhagara que quer dizer — dia do diabo —; tomando, pois, o menino a etimologia deste nome, disse ao Santo que vinha em nome de Diogo Anhagara para dar-lhe as graças do que por sua intercessão havia recebido, tendo-lhe por intermedio de seus filhos amanhecido o dia de Deus, a elle e a seus subditos, passado já o dia do diabo, que elle era antes da sua conversão.

Depois seguiram os outros meninos, observando a mesma ordem nos seus presentes e ditos segundo os nomes dos tuxavas. Acabada essa cerimonia, sahiu a procissão em boa ordem, indo um andor ricamente enfeitado e nelle a preciosa reliquia com que V. R. os mimoseou e ao pé da reliquia uma bella imagem de N. Santo Padre, propriedade da reducção. Levaram o andor quatro tuxavas com suas camisas grandes que lhes emprestamos para a festa. O prestito passou por baixo de arcos muito bem adornados e vistosos pela variedade de fructos e animaes de caça que os rodeavam, tendo-se esmerado os indios em levar vantagem uns aos outros.

VI

Fundação de Itapúa

Os neophytos de S. Ignacio viviam em continuo sobresalto, por causa dos selvagens indomitos do Paraná inferior, os quaes tambem obrigavam a levar forte escolta a quem vinha de Tucamán.

Tamanho era o odio que votavam aos christãos que parecia ser obra de indios apostatas e transfugas das missões. Já o P. Lorenzana tentára travar relações com inimigo tão feroz, mas a honra de annunciar-lhes o evangelho estava reservada ao nosso heroico desprezador de perigos e mestre eximio no trato com os indigenas. Levando por unica arma uma cruz e um quadro da Virgem intitulado „A Conquistadora", emprehendeu a conquista espiritual daquella região em que as armas hespanholas debalde procuraram penetrar.

Em dois de janeiro de 1615 poz-se a caminho que o levou por um terreno pantanoso e quasi intransitavel até que se poude embarcar em canoa que o conduziu á lagôa de Apupe, chamada de S. Anna pelos conquistadores, a mesma que hoje é conhecida pelo nome de Iberá. Chegaram uns indios dos arredores, convidando o missionario lhes designasse um local onde construissem uma povoação. Como anteriormente lhes tinham prégado o evangelho padres franciscanos, mas que não os tinham mais visitado, seja pelos continuos ataques dos indios paranás, seja por outros trabalhos de maior importancia, parecia conveniente primeiro entender-se com elles. Baixou, pois, á cidade de Corrientes e combinaram os padres franciscanos que, se no prazo de seis mezes não enviassem missionarios de sua ordem, poderia tomar posse em nome da Companhia.

Satisfeito com a resposta volveu á lagôa e consolou seus habitantes, dando-lhes a palavra que em pouco tempo veriam cumpridos os seus desejos.

A posição deste sitio parecia ao P. Roque tão favoravel para as expedições apostolicas, que o considerava como chave de toda a bacia do rio Paraná e, caso seus planos malograssem, tencionava fazer da futura povoação o seu refugio. Ainda não tinha passado o mez de janeiro quando partiu Paraná acima e tendo subido quarenta legoas, não tardaram os indios a tolher-lhe o passo num estreito guarnecido de numerosas ilhas. Estavam pintados como para a guerra e brandiam seus arcos, macanas e lanças. O morobixaba, dirigindo-lhe a palavra, perguntou como ousara entrar sem armas numa terra por onde nem os exercitos hespanhoes conseguiram passar, pagando sempre a ousadia com a morte quem se atrevera a

devassar aquella região. Se vinha para prégar um novo deus, soubesse que elle, o morobixaba, era senhor absoluto de quanto via.

Nem o apparato bellico de tanta gente, nem as bravatas do chefe atemorisaram o P. Roque, que, cheio de zelo, declarou haver um só Deus e senhor do céo e da terra, accrescentando que o missionario não temia quantas armas traziam e bem as dispensava para si quem vinha para lhes fazer bem, tornando-os filhos de Deus pelo baptismo. Tanta placidez havia no rosto e persuasão tão santa nas palavras, que os selvagens, esquecidos do seu natural indomito, lhe deram livre passagem, e alguns até lhe pediram a graça de os fazer christãos. Mais adiante teve que vencer igual resistencia e emfim encontrou, num sitio chamado Itapúa, a quatro tuxavas com numero consideravel de subditos. Tambem ahi triumphou a santa intrepidez do missionario, que, achando o local aptissimo para uma reducção, erigiu uma grande cruz.

Desejando, porem, dar o mais cedo possivel noticia de sua proxima viagem ás autoridades seculares e ecclesiasticas, apressou-se a voltar para Assumpção, onde tambem esperava receber quanto necessitava para a nova fundação.

Mal os indios souberam de seu regresso, levantados por um apostata, declararam guerra aos tuxavas de Itapúa, por terem hospedado o estrangeiro, e marchando sobre elles, tentaram derrubar a cruz ha pouco arvorada. Mas os Itapuanos, cercando-a em derredor, defenderam-n'a, apesar de pouco numerosos, com tal denodo e felicidade que, não perdendo um só homem, puzeram em fuga os aggressores. (Vide ns. I e II).

Por morte de D. Diego Martín Negrón, em 1615, veiu a governar interinamente a provincia do Paraguay, o irmão do P. Roque, D. Francisco González de S. Cruz. Desejando augmentar o lustre de sua casa, decidiu-se a sujeitar aquella região do Paraná ao dominio hespanhol. Após larga conferencia com o irmão, o autorizou a fundar quatro povos nas margens dos rios Paraná e Uruguay, a levantar capellas e até a prover os cargos de administração civil. O provincial, além dos vasos sagrados, forneceu a ferramenta necessaria.

A pequena caravana, voltando, chegou na vespera da festa da Annunciação de 1615 sã e salva a Itapúa,[10]) onde fica a hodierna Villa Incarnación em frente a Posadas, capital das

[10]) Informe del P. Provincial Manuel Querini al Rey D. Fernando VI, sobre el estado de la provincia del Paraguay en 1750. — Tanto Gay, Rep. Jesuit. cap. 20, art. 1.°, como Moussy, Descript. de la Conf. Argentine, III. pag. 662, reproduzindo ambos o erro de Azara (Descripción e Hist. del Paraguay, c. 13, pag. 357) fazem fundar a reducção de Itapúa em 1614.

Missões Argentinas. O P. Roque que ouvira da bocca dos Itapuanos o que tinha acontecido, louvou-lhes o valor e o respeito com que na sua ausencia tinham defendido a santa cruz. No dia seguinte consagrado á incarnação do Verbo divino (dia particularmente memoravel para o padre como anniversario da sua primeira missa) celebrou em uma pobre choupana o incruento sacrificio que offereceu pela conversão dos seus Itapuanos. As circumstancias do dia e de sua devoção ao mysterio determinaram-n'o a consagrar a nova povoação a N.ª Senhora da Incarnação de Itapúa. Deram-lhe os tuxavas uma casa de taipa que tambem serviria de capella interina. Correu elle as immediações e mandou emissarios para mais longe, convidando os indios a virem residir em Itapúa. Desde já conseguiu reunir numero regular. Quando no fim do anno chegou o P. Boroa, marcaram o terreno para o novo povo, e iniciaram-se todos os trabalhos que já descrevemos nas transmigrações de S. Ignacio, como sejam derruba, falquejo e carretagem de madeira, transporte não raro braçal dos outros materiaes, principalmente barro e palha para a edificação das primeiras casas e do templo, grangeando nisto a coadjuvação dos indios mais pelo exemplo que por palavras. E sobre tanta fadiga havia falta do mais necessario; o alimento ordinario eram cardos ensossos e farinha de pau, como denominam os hespanhóes a que nós chamamos de mandioca. Para accrescentar e variar lista tão breve, juntaram umas hervas, de que viam comer os papagaios, o que induziu os indios a alcunhal-os com o nome destes trepadores.

Acabado o templo, a elle se transladou o quadro de N. Sra. a Conquistadora. Certamente iam quebrando o poder do inimigo de todo o bem os santos mysterios do nosso culto, que agora se celebravam com mais regularidade; mas taes e tantas eram ainda as adversidades que parece milagre não terem succumbido os missionarios.

O fructo de tão heroica paciencia não se fez esperar. Mais de seis mil pessoas chegaram a baptisar-se, numero muito superior ao de outras reducções.

Que as „fabulas jesuiticas" tinham curso já muito cedo tambem na America do Sul e até entre os selvagens, é facto que a historia por vezes attesta. Assim agora os indios jarós espalhavam contra os missionarios que escondiam entre seus livros e papeis um veneno muito energico de que em certas occasiões lançassem mão com exito seguro. Não tendo idéa o P. Borôa de tal balela que corria e querendo explicar a dois indios vindos de fóra um mysterio de nossa fé com maior clareza, tomou seu livro em que tinha algumas estampas. Começou a olhal-as e os indios a fugir; chegou-se mais perto

e elles recuaram medrosos; chamou-os, mas debalde, debandando com assombro dos ademanes carinhosos do padre: retiravam-se do supposto veneno. Só pouco a pouco desimpressionaram-se da dita invenção dos jarós.

VII

Fundação de S. Anna — Visita do governador

Passados mais de seis mezes e não tendo apparecido missionario algum na lagôa de Apupe ou S. Anna, resolveu o P. Roque, segundo a combinação, fundar aqui nova reducção na segunda metade do anno de 1615. Entregando pois Itapúa, cuja fundação se podia considerar acabada, aos cuidados do P. Boroa, atravessou, seguindo o curso do rio, as trinta legoas que o separavam da lagôa, com mais ousadia que segurança; pois eram habitadas por indios ferocissimos, aos quaes comtudo chegou a prégar o evangelho. Os apupenses receberam-n'o com os braços abertos como a um anjo do céo e por certo o era daquella terra que ia conciliar com o céo, estando convencidos que podia livral-os de toda a sorte de vexações a que andavam expostos.

Reuniram-se os dispersos no sitio que lhes designára o padre, construiram-lhe casa e capella, lavraram uma roça commum e trabalharam com tão desusada actividade que ao cabo de quatro mezes contava a nova povoação seiscentos visinhos.

Chegou neste comenos a noticia da reeleição de Hernandárias e julgou o P. Roque ser de grande utilidade conferenciar com homem tão bem intencionado sobre a grande obra que trazia entre mãos.

O excellente estadista havia pouco lhe desposara a irmã, esperando talvez encontrar nelle mais decidido apoio para o plano predilecto da sujeição do Paraná ao dominio hespanhol. Dissuadiu-lhe, porém, o padre o intento por inopportuno, ponderando não estarem os indios sufficientemente preparados, antes andarem desconfiados por uma balela de serem os missionarios espias dos hespanhoes e bem poderia a precipitação deitar a perder completamente o que circumspecção, paciencia e tempo haviam de alcançar; emfim não faltava por outra parte vasto campo para o zelo e talento administrativo. Hernandárias, porém, obstinou-se em que tudo se preparasse para recebel-o a elle e mais um destacamento de cincoenta hespanhoes.

Cumpriram-se ordens tão formaes. Chegados a Itapúa, saudaram os soldados a cruz com salva de arcabuzes e honras militares e entrou o governador pela aldeia e templo, que tinham adornado, quanto a pobreza o permittia. Refere Techo que Hernandárias dirigiu aos companheiros as seguintes palavras: „De joelhos demos graças ao Senhor, pois ao poder da sua cruz é que devemos pisar hoje esta terra, que a espada e a valentia hespanhola não conseguiram conquistar em muitos annos." (Livro V, cap. 6). Agradecendo em seguida aos missionarios o zelo, os felicitou pelo resultado obtido; aos indios, porem, exhortou ao respeito e obediencia, dando elle proprio, como já em outra occasião referimos, o exemplo de humilde deferencia.

Mas, entretanto, já se iam realizando as apprehensões do experimentado P. Roque; pois os indios da outra banda do rio, descontentes da visita governamental, tomaram attitude hostil, o que obrigou Hernandárias a retirar-se no mesmo dia que chegára, pretextando urgencia de voltar para Assumpção.[11]) Trezentos indios, porem, lhe tinham armado uma espera e o teriam atacado, se não interpuzesse o P. Roque toda a autoridade. O governador, esperando ainda grangear as boas graças do chefe indio, lhe offereceu, em nome do rei catholico, um bastão como insignia de commando, com que lhe conferia a autoridade de chefe supremo em terras do Paraná. Desdenhosa foi a resposta do régulo: „Até agora, retrucou, exerci esta supremacia sem aquelle pau; portanto não lhe vejo, para o futuro, serventia alguma."

A visita, se merece este nome a estada tão rapida como timida do governador, ainda annos depois deu ensejo a um pleito renhido entre a cidade de Assumpção e os padres da Companhia. Pretendiam os moradores desta cidade o dominio sobre os Itapuanos pelo titulo de conquistadores de Itapúa. Negaram os padres como insubsistente a razão allegada e os de Assumpção a provavam com a visita do governador Hernandárias, a que qualificavam de conquista, pretendendo que entrar e vêr indios já reduzidos era o mesmo que conquistar rebeldes. Correu o pleito as vias ordinarias e diversas instancias, mas o supremo tribunal decidiu em favor dos indios.

Quando o governador chegou a Apupe, tinham por fim voltado os franciscanos, que fizeram valer o seu direito de prioridade, accrescentando que tencionavam transferir os ha-

11) Veiu, viu e sahiu de Itapúa o mesmo dia de sua chegada: veio temeroso, vio admirado e sahiu receiando um ataque daquelles mansos cordeiros. Que não temeria quando eram bravos leões? pergunta Guevara. Hist. do Paraguay. Anot. VI p. 193. — A nota de Groussac, sobre descabida aqui, não resiste á critica.

bitantes para uma aldeia proxima, á qual faltavam moradores. Consentiu o P. Roque, pois a Companhia de Jesus tinha a cultivar campo vastissimo.

De volta de S. Anna fundou o P. Roque em 1616 outra reducção na região denominada Jaguapua quatro legoas distante de Itapúa, donde a visitavam os missionarios, emquanto nella não estabeleceram residencia. Eram essas duas povoações uns como postos avançados que ligavam a capital da colonia como o Paraná. Deste modo penetrando as brenhas millenarias, o P. Roque abriu caminho á civilização, intento que as armas hespanholas, mui longe de o conseguir, nem sequer tinham ousado por espaço de mais de um seculo.

VIII

Expedição ao Alto Paraná

Em principios de 1617 o novo provincial, P. Oñate, encarregou o P. Roque duma expedição Paraná acima, recommendando-lhe explorasse as ribanceiras com o duplo intuito de achar os sitios mais aptos para novas fundações — questão sempre tida em conta de importantissima — e de indagar simultaneamente a indole e disposição das tribus indigenas. Nenhum europeu lá chegara e os proprios neophytos tal medo tinham aos habitantes daquella região, que recusaram terminantemente acompanhar o intrepido explorador sacro. „Porque, diziam, com tanta pressa nos queres levar para o açougue? Aonde vaes com os olhos fechados? Sejam teus guias os que desejam ver-te morrer; pois nós, que te amamos, jamais tocamos nos remos nem te damos viveres nem embarcações. E' a perfidia dos pagés, a perversidade dos apostatas e o odio que os indios guardam aos europeus que nos impedem de acompanhar-te. Não se devem qualificar de desobedientes aquelles subditos que, não obedecendo a seus donos, teem em mira o bem destes."

Porém o P. Roque respondeu resolutamente que levaria a cabo seus intentos, sem temor da morte que lhe era bemvinda por Christo.

Viu-se, pois, obrigado a dirigir-se ás aldeias administradas pelos franciscanos. Mas os indios que, attrahidos por grandes promessas, annuiram, logo desanimaram com o que ouviram aos Itapuanos.

Nesta situação embaraçosa offereceu-se um recurso donde menos se esperava; apresentou-se contra toda a espectativa Arezipandú, tuxava de Santo Ignacio. Este indio outrora o guia dos missionarios, o maior zelador da fé na reducção, e christão modelo deixára-se seduzir pelo influente tuxava Tabacambi, conjurando-se com elle para a ruina da florescente christandade. Mas ainda a tempo cahira em si o apostata e pedira humildemente perdão, estando agora resolvido a resarcir e compensar a infamia da sua apostasia por esta acção heroica. Animado pelo P. Boroa, viera com doze dos seus pôr-se á disposição do P. Roque, affrontando a morte em prol da propagação da fé — resolução heroica que moveu a doze moradores de Itapúa a seguir-lhe o exemplo. Com tão diminuta comitiva emprehendeu a exploração, como nol-o attesta numa carta ao P. Valle.

Apenas tinham vencido umas dez leguas, soou alarido bellico, ouviu-se o som de buzinas e viram-se subir columnas de fumaça, signaes que todos sabiam ser de alarma. Succederam as peripecias já por vezes descriptas: grande tropel de indios chefiados por varios tuxavas, a passagem do rio tomada por chusmas de selvagens pintados e armados para guerra e todo o arsenal de armas indigenas, brandidas por entre uivos de ameaça. Quando os companheiros do padre a primeira vez toparam com tão temeroso apparato, faltou-lhes o esforço, a ponto de exigirem prompto regresso.

Animava-os o P. Roque González, dizendo: „Se Deus estiver comnosco, quem será contra nós? Faça-se a sua santissima vontade, porém confio que nos ha de salvar, favor que cumpre peçais com preces fervorosas.“ Apenas o chefe indio, depois de ouvido o fim da empresa, intimára aos viajantes que voltassem, affoitamente respondeu o padre que não viera para ceder ao primeiro obstaculo, tinha de executar ordem superior e, como ministro de Deus, havia de cumprir com o dever sagrado. Interveiu o sobrinho do morobixaba e, receando o velho Arepizandú alguma violencia, com ares de quem manda, rogou venia de passar, porque o padre era o grande bemfeitor dos indios, que entre elles nunca offendera a quem quer que fosse. De facto puderam seguir avante, mas não tardaram a encontrar outros selvagens capitaneados por tres apostatas, os quaes sahiram ao encontro do missionario, dando declaração categorica que dispensavam ouvir o antigo estribilho que lhes vinha salvar as almas, sendo que não pretendia na realidade senão entregal-os aos hespanhoes. Enchendo-se de santa indignação, respondeu o P. Roque com a explicação dos principaes mysterios da fé, com que conseguiu apaziguar algum tanto os indios.

Proseguiu o padre sua navegação rio acima. As aguas

lhe franquearam o passo, mas as ondas dos gentios, diz Guevara, que das margens o ameaçavam com feros esgares, procuravam pôr a pique ou destroçar-lhe a embarcação. Tabacambi, morobixaba poderoso de um povo ribeirinho a que impoz seu nome, convocou duzentos guerreiros e enviou-lhe um sobrinho ao qual instruira na arte de enganar. Para ganhar tempo e não deixar fugir a quem já considerava presa sua, ordenou-lhe detivesse o P. Roque com o pretexto de que não fora prevenido da sua vinda. Não escapou ao missionario a astucia; porém oppondo dissimulação á dissimulação, mandou dizer ao chefe indio que agradecia a attenciosa urbanidade e esperava as ordens de entrar. Effectivamente foram dadas quando Tabacambi tinha reunido sua milicia para a recepção. Collocou em duas alas seus guerreiros armados de arco e flechas e adornados com vistosas plumagens de avestruz, unico enfeite admittido quer em festa quer em guerra; extendiam-se desde o povo até á margem do rio, deixando no meio uma larga e comprida rua, onde havia de passar o padre, aos olhos dos selvagens já sacrificado á paixão do chefe. Este appareceu com seu distinctivo particular, insignias de sua majestade e dominio: uma camisa larga que lhe pendia dos hombros até os talões, uma especie de diadema de plumas e por sceptro um varapao comprido em que se apoiava. Passou do seu palacio ou antes tugurio pelo meio de seus subditos até á margem do Paraná donde sahiu o P. Roque; saudaram-se mutuamente, porém com intenções bem differentes; o padre com a sinceridade de varão apostolico; Tabacambi, porém, com dissimulação, só esperando o momento proprio para dar o signal de acommettel-o com barbara ousadia.

Chegados á casa do morobixaba, começou este a pôr por obra seus dislates, proferindo phrases bombasticas e ocas de sentido, quando o missionario, revestindo-se de santa intrepidez, com auctoridade e apostolica altivez interrompeu o loquaz orador mais ou menos assim: „A ti, Tabacambi convem ouvir-me como a ministro do Todo-poderoso, cujo embaixador eu sou, para te annunciar sua palavra que deves ouvir com reverencia e executar com promptidão.“ Estavam presentes os guerreiros de Tabacambi, sim armados, mas sem animo de manejar as armas que empunhavam e admirados do santo arrojo do P. Roque, da resignação e paciencia do seu chefe esperavam em vão o signal combinado. Ninguem ousou interromper o missionario e quando concluira, declararam-se muitos em seu favor e supplicaram-lhe que os não desamparasse. Prometteu visital-os; porém, por emquanto, disse, chamava-o o dever aos demais povos para annunciar-lhes a boa nova. Tabacambi e seu sobrinho quizeram oppor-se a isso,

porém o padre fel-os calar. Ninguem fez mais opposição; sahiu do porto em demanda da terra de Acancurú „tão antigo apostata como máu e perfido christão.“ Confiando na protecção de Deus ousou o missionario entrar e se não conseguiu converter o chefe, este lhe franqueou a passagem rio acima. Mas vendo o P. Roque tão pouco dispostos os indios daquellas regiões, resolveu regressar convencido que, antes de prégar-lhes o evangelho, urgia ganhar-lhes a affeição com toda a sorte de beneficios.

Toda essa tão difficultosa como perigosa expedição effectuou-se em um mez, conseguindo em tão pouco tempo o glorioso apostolo o que nenhum dos valorosos capitães, quantos se celebrizavam no Paraguay, alcançou em mais de sessenta annos. O imperterrito missionario explorou o Alto Paraná e abriu-o á navegação desde Itapúa até os celebres saltos de Guayrá entre o 24° e 29° de latitude meridional.

Não sabemos o que admirar mais, se a santa intrepidez deste grande varão e o dominio que exercia sobre os selvagens, ou a rapidez com que venceu as distancias e os inumeros obstaculos, amparado pela protecção divina que a tudo presidiu.

IX

Peste e outras provações

Grande foi a consolação do P. Valle que se achava em Itapúa, ao tornar o companheiro salvo de tamanhos perigos por quem tantas vezes offerecera o santo sacrificio da missa. Arepizandú e seus magnanimos amigos receberam os encomios tão justamente merecidos. Mas a occasião não era para festas. A fome dispersára os moradores pelas mattas e Itapúa estava deserta.

Ao que parece ainda não tinham os missionarios a praxe, depois tão corrente, de abastecer os neophytos com viveres ou, quem sabe, ainda não conheceriam o appetite ou antes a voracidade dos indigenas. Tornou á adeia a maior parte dos habitantes, mas o alimento improprio, a que os obrigára a fome originou um mal pestifero que atacou a muitos, entre elles ao P. Valle. Cahiram em peso sobre o P. Roque os trabalhos, que já por duas vezes experimentára e de que tornou a dar conta com sua saude ferrea e paciencia invencivel.

Teve a satisfação de abrir a muitos moribundos a porta do céo pelo baptismo. Aproveitando esta circumstancia, os pagés ou feiticeiros divulgaram entre aquella gente simples que o baptismo dava morte certa. Acharam fé entre alguns

neophytos. Uma mãe lavou por diversas vezes seu filho baptizado, como para tirar-lhe uma mancha damninha. Outra india oppoz-se com tanta vehemencia, que descarregou contra o P. Roque uma paulada, que não acertou. Um indio por igual motivo arrojou-se a elle e tel-o-ia deixado em estado lastimavel, se não fosse soccorrido por outro. Os pagãos odiavam aos missionarios e lhes prohibiam de entrar nos seus toldos. Finalmente refugiaram-se com seus filhos ás mais densas e emmaranhadas brenhas. Porém não desanimou o homem de Deus, envidando antes todo o esforço de sua energia e caridade.

Qual pae que não teme as ameaças dum filho que enlouqueceu, desprezava todos os perigos, corria as povoações, cruzava os campos, penetrava os mattos e, aonde não podia chegar em pessoa, mandava neophytos zelosos, convidando os fugitivos a voltar e inculcando-lhes a necessidade do baptismo. Triumphou o incansavel desvelo; todos os moribundos, com excepção de vinte obstinados, se fizeram baptisar.

Um catechumeno, que andava longe da aldeia, sentindo-se atacado do mal, embarcou, sentando-se a cavalleiro sobre um tronco que rolára para o rio. Ao chegar a Itapúa, foi avistado e levado á presença do padre. Pouco depois de baptisado, expirou o neophyto fervoroso.

Mal se restabelecera o P. Valle, navegou o P. Roque rio abaixo, devassando ribanceiras e ilhas na extensão de setenta leguas, onde conseguiu baptisar a muitos.

A epidemia grassou tambem na região do Paraná, donde elle tivera que regressar pouco antes, e a mortalidade foi grande, accrescenta o P. Techo.

X

Inicio das missões no Rio Grande do Sul

Já relatamos as tentativas infructiferas de Ortiz de Zarate na segunda metade do 16.º e de Hernandárias em inicios do seculo seguinte, para sujeitar á dominação hespanhola as terras ao longo do Uruguay. O triumpho que debalde intentaram as armas, havia de alcançal-o a cruz, e os primeiros louros regados do proprio sangue colheria quem sempre a levava na mão e lhe trazia a invocação com feliz prognostico no appellido.

A fama das florescentes reducções sobre o Paraná penetrara até a região na margem oriental do Uruguay. Desejosos de se convencerem com os proprios olhos da verdade do que

ouviam dizer, chegaram a Itapúa alguns indios da banda oriental, pretextando commerciar com os reduzidos e conhecer os missionarios. Acolheu-os o P. Roque o melhor que poude e, vendo a boa impressão que de tudo recebiam, entrou a pensar em estender o systema das reducções á patria daquelles hospedes curiosos. Diminuto era o numero dos missionarios, mas o provincial, reconhecendo a alta importancia de se abrirem tão vastas regiões á prégação do evangelho, consentiu em que fosse o conquistador sacro ás terras do Rio Grande. „Entregam a V. R., lhe disse, a Companhia e esta provincia a empresa mais gloriosa e suprema de que dispõe nosso instituto, que é a conversão da gentilidade e de tantas almas que se acham nas ditas regiões (do Rio Grande) e o mais necessario é que V. R. conceba um espirito apostolico com que deseje abraçar no amor de Deus todas essas almas, padecer muitos trabalhos e até, se fosse necessario, derramar o sangue por ellas como genuino filho do nosso Padre e da Companhia. E como para tão ardua empresa, como é claro, fallecem as forças humanas, toda a confiança deve V. R. pôr no auxilio divino, pedindo a N.° Senhor a benção para esta conversão com continuos sacrificios e gemidos ao céo, como se praticará tambem em toda a provincia." Apenas receberam este glorioso destino, entrou o P. Roque a tratar dos preparativos immediatos da viagem, jejuns, oração e penitencia; foi esta a matalotagem com que se preveniu para attrahir a graça divina sobre os corações dos primitivos habitantes do Rio Grande do Sul. „Raiou, escreve Guevara, o dia 25 de Outubro de 1619, dia felicissimo para o Uruguay; adornou-se com a maior pompa que a pobreza lhe permittia, a igreja de Itapúa, deu-se um repique para chamar a gente á missa; disse-a o P. Roque, offerecendo-se a si em sacrificio pela conversão dos povos gentios, recebeu a communhão um menino que devia acompanhal-o na sua evangelica excursão; disseram-se outras missas e cantaram-se as ladainhas de todos os Santos para o bom exito da jornada que todos se promettiam da divina clemencia e do patrocinio de Maria Santissima cuja devota imagem trazia o missionario comsigo e chamava a conquistadora. Mas desta vez a expedição não devia passar de tentativa.

Depois de longa e fervorosamente encomendar a empresa ao Altissimo, poz-se o obediente missionario a caminho, levando poucos companheiros. Por invias regiões chegaram até Aracatin, affluente do Uruguay. Lá os aguardavam muitos indios em som de guerra, tendo os corpos completamente núa, pintados de genipapo. Brandindo furiosamente as armas, exigiam que não passassem além. Respondeu o P. Roque que a sua vocação não lh'o permittia e tão eloquente perorou sobre

os principaes mysterios da fé, que os indios admirados e confusos se retiraram para as aldeias.

Os companheiros, porém, tão violento abalo soffreram com o perigo a que acabavam de escapar, que instantemente pediram licença de tornar a Itapúa. A todos deixou partir, menos dois jovens, aos quaes encarecidamente rogou que ficassem para lhe servirem de acolytos da missa, a qual diria sobre altar portatil. O tempo de penetrar a banda oriental ainda não chegou.

Recolheu os hospedes Nieza, chefe influente, conduzindo-os á sua aldeia, que ficava á distancia de duas leguas. Logo ao chegar, levantou o missionario á vista da numerosa turba pagã uma grande cruz, sobre a margem direita do rio Uruguay. Sem detença explicou em quanta veneração deveriam ter o symbolo da redempção e como lhes convinha acceitar o doce jugo de Christo. E dando-lhes o exemplo de acatamento, tirou o barrete e, de joelhos, beijou reverentemente a cruz que acabava de arvorar. A impressão produzida nos animos foi quanto podia ser salutar e benefica. (N. IV).

Os indios seguiram-lhe o exemplo, desde o maior até o menor, tão transidos de reverencia ao imprimirem os osculos que enterneceram o P. Roque por ver que a semente da divina palavra não cahiu sobre pedras.

XI

Grandes e varios obstaculos

Não se illudia, porém, o experimentado conhecedor da raça indigena sobre a grandeza e variedade dos obstaculos que se lhe oppunham. Viva e profunda era a antipathia contra a doutrina christã e não provinha tão sómente duma quasi instinctiva aversão, natural em gente de indole selvagem e inculta, mas baseava-se em vicios profundamente arraigados e mais que tudo no pessimo exemplo e trato que davam aos indios os colonos portuguezes e hespanhoes.

A polygamia, tão commum entre aquellas tribus, tinha por esteio não só a incontinencia, mas tambem o vicio da embriaguez; pois quanto mais servos se occupassem na preparação dos vinhos feitos com milho, fructas e mel silvestre, maior seria a provisão com que poderia o indio saciar a paixão pelas bebidas fermentadas. Os chefes chegavam a ter cincoenta

mulheres, porque lhes augmentava a autoridade possuirem com que prover ao sustento de familia tão numerosa.

Comprehende-se perfeitamente como gente affeita á liberdade de costumes rejeitaria a lei da pureza christã e com que desdem o selvagem da vida nomada e errante olharia para a reclusão das reducções. Uma tribu despediu-se um bello dia de quem a reduzira, allegando como motivo que não lhes agradava um Deus, que, presente em toda a parte, lhes via todos os actos.

Outro impedimento, quiçá maior que o que deixamos exposto, era o pessimo exemplo dos europeus, tanto portuguezes como hespanhoes. Certo portuguez, em S. Ignacio Miri, ia de casa em casa, roubando quantos indios e indias podia, quando, admoestado pelo missionario, que, como bom pastor, se oppunha aos estragos feitos no indefeso rebanho, apontou-lhe á fronte com a arma de fogo. Os hespanhoes atropelavam todos os direitos divinos e humanos para abastecerem as fazendas de escravos, chegando a correr as reducções com espada em punho á cata de indias, outros as arrastavam pelo cabello de dentro das casas para as embarcações. Quando as indias vinham offerecer viveres, convidavam-n'as a entrar nas balsas, que logo largavam rio abaixo, e pouco se lhes dava a elles se as captivas eram solteiras ou casadas.

Estratagema ainda mais abominavel inventou a cobiça dos caçadores de escravos. Indios jovens e de boa presença, capturados por outra parte, eram mandados aos ranchos das indias com ordem de lhes ganhar a affeição e trazel-as comsigo. Esta malicia diabolica rendeu aos inventores numero avultadissimo de indigenas, as quaes ou passavam para o serviço domestico ou eram vendidas.

Afim de não espantarem a caça appetecida, inventavam quanta mentira lhes lembrava contra os padres, inimigos das crenças e usos indigenas. Como refere o Dr. Iarque, até tiveram a desfaçatez de aconselharem os indios das reducções a abandonar estas e a se mudarem para perto das villas, dando morte aos missionarios. Outros disseminaram por entre os infieis a calumnia de que o fim de se juntarem em reducções era o de os poderem os padres mais facilmente vender. Alguns portuguezes entraram em S. Paulo e no Rio com espantosa multidão de indios, e perguntados como os puderam juntar, respondiam que lh'os venderam os padres do Guayrá.

Propagando-se a calumnia por longas terras, creou grande embaraço á propagação da fé.

As difficuldades que enumeramos, augmentavam de vulto entre os habitantes das bordas do Uruguay, o mais que podia ser, como inimigos do extrangeiro e orgulhosos de suas valentias

e tradições patrias. Não admira, pois, a resposta do bispo Zúñiga de Assumpção com que despachou o pedido de Hernandarias, solicitando missionarios para as missões entre os guaranis: „Nenhum dos meus clerigos, disse o prelado, se atreverá a metter-se entre anthropophagos.“ O governador, extranhando estas palavras, foi ter em pessoa com o bispo, mas nada alcançou.

XII

Systemas de catechese dos indios

Não é este o logar de tratarmos da administração que adoptou o P. Roque para reducções já constituidas — fal-o-hemos quando lhes descrevermos o ulterior desenvolvimento; aqui nos cumpre tão sómente expôr o methodo que seguiu em arrebanhar os selvagens e attrahil-os para as povoações que iam ser fundadas.

Naquelles primeiros tempos do Paraguay havia duas especies de catechese, uma que poderiamos chamar volante e outra a que cabe o nome de estavel. A primeira, adoptada por S. Francisco Solano, era como que a preparação para a segunda. Sobre qual das duas convinha seguir houve reiteradas deliberações entre os missionarios.

Discutiu-se a mesma questão na grande consulta em Salta, para a qual convocara o visitador Estevam Paes, recem-chegado da Europa em 1602, todos os jesuitas de Tucuman e do Paraguay. Ponderou-lhes o inconvenente das continuas viagens, a instabilidade de conversões feitas de corrida e a inconstancia quasi certa de neophytos abandonados a si mesmos.

Allegou o methodo de Solano que, percorrendo Tucuman e grande parte do Chaco, baptisara uma multidão quasi infinita; vivia ainda, assim dizia, o apostolo, mas de seu trabalho apenas restava vestigio. Como as searas descuradas se abafam com o matto que tão de pressa se desenvolve, sobre tudo na America, assim definhavam as christandades solitarias e sem pastor no meio da infidelidade. Não havia que oppôr a tão justas observações, sómente lembraram os missionarios que eram necessarias as viagens apostolicas para se explorarem aos infieis a terra e disposição dos animos e grangear-lhes a affeição, no que concordou o visitador. Vemos, pois, postos em pratica ambos os systemas, sendo, porém, preferida a catechese estavel.

Nas viagens costumavam acompanhar ao missionario

alguns neophytos, os quaes iam armados, quando os superiores o julgavam opportuno, para a defesa propria ou dos futuros catechumenos contra a aggressão de pagés e tuxavas, que ás vezes empregavam violencias, tanto contra os hospedes como contra os subditos que a estes quizessem seguir.

Sabia-se porém geralmente, mesmo entre os indios bravios, que taes turmas de indios guiados pelos missionarios nunca vinham com intenções hostis, e até quando os christãos eram mais numerosos que os visitados, não lhes incutiam terror. Os pagãos, ao ouvirem donde vinham os hospedes, logo largavam as armas e o tuxava ia beijar a mão ao padre, o qual como refere o Dr. Iarque (Rev. do I. Hist. Brazil. t. 26), lhe agradecia pessoalmente ou pelo interprete a urbanidade, louvando-lhe a elle a valentia e á tribu a fama de guerreiros, a qual enchera a terra toda e por si só bastava para se emprehender tão longa viagem, cumprimentos estes que enchiam de fumos de vaidade ao barbaro, impando como se fosse o maior triumphador que jamais entrou Roma a dentro.

Emfim recebendo um pequeno presente, corre o régulo a chamar a familia e os amigos. Hospedado perto do toldo do tuxava, tem o missionario ensejo de examinar a disposição daquella gente. Se o chefe com todos os subditos não acolhia a boa nova da salvação, o que affirma o Dr. Iarque ter sido caso excepcional, nunca faltava quem a ouvisse, sobretudo entre os captivos. Já vimos, porém, que as expedições sacras a indios mais ferozes eram de feição algum tanto differente.

O systema de catechese estavel veio a ser novamente objecto de discussão em 1615, anno em que o padre Oñate entrou a governar a provincia do Paraguay. Duvidaram alguns se convinha viverem a grande distancia dos collegios dois ou tres padres, entre os indios, á maneira de parochos.

Ponderaram os perigos que ameaçavam a virtude no meio de gente nua e licenciosa e o risco que corria o fervor do espirito de entorpecer pouco a pouco, emquanto nos collegios o bom exemplo da communidade e a disciplina paternal exercida pelos reitores impediam que o tropel dos negocios absorvesse toda a attenção. Estas e outras razões pareciam militar em favor de uma catechese feita por missionarios, que, sem residirem entre os indios, os fossem visitar de quando em quando.

Os adeptos da opinião contraria invocaram primeiro uma longa experiencia de muitos annos e, quanto ao perigo de se perder o fervor, nada obstava que o religioso a espaços voltasse ao collegio; de mais a mais, não era para esquecer que, mesmo entre pessoas que deixaram paes e patria com todas as esperanças mundanas, ainda se fazia rigorosa escolha, quando se tratava de mandar alguem ao desterro voluntario entre os selvagens.

Se, apezar de todas as precauções humanas, houvesse alguma defecção, tão pouco havia de comprometter a Companhia, como a apostasia de Judas infamou o collegio dos apostolos. Emfim era cousa sabida que excursões apostolicas de padres residentes em collegios muito aproveitavam a povoações que já tinham cura, porém de nenhum modo bastavam ás que delle careciam. Os indios, que geralmente recebiam sem difficuldade o baptismo, em breve largavam a observancia dos preceitos, se não houvesse quem com praticas frequentes e administração dos sacramentos lhes acudisse.

Allegaram a bulla de Pio V, que motivára com esta mesma razão a reserva que impunha em baptisar os indios onde faltasse sacerdote que os pudesse doutrinar. Terminaram o arrazoado, citando o exemplo do P. Anchieta, que no Brasil fundára muitas residencias de dois ou tres religiosos, a grande distancia dos collegios. O resultado da deliberação foi a confirmação das reducções com missionarios que nellas residissem, condição vital para tal genero de aldeiamento.

XIII

Fundação do povo da Conceição no Uruguay

O P. Roque, chegando ao Uruguay, tomou posse de tão extenso territorio, em nome de Christo e do rei e determinou fundar uma povoação numa localidade denominada Ibitiracua, que, distando uma legua do rio, era ponto de reunião a muitos tuxavas. Para angariar neophytos, passou o Uruguay e pisou, pela primeira vez, o solo riograndense em 1619.

Mas, apenas encetára a faina, chegou-lhe a triste nova que os selvagens da outra banda, descontentes do acolhimento que tivera por Nieza, o principal tuxava da região, preparavam um levante e já tinham queimado a cruz plantada pelo missionario.

As forças de Nieza eram insufficientes, bem o sabia o P. Roque, por isso foi ter com o chefe dos revoltosos e, depois de lhe apaziguar o furor com alguns presentes, a força de eloquencia o mudou de tal forma que o selvagem deu a promessa formal de paz e sujeição. Partiu logo o santo missionario para tranquilisar os indios rio acima, aos quaes os boatos de guerra tinham afugentado. Regressou ao depois para Ibitiracua e lá, onde a Companhia havia de alcançar os mais bellos

triumphos, começou um longo exercicio de paciencia, esperando por sete annos o momento propicio para iniciar o trabalho apostolico em terras do Rio Grande.

Os pagãos não se cançavam de espalhar que elle não passava de emissario secreto dos hespanhoes, e que, servindo-se do pretexto da religião, procurava escravisal-os.

Entretanto não era para desprezar o fructo que colhia. Em seis mezes juntára mais de 200 familias e, quando chegou o coadjutor P. Affonso de Aragón, augmentou o numero de forma que foi preciso construir uma egreja espaçosa. Benzendo-se no dia 8 de dezembro e tendo fundado o P. Roque a povoação em 1619, na mesma data recebeu a invocação de N. S. da Conceição.[12]) Foi na mesma occasião exposta á veneração dos fieis uma imagem da Virgem, donativo do provincial, que a enviára de Tucuman. A dupla solennidade tanto impressionou os indios que tornou a augmentar o numero dos catechumenos.

Foi por este tempo que se effectuou a divisão politica e ecclesiastica de que já fizemos menção. Continuaram sujeitas á Assumpção as reducções do Paraná e Guayrá, passando, porém, para a diocese de Buenos Aires as terras do Uruguay e do hodierno Rio Grande.

D. Diogo Góngora, primeiro governador da nova provincia, tencionava explorar o rio Uruguay desde a foz até as nascentes, mas era empresa, diz Southey (Hist. do Brasil, cap. 22) que ninguem, a não ser jesuita, poderia tentar com alguma esperança de escapar com vida. Entregou por tanto aquella região aos trabalhos apostolicos da Companhia, pois com a vinda de alguns tuxavas que pediam missionarios, julgou ter achado occasião opportuna. Foi este o primeiro acto por parte do novo governo do Rio da Prata que diz respeito aos jesuitas (Lozano, Conquista, liv. III, cap. 16).

O provincial, a seu turno, quando visitou a nova residencia da Conceição, passou ordem ao P. Roque de explorar por 150 leguas o valle do Uruguay. Porém antes de o acompanharmos, pedimos venia para inserir aqui uma breve resenha da sua actividade literaria no idioma guarani, a que se dedicou durante os mencionados longos sete annos em Conceição.

---

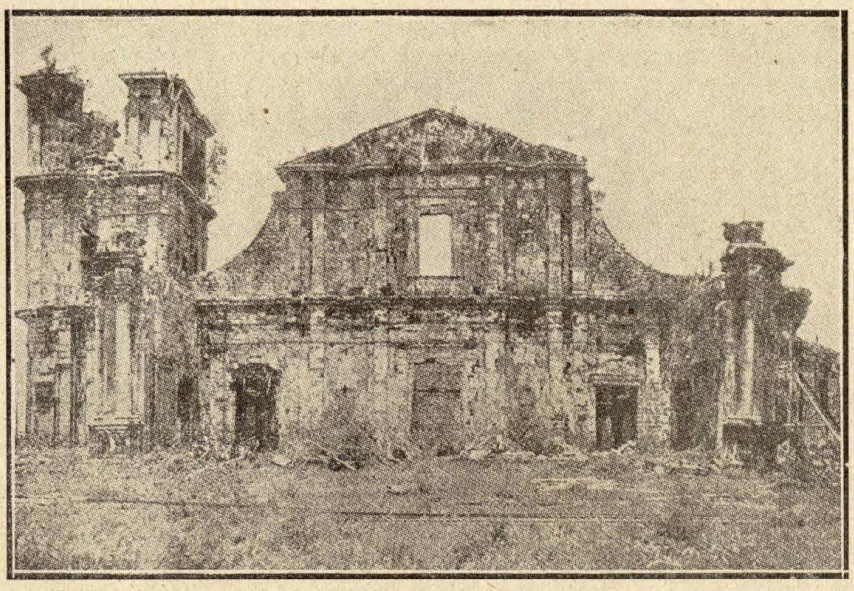
12) Charlevoix e Guevara apontam erroneamente como dia da fundação deste povo o 8 de dezembro de 1620. Reproduziram o mesmo Gay e Moussy, Description de la Conf. Argentine III. pag. 662; pag. 721 marca até o anno de 1616; Gay , A Republ. jesuitica cap. 20 art. 10. Pfotenhauer, Die Missionen der Jesuiten in Paraguay (I, pag. 120) copiou tambem este como outros erros.

XIV

A lingua guarani

Os sete annos que passou o P. Roque em Conceição formam a epoca a que devemos assignar o catecismo, os sermões e relatorios que nos deixou.

Sabia a fundo a lingua guarani, o que não era de admirar, porque, falando-a de menino, lhe fôra como que uma segunda lingua materna, e chegara a manejal-a com mestría consummada. A eloquencia com que falava aos indios em sermões e discursos de occasião, de tal modo lhe grangeou



Frontispicio da igreja de São Miguel, das Missões guaraniticas, fundadas pelo P. Roque, outrora um dos maiores templos da America, antes de começada a obra de conservação pelo governo riograndense.

a sympathia daquella gente admiradora do dom da palavra que o estimava como a um dos seus, dando-lhe as honras de chefe. Era, pois, o homem da providencia para quebrar a resistencia obstinada das tribus mais indomaveis, quaes eram as que habitavam as margens do Uruguay. Delles diz judiciosamente Bauzá, historiador de renome:

„Se as mais tribus resistissem com o mesmo denodo e constancia, como as da margem esquerda do Uruguay, a Hespanha se retiraria, não só vencida, mas exhausta." (Dom Esp. I Append.).

Outrosim não havia quem igualasse o P. Roque como mestre e guia dos noveis missionarios, quer em desvendar-lhes os segredos da lingua indigena tão differente das européas, quer em instruil-os na maneira de tratar com os selvagens.

O que porém mais lhe realça o merito é o catecismo, o qual, mais do que os de Anchieta, Bolaños e Montoya, havia de ter fama, — verdade obliterada numa epoca em que eram desconhecidos os que com mais viva luz espancaram as brumas daquelles primeiros tempos da christianisação do Paraguay. Até ha pouco se opinava ser o P. Montoya quem primeiro escrevesse um catecismo indigena nos dominios hespanhoes na America do Sul. Veremos que não lhe cabe a honra.

Os synodos celebrados em Assumpção nos annos de 1603 e 1631 consideraram como tarefa da mais inadiavel urgencia induzir os parochos á catèchese dos indios residentes nas respectivas parochias. Era obvio que para este ensino se exigia o conhecimento do idioma do paiz, mas havendo tantos e tão diversos, já estabelecera o synodo de 1603 na constituição 2.ª o que se segue:

„Por haver muitas linguas nesta provincia e mui difficultosas, de sorte que seria grandissima confusão dar instrucção em cada uma, e muitos indios de menos capacidade entenderiam que a doutrina tambem differia na substancia... ordenamos que a doutrina e o catecismo se ensinem na lingua guarani, por ser clara e mais geralmente se falar nestas provincias."

A 3.ª constituição prescreve, para desempenhar o officio de parocho, o conhecimento do catecismo do P. Frei Luiz de Bolaños e aquella pratica da lingua que se exige na administração dos sacramentos.

O synodo de 1631 torna a recommendar o mesmo catecismo, acrescentando, porém, um ponto que chama a nossa attenção. „Por não ter traduzido Bolaños os artigos da fé e a Salve Rainha, o synodo pede e encarrega o P. Diogo Boroa, reitor, da Companhia de Jesus, que edite e communique a traducção dos artigos de fé e da salve que fizera o veneral Roque González." Executando-se pontualmente esta disposição, foi introduzida parte importante do catecismo do P. Roque no manual official de doutrina prescripto com toda a solennidade pela autoridade competente.

Tal distincção acarretou-lhe violento ataque, que não visava menos que eliminar o dito catecismo do rol dos livros orthodoxos.

Foi D. Bernardino de Cárdenas, bispo de Assumpção, que instaurou processo de heresia, não contra o missionario que havia annos já fallecera, mas contra os irmãos da ordem.

Accusou-os de terem, por ignorancia da lingua, introduzido no catecismo guarani monstruosas e gravissimas heresias.

A incriminação julgou-se tão grave, que do palacio de Buen-Retiro, então residencia habitual dos reis de Hespanha, se expediu ordem ao arcebispo de Chuquisaca que submettesse a causa ao juizo de uma commissão composta dos mais graves theologos e abalisados conhecedores do idioma guarani. Tambem D. Cárdenas foi convidado a formular por menor a sua arguição.

„Fel-o, diz Southey, com a habitual violencia." Incriminou de hereticos principalmente tres vocabulos, attribuindo-lhes significação inaudita, á qual o decoro da lingua recusava emprestar termos. Accrescentou que o demonio não poderia excogitar heresias mais abominaveis do que comprehendiam aquellas poucas palavras e que se julgaria réo do mesmo crime de heterodoxia, se não as impugnasse.

Por ordem do arcebispo de Chuquisaca reuniu-se a junta em Assumpção, cujos membros, quasi todos de elevada posição, eram reconhecidos geralmente tanto os ecclesiasticos como os seculares, por bons theologos e peritissimos na lingua guarani.

Presidia D. João Blasque de Valverde, ouvidor da audiencia real de Charcas e capitão geral da provincia do Paraguay. Depois de apresentar o documento official da sua nomeação de presidente pelo bispo de Buenos Aires, desde já observou que o catecismo incriminado fôra prescripto sob pena de excommunhão e não era permittido usar de outro. Os membros da commissão, entrando em maduro exame dos termos taxados por Cárdenas de hereticos, concordaram em que não havia outros mais proprios e que não era licito alteral-os, andando, como observavam alguns, unicamente o catecismo do P. Roque em mão de todos os parochos, tanto do clero secular como regular. Mas o que mais extranharam foi a prova com que se pretendera demonstrar serem aquelles termos nomes de demonios. Fôra procural-a Cárdenas nas alturas do seculo VIII, nas actas do concilio de Roma convocado em 745 pelo Papa Zacharias, nas quaes se acha a condemnação de um certo Aldeberto, que invocava demonios, cujas denominações ahi se citam. Nestes nomes, depois de truncados, achara Cárdenas os vocabulos que tanto o escandalisavam.

O accordão foi unanime, e o protocollo por todos assignado dizia que o catecismo do P. Roque era isento de qualquer erro. Desta forma, passou a prova de fogo da calumnia e o exame critico da sciencia a obra catechetica do nosso apostolo.

Pouco conhecido aos historiadores é um opusculo em cuja redacção se esmerou o P. Dias Taño, refutando com diaphana clareza e logica irresistivel as arguições de Cárdenas.

O já citado Bauzá conclue a narração dos factos que acabamos de expor, com as seguintes palavras:

„Livres de toda a suspeita, sahiram triumphantes os catecismos e vocabularios jesuiticos do julgamento a que os tinham submettido, e, para demonstrar mais uma vez quão benefico seja sempre o uso de critica em investigações historicas, revindicou-se para dois sabios até então obscurecidos, o P. Roque González e Frei Luis de Bolaños, a gloria de terem iniciado a traducção do catecismo castelhano para o guarani, emquanto a historia, até agora desencaminhada a este respeito, só nos falava do P. Ruíz de Montoya." (Bauzá, Dom. Esp. vol. I livro 4, pag. 379, 2.ª ed.).

(Quem desejar esclarecimentos mais minuciosos sobre a questão que esboçamos, poderá colhel-os no *Annuario do Estado do Rio Grande do Sul,* para 1906, no qual publiquei o artigo *A lingua guarani e o veneravel P. Roque González.)*

XV

Tentativa de explorar o Uruguay — Tempos de luto e dias de festa

Deixamos o P. Roque encarregado pelo provincial da exploração do rio Uruguay, que em vasto semi-circulo cinge o nosso estado. E' um espectaculo sublime que offerece a natureza, onde a violencia do homem ainda não lhe tirou o encanto nativo. Parece lembrar ainda aquella manhã primordial, em que sahiu pura e bella das mãos do Creador.

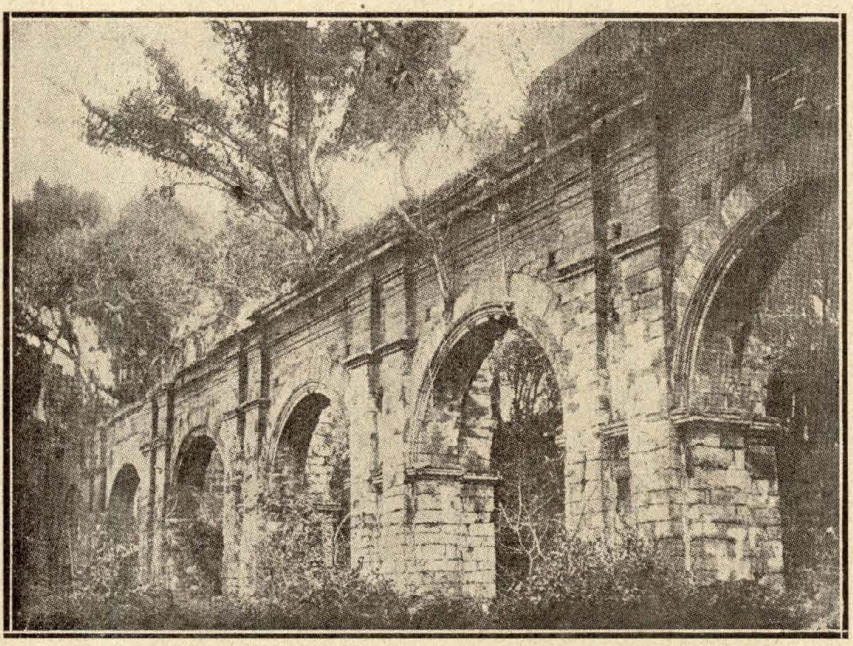
Desprezando, pois, as fadigas, apromptemo-nos a singrar com o explorador apostolico o veio do rio possante, que serpeia já por entre campinas dilatadas, já pela espessura multisecular das brenhas. Nas ondas habita a capivara e abunda peixe variado e saboroso. De quando em quando apparecem na margem umas como columnas de granito, mas, vistas de mais perto, mostram serem troncos de arvore petrificados. Bandos de papagaios multicores, erguendo o vôo, enchem os ares com seus gritos desconcertados. As conchas são tantas que não se sabe se é a ellas ou aos papagaios que o rio deve o nome.

Entre a caça abundante das ribanceiras nota-se a anta e a paca, cujos trilhos cortam o cerrado; o veado e a avestruz, que atravessam, qual mais ligeiro, a extensão das campinas; o tatú sahindo da toca em noites de luar e emfim o tamanduá, que de passo vagaroso, porém firme, anda á cata de algum for-

migueiro ou cupula de cupim; a todos, porém, vence e espanta o terror das selvas e do campo, o esforçado e agil jaguar.

Tal era a região que em 1622 se dispunha a devassar o imperterrito investigador de terras incultas. Mas apenas se divulgou o seu intento, oppuzeram-se os indios, suspeitando que ia abrir caminho aos espanhoes. Aquelle chefe que primeiro se rebellara por occasião da vinda do padre, foi tambem desta vez o autor de uma opposição geral.

Uma noite ouviram-se á beira do rio, entre alarido formidavel, gritos de ameaça contra a vida do P. Roque. As



Parte lateral da igreja de S. Miguel, construida pelos indios guaranis, sob a direcção dos antigos missionarios da Companhia de Jesus

trevas lhe permittiram fugir para Conceição, onde os companheiros o aconselharam a adiar a expedição para mais tarde.

Não podendo levar a cabo a empresa que lhe fora confiada, entrou a pensar em fundar mais uma reducção na margem do Uruguay. Para remover as primeiras difficuldades, deveriam os neophytos convidar os indios da circumvizinhança a uma das grandes caçadas, que de vez em quando se costumavam fazer. Numero conveniente de caçadores cercava bom espaço de campo, e estreitando paulatinamente o circulo, chegavam a apanhar toda especie de caça, com a qual depois se

banqueteavam. Tal diversão, que sempre attrahia muita gente dava ao missionario optimo ensejo de reconhecer a condição da terra e dos habitantes e de ganhar com alguns presentes as boas graças das pessoas mais influentes.

O convite, porém, aliás sempre attendido, desta vez foi baldado, porque tinham apparecido entretanto dois hospedes terriveis: a fome e a peste, que não pouparam nenhuma povoação recem-fundada. O panico foi assáz grande e muitos se dispersaram pelos campos, fugindo ao contagio e procurando um alimento qualquer, ainda que nocivo á saude. O P. Roque voava de um logar a outro para acudir a tanta necessidade corporal e espiritual e tanto elle como o companheiro empenhavam todo o esforço, para salvar a existencia da povoação. Os pagãos aproveitavam para os desacreditarem quanto podiam e os pagés diziam a bocca cheia que ahi tinham o castigo de terem tantos indios deixado os usos avoengos.

Qual astro aclarando com um raio de esperança as trevas duma noite de temporal, calhou chegar em meio de tanta calamidade a noticia da canonisação do fundador da Companhia de Jesus, S. Ignacio. Entre os festejos com que se celebrou tão fausta nova, despertou pela graça e novidade a attenção de todos um combate simulado, que ao compasso da musica executaram dois bandos de meninos, representando dois exercitos rivaes de pagãos e de christãos. Como nos refere Techo, ensaiava-os o P. Roque de forma que, tendo vencido a turma christã, aprisionasse os contrarios, lançando-os por terra, com bons modos, já se vê, como convinha a prisioneiros voluntarios, e em seguida os levasse á presença da autoridade ecclesiastica e civil. Por fim todos, tanto vencedores como vencidos, se prostrariam deante do altar de S. Ignacio, agradecendo-lhe a graça da santa fé, que os filhos espirituaes do recem-canonisado lhes tinham communicado. De certo foi esta a primeira vez que nas margens do Uruguay se apresentou uma scena completamente analoga ás cavalhadas e, quem sabe, talvez tenham contribuido as representações allegoricas usadas nas reducções jesuiticas para a acceitação daquelle jogo dramatico, outrora tão pronunciada em todo o Rio Grande do Sul.

Por este tempo foi o P. Roque á Assumpção, levando comsigo o celebre morobixaba Guaracipú e vinte catechumenos do Uruguay, que com geral satisfação foram baptisados pelo reitor do collegio, servindo de padrinho o governador D. Manoel Frias. Ahi tambem festejaram a canonisação de S. Luiz Gonzaga.

A situação do povo da Conceição continuou, porém, tão melindrosa, devido aos estragos da peste e fome e á perseguição da parte dos pagés, que quando em 1625 chegou o provincial Nicoláo Durán, deliberou seriamente com os missionarios se

não convinha abandonar aquelle posto occupado havia annos. Depois de bem discutida a questão, venceu o parecer do P. Roque, que optára pela conservação. Exhortou-os, pois, o provincial á paciencia e constancia no amanho de campo tão sáfaro e escabroso. E em breve foi recompensado o zelo desinteressado daquelle trabalho.

O chefe dos pagãos desaffectos concebera o plano de fundar uma aldeia nas proximidades da reducção, para guerreal-a mais de perto. Propalou-se o intento fóra de tempo e os christãos indignados prenderam o régulo e o expulsaram para longe. A desgraça lhe abriu os olhos e chegou a converter-se com todos os seus, augmentando a população de Ibitiracua com 144 christãos. Percorriam agora livremente os missionarios aquella região, onde se fundaram varias reducções.

XVI

Um pagé ou feiticeiro uruguayo

Não tardou em surgir novo perigo que, por interno, maior estrago ameaçava. Um feiticeiro famoso, chamado João Cuará, recebera o baptismo no Guayrá, só para combater efficazmente a religião christã. Começou a viajar por terras do Uruguay e Paraná, dirigindo-se de preferencia a neophytos, com o fito de fazel-os apostatar da fé catholica e imbuil-os duma doutrina que elle proprio inventára.

Levando a ousadia a ponto de fazer propaganda em Assumpção, foi condemnado á forca por varios crimes que commettera, mas perdoado, não se sabe por que intercessão, o relegaram para Santa Fé. Conseguindo evadir-se, entrou furtivamente em Itatim, povo de neophytos sob a direcção dos reverendos padres franciscanos. Pediu aos indios não o trahissem e como lh'o promettessem, começou a semear naquelle campo recem-arroteado o joio do seu ensino pernicioso, cuja substancia se concretisava, segundo Techo, nos seguintes pontos: Separação do missionario, inimigo mortal da raça indigena, desprezo da confissão como meio ignobil de devassar os segredos da vida alheia, abominação da chrisma e santos oleos, como de immundicie, e do sal que se dá no baptismo, como de veneno mortifero para crianças e adultos.

De mais a mais, aconselhava com o exemplo e a doutrina a polygamia, dizendo que os padres a prohibiam para não se

augmentar a população, e exhortava a voltar ás usanças antigas, sobretudo ás libações em honra dos defuntos. Emfim chegava a dizer que, em logar de venerar os santos, o tivessem a elle por santo e até por deus, caso contrario havia de transformal-os em sapos e rãs. Ensino tão subversivo, acompanhado da desenvoltura de devassidão, mudou em breve a christandade em Itatim, de sorte que o cura frei João Gamarra, perito na lingua e trato dos indios, começou a indagar solicito e afflicto a causa de tão rapida perversão, a qual lhe foi emfim apontada por um menino, que lhe revelou o verdadeiro caracter de Cuará. Deu-se immediatamente ordem para o prender, mas o astuto impostor, com seus mais dedicados adeptos e a grei de concubinas que sempre o rodeava, tinha conseguido acoitar-se num esconderijo, donde fazia excursões a varios pontos e tambem á margem do Uruguay.

Apenas lhe sentira o P. Roque em Conceição os effeitos da deleteria actividade, recebeu, por uma carta de frei Gamarra, aviso de que deram caça a tão perigoso pseudo-mestre; mas refugiado a um cannavial escapára, se uma das suas mulheres não o trahisse. Carregado de ferros, foi levado em escarmento pelo Paraná e Paraguay, passando tambem por Itatim. Em Assumpção os tribunaes o condemnaram á pena capital, que executada, veiu livrar as missões do Paraná e Uruguay de gravissimo perigo.

XVII

Fundação de S. Nicoláo, a primeira das Sete Missões

Sete annos estivera o P. Roque em Conceição, como atalaia em posto avançado, sempre com os olhos fitos na margem oriental do Uruguay, quando, em congregação provincial do anno de 1626, foi pelo P. Nicoláo Durán Mastrilli nomeado superior das missões sobre o Paraná e Uruguay.

O novo cargo, como se o obrigasse a actividade mais intensa, não lhe parecia consentir que differisse por mais tempo a execução do plano que havia tanto tempo concebera. Removidos algum tanto os impedimentos, passou o rio e, guiado por um catechumeno, alcançou a foz do Piratiny. Avançando mais duas leguas, achou-se em local que lhe pareceu proprio para uma povoação. Soube ganhar a affeição dos indios e no dia

da invenção da Santa Cruz do mesmo anno,[13]) depois da missa, arvorou o symbolo da redempção e tomou posse do sitio, que chamou S. Nicoláo, em deferencia ao prenome do provincial.

Logo no primeiro tempo escapou a dois perigos de vida gravissimos. Foi o primeiro que, caminhando de noite pela selva, desencadeou-se medonho temporal e á luz dos coriscos viu dois tigres, dos quaes mal teve tempo de fugir. O segundo o ameaçou na choça dum indio, que traiçoeiramente o acabaria a golpes de macana, se Deus não estorvasse ao malfeitor o criminoso intento.

Não podendo como superior prolongar sua estada na recem-fundada povoação, a entregou ao P. Aragón, que soube captivar a estima geral a ponto de poder reunir em tres mezes 280 familias, numero que em breve se elevou a 500. (Techo, livro VII, cap. 31.)

Poucos annos depois, quando o apostolico e virtuosissimo P. Rançonier visitou esta reducção, pôde-lhe apreciar o progresso e o profundo espirito de fé. Conta-nos que com tanto affecto e impetuosidade se atiraram á porfia sobre elle os neophytos para lhe beijar a mão que por pouco o não suffocaram. Foi preciso que os dois padres, que estavam presentes lhe valessem, arredando a multidão. Os tuxavas prepararam-lhe uma demonstração extraordinaria: tres indias, esposas dos principaes e mais influentes chefes, sahiram a visitar o missionario em signal do maior respeito e apreço. Pois os indios conservam as mulheres recolhidas e estas observam tanto recato, que sempre andam retiradas nas casas nem são visiveis para outros.[14])

---

13) Tambem o provincial M. Querini — *Informe al Rey D. Fernando VI* — aponta o anno de 1626 como o da fundação de S. Nicoláo. Lozano, porém, dá o de 1625 (Conquista I, pag. 33); Moussy (Description III, pag. 663) até o de 1627. Gay, p. 707, reproduziu a mesma inexactidão.

14) P. Rançonier (belga), Litt. Ann. scriptae nomine et jussu P. provincialis, Antverpiae 1636. Reductio S. Nicolai Piratinensis.

„Huic item Reductioni initium dedit P. Rochus González. Leucis non amplius septem a Conceptione distat. Prope amnem Piratini sita est, qui in Uruaig influit. Anno 1626 crux hic fuit exaltata, eo die quo ejus Inventionem alibi Ecclesia celebrandam proponit... Cum hanc Reductionem visitavi, omnes ad manum meam deosculandam tanto affectu atque impetu certatim venere, ut parum omnino abfuerit quin suffocarer, nisi duo Patres mihi assistentes irruentem turbam semovissent. Solae tres praecipuorum caciquiorum uxores ad me videndum egressae sunt, idque in summum honoris signum. Indi enim eas ita abdunt, atque hae tanta sunt verecundia praeditae, ut semper in suis domibus delituerint neque ab ullo videri se sinant."

XVIII

Viagem a Buenos Aires e brilhante recepção

Em Conceição encontrou o P. Roque um hespanhol, Hernando de Zayas, conhecedor da lingua guarani e dos costumes dos indios, que atravez de mil perigos viera entregar-lhe uma carta do governador do Rio da Prata, D. Francico de Céspedes.

Como o antecessor, estava aquella autoridade convencida que a conquista do Uruguay não se faria á viva força. Desejando, porém, levar a cabo uma empresa que tanto recommendaria sua pessoa e casa á liberalidade real, determinou valer-se dos prestimos do P. Roque. Naquella carta o exhortava a descer o Uruguay até Buenos Aires, para combinarem um plano de se levar adiante a exploração do dito rio.

Por tão promettedor convite rendeu as devidas graças a Deus o zeloso missionario e sem tardança se embarcou, no dito anno de 1626. Escolheu por companheiros os homens mais destemidos de Conceição e conseguiu tambem levar o chefe da tribu, Diego Nieza, para quem muito esperava duma visita á capital.

Logo no primeiro dia abriu o P. Roque, com grande pasmo de Zayas, apenas com a sua palavra eloquente, caminho por entre 400 indios que lh'o queriam embargar. Outros selvagens de differentes tribus accorriam, só para ver a quem tanto ouviram celebrar.

Com 25 dias de viagem chegaram emfim a Buenos Aires. O governador, satisfeitissimo com tão prompta obediencia e querendo dar aos indios uma idéa, quanto possivel fosse, elevada, da civilização hespanhola, determinou fazer-lhes brilhante recepção. Entre salvas de artilharia e o repique festivo dos sinos, foi á frente dum luzido esquadrão dos cidadãos mais grados receber os hospedes fóra da cidade, seguindo-o dois filhos seus, um commandando uma força de cavallaria e o outro um batalhão de infantaria.

As tropas das tres armas desfilaram diante dos indios e executaram diversas evoluções. Ao som de trombetas foram em seguida levados ao palacio do governo, onde se lhes serviu uma refeição. O governador em pessoa os quiz apresentar ao bispo e, pondo ambos os joelhos em terra, beijou-lhe o anel para dar o exemplo do respeito que se deve aos principes da igreja.

Nem tanto havia mister para causar aos filhos das selvas profundissima impressão, mas a que produziu tamanho apparato passou a espectativa geral. Diego Nieza declarou-se com todo o seu povo subdito obediente do rei da Hespanha e dos governadores mandados pelo soberano.

O instrumento publico, que desta sujeição se lavrou, dizia expressamente que os novos subditos não seriam dados em commenda nem teriam outros sacerdotes que os da Companhia. Nieza foi nomeado supremo morobixaba de quantos indios sobre as margens do Uruguay abraçassem o christianismo. O bispo, a seu turno, delegou para todos os effeitos ao P. Roque, entregando-lhe uma patente, em virtude da qual poderiam os jesuitas fundar reducções em toda a extensão do bispado, e se lhes concediam todas as faculdades que os reis catholicos communicavam aos delegados da Santa Sé e os padroeiros das igrejas da America do Sul podiam entregar aos missionarios. De tudo se lavraram documentos authenticos, que o reitor do collegio assignou em nome do provincial.

Informou Céspedes ao rei que o rio Uruguay em pouco tempo seria povoado de christãos, se o P. Roque fosse auxiliado por numero maior de missionarios; antes de tudo enviasse trinta jesuitas. O bispo escreveu no mesmo sentido e estas cartas encontraram a approvação da côrte e não tardaram em produzir o desejado effeito. Dois annos mais tarde trouxe o P. Gaspar Sobrino novos missionarios para o Uruguay.

Passados dez dias em regular estes negocios, volveu o P. Roque, explorando ao mesmo tempo as margens do Uruguay numa extensão de cem leguas. Pouca esperança de fundar um povo neste trecho lhe davam as observações feitas nesta viagem, mórmente porque seus habitantes não tinham moradas fixas. (V. ns. V e VI.)

XIX

Um interinado perigoso

Céspedes, não se póde negar, fez todo o possivel para coadjuvar a propagação da fé entre os indios do Uruguay, mas infelizmente não soube separar bastante o interesse proprio dos da religião. Pretendia fundar uma cidade que figuraria no titulo de marquez a que aspirava. (Lozano, Hist. de la Conquista).

Esquecido do trato que fizera com Nieza, enviou tres hespanhoes: Zayas, já nosso conhecido, Bravo e Payá, para presidirem como corregedores ás novas reducções. Bem previa o P. Roque as consequencias funestas, mas não ousando contrariar a vontade formal do governador, permittiu que assumissem o cargo Zayas em Conceição, Payá entre os yaguarités

e Bravo em Yapeyú, e exhortou os indios a acceital-os. Mas os pagãos da margem oriental, vendo na vizinhança os odiados hespanhoes, reuniram forças e, cahindo sobre um troço, sahido de Conceição, o despojaram e com insultos o mandaram voltar.

Foi aggravada a situação pela imprudencia de Zayas, o qual, sôbre ser imperioso e, o que pesava mais, pouco respeitador da modestia das indias, chegára a insultar um joven aparentado com as familias mais notaveis.

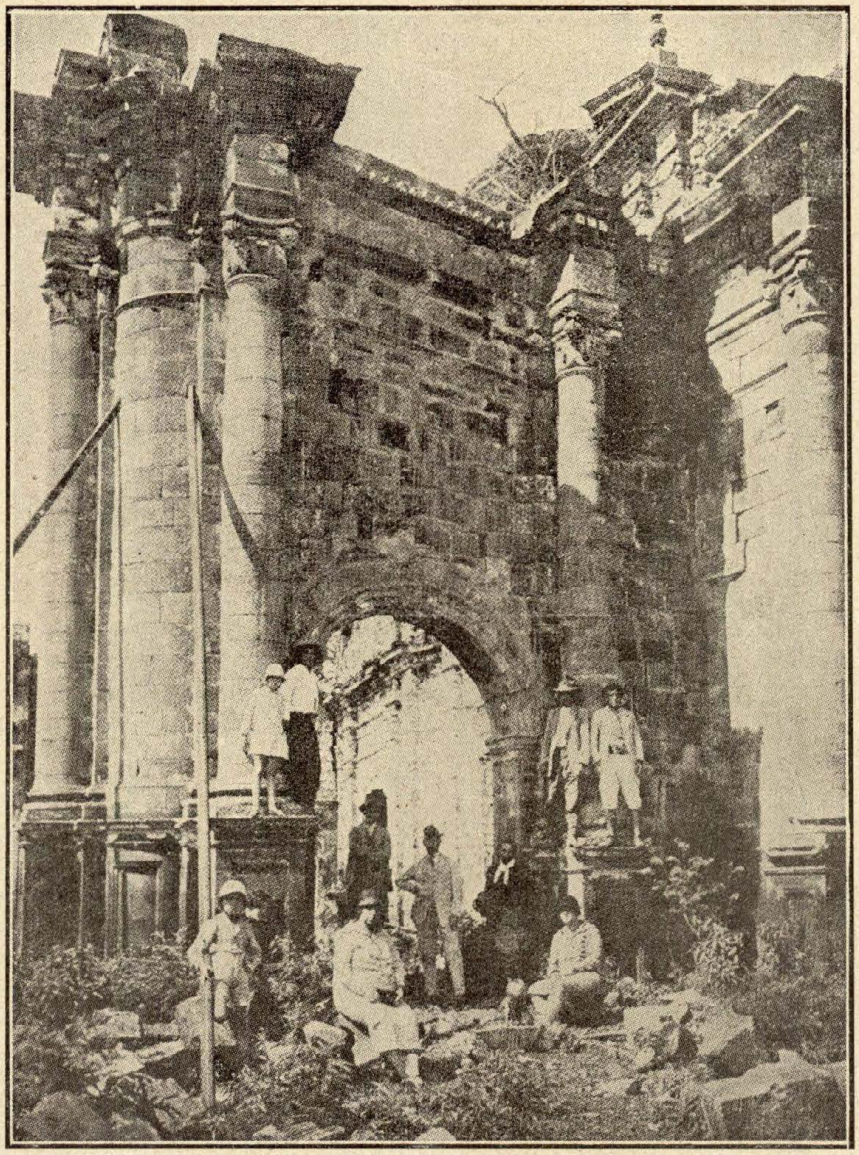
Rebentou emfim em chamma a indignação que lavrava por entre a população; pegam em armas e sitiam o imprudente corregedor na casa dos missionarios, aonde se acoitára, exigindo a extradição do culpado para o sentenciarem. E não escaparia ao furor popular, se o P. Alfaro não fizesse valer toda a sua autoridade. Zayas ficou na aldeia, mas já não ousava sahir de casa e mudou completamente de proceder.

Entre os yaguarités já tinha o P. Roque reduzido quantos bastavam para constituir uma povoação, á qual o governador dera o nome de S. Francisco Xavier. Payá, mal se viu só entre os indios, começou a tratal-os tão aspera e voluntariosamente, que o poderoso tuxava Potivara resolveu matal-o. Mas Tabaca, o chefe da aldeia, não lh'o consentiu.

O resultado foi uma fuga geral das autoridades. Payá metteu-se num esconderijo, Potirava retirou-se para os campos, acompanhado de mil indios e Tabaca, temendo uma aggressão do chefe poderoso, a quem contrariára, internou-se pelas selvas.

Informado de quanto se passára, recorreu o P. Roque ao provincial, pedindo viesse dar cabo a tanta desordem. Quando se soube da chegada desta autoridade a Conceição, compareceram diante delle os tuxavas, não com supplicas, mas com a exigencia formal de serem removidos os corregedores, caso contrario acabariam com as nascentes christandades, porque não se lhes observavam as condições sob as quaes se tinham sujeitado ao dominio hespanhol.

Differiu o provincial a resposta para o dia immediato. E, quando tornaram, lhes declarou não poder despedir os corregedores, mas que havia de mandar um padre ao governador, levando-lhe a exposição exacta da situação, bem como dos seus pedidos, e não duvidava obteria despacho favoravel. Nisto convieram os indios e tiveram, decorrido algum tempo, a grande satisfação de receberem por intermedio do P. Miguel Ampuero, que fôra a Buenos Aires, não só a revocação dos corregedores, mas tambem valiosos donativos para as reducções do Uruguay. (Techo, VII, c. 36).



Paredão, de admiravel belleza architectonica, amparado por escoras, do grandioso templo de S. Miguel, antes de iniciadas as obras de conservação.

XX

Em caminho ao paiz dos Tapes

Durante o anno de 1626, tão fertil em importantes empresas, funda o P. Roque a reducção de S. Nicoláo, emprehende a longinqua viagem a Buenos Aires, realisa ao mesmo tempo a exploração do rio Uruguay, tenta a do Ibicuhy, funda mais duas reducções, entra na vasta região do Tape, estuda-a, como elle mesmo nos informa e nisto gasta ainda parte do anno seguinte. Não é o trabalho de um homem, mas de muitos ou antes de um gigante; e ao passo que se approxima do termo de sua actividade, esta parece crescer e até multiplicar-se.

Considerava o P. Roque a foz do Ibicuhy (29° 29′ lat. S.) ponto de entrada para a vasta região que se estende do rio Uruguay até o Atlantico. Veremos como mais tarde reformou esta sua opinião. Para a explorar, subiu com numero reduzido de remeiros o Ibicuhy, em cujas margens encontrou, depois de vencidas umas quarenta leguas, o dominio de Tabaca,[15]) chefe poderoso, que os acolheu optimamente.

Não só mostrava inclinação a abraçar a fé, mas congregou tambem numero de indios sufficiente para formar uma aldeia.

Querendo confirmar auspicios tão promettedores, fez o P. Roque, de uma arvore secular, cruz tão gigante, que para a erguer foi preciso chamarem-se em auxilio homens, mulheres e meninos. Demorando-se mais algum tempo, edificou uma capella provisoria, demarcou os predios e baptisou as crianças. Dedicou-se a aldeia recem-fundada, com toda a pompa que as circumstancias permittiam, a N. Sra. da Candelaria.

Chegara entretanto a noticia da viagem do P. Roque aos indios do interior, que indignados vieram com força armada sobre Candelaria, onde o julgavam encontrar. Tendo elle entretanto seguido avante, escapou não só á morte, mas tambem lhe foi poupada a dôr de ver a cruz derribada, a capella destruida e os neophytos ameaçados.

Mal, porém, lhe chegou a noticia dos tristes factos e de um ataque planejado contra Yapeyú, malbaratando a vida, voltou, por mais que lh'o dissuadissem os companheiros. De volta soube que Tabaca e os mais tuxavas, ausentes durante o assalto, ainda não tinham conseguido reunir guerreiros para fazer frente a inimigo tão poderoso. Não desanimou o P. Roque;

15) Differente do tuxava acima mencionado.

pelo contrario, procurando os chefes da multidão hostil, vinda do interior, já com dadivas, já com palavras de severa autoridade, alcançou não só que o deixassem seguir viagem, senão tambem que lhe servissem de guias á região do Tape, depois tão afamada pelos trabalhos bem succedidos dos missionarios.

XXI

Entra no Tape, hoje Cima da Serra[16])

Explorava á vontade o Tape ou Serra Geral, angariando ao mesmo tempo indios para uma reducção, quando soube que do sertão vinha um exercito inimigo para lhe tirar a vida. E, de facto, não se fizeram esperar. Bem puderam os morobixabas sustentar-lhes o primeiro embate, mas sobrevindo sempre novas forças contrarias, pegou o missionario em uma serra que lhe servia para cortar as arvores e fabricar as cruzes que costumava erguer, e empunhando aquella arma singular, foi ao encontro dos selvagens. Estes tomados de subito panico fugiram, bradando aos seus que o missionario usava terrivel instrumento munido de dentes agudos com que cortaria a gente, e que nas folhas de um livro lia as cousas mais secretas. Deu-se este encontro na região de Itayasaco, nome que Guevara interpreta por pedra inclinada, á margem do Ibicuhy-mirim, onde ao depois foi fundada a reducção de S. Miguel, no centro do Rio Grande do Sul, não longe da actual cidade de Santa Maria da Bocca do Monte.

Livre do grande perigo, poude o padre continuar a exploração, mas sempre de sobreaviso pela inconstancia dos indios.

E' aqui o logar de completar a descripção já encetada em capitulo anterior, do antigo Rio Grande, qual nol-a deixaram os primeiros missionarios. Entramos na Serra Geral, aquelle vasto planalto, que com suas escarpas e contrafortes atravessa em rumo leste-oeste todo o Estado. Se os autores não concordam nos limites daquella região, são unanimes em tecer-lhe

[16]) Não pretendo indicar que o paiz dos Tapes comprehendesse tão sómente a região serrana. A respeito dos seus limites são assaz obscuros os autores e divergem entre si.

os maiores elogios. Nós que a atravessamos, acceitamos como Southey, sem hesitar, o que della narraram os jesuitas, descrevendo-a como terra privilegiada, ornada de todas as bellezas imaginaveis de valles e montes e tendo um clima fecundissimo.

Campos se extendem a perder de vista, desdobrando paizagens variadissimas e rasgando horisontes de vastissima extensão. Alternam elles com valles risonhos, que adorna a odorante e esbelta arvore de mate, emquanto lá no alto das serras negreja o verde-escuro pinhal de copas arredondadas, imponente em seu silencio quasi religioso e luz abafada, onde erguem os braços ao céo, como em supplica muda, mil candelabros gigantes formados pelas esguias e possantes araucarias.

Em face de quadro tão encantador, enche-se a alma ao visitante de respeito e admiração, por ver a mão do Creador tão largamente prodiga com aquelle abençoado torrão.

Depois de descreverem a feição geral da terra, não deixaram de mencionar os chronistas varias curiosidades, que chamaram a attenção dos que primeiro a percorreram. Entre ellas occupa o primeiro logar a arvore escapú, ou escapis segundo Charlevoix, hoje quasi desconhecida, da qual, com o sol fóra, cae tão abundante orvalho que semelha aguaceiro. Encontrei o curioso vegetal nos arredores de S. Luiz Gonzaga de Missões, onde o chamam arvore de chuva e fiz uma descripção no folheto *Poranduba Rio-Grandense,* pag. 10.[17])

A palmeira rasteira, cuja fibra referem que dá um fio delgado (como seda), é sem duvida a tucum. No passaro branco que chamam sineiro, porque em seu grito acharam analogia com o toque do sino, reconhecemos immediatamente o nosso ferreiro ou araponga, cuja voz nos parece imitar o som de martello batendo em bigorna ou de lima afiando serra. Infelizmente já vae rareando, com a extincção das mattas, este melodioso amigo das solidões silvestres. Tambem o urutáo, no fundo da matta, solta as suas graves e espaçadas notas que echoam ao longe como plangentes sons de abandonados no deserto.

A anta, — que Lozano, autor do seculo 18, descreve tão minuciosamente, referindo entre outras curiosidades que os indios chamavam a via lactea *caminho das antas,* — ainda não vem mencionada no seculo do P. Roque.

Em compensação encontramos repetidas referencias a um animal hoje desconhecido no Rio Grande. Neste paiz, refere Southey, estribado em autores do seculo 17, vive um amphibio feroz chamado *ao,* de conformação analoga á da ovelha, mais

17) Cf. tambem „Annuario do Rio Grande do Sul" de 1902.

voraz porém do que o tigre e com não menos formidaveis presas e garras. Se um indio, para lhe escapar, sobe a uma arvore, o animal, ou espera pacientemente até que a presa venha a tombar desfallecida, ou com berros chama os companheiros que quaes castores, se põem a roer o tronco.[18])

E' provavel ser o *ao* o famacosio dos primeiros naturalistas, do qual dizem Techo e depois Lozano que do pêlo se fazia uma peça de fato, á qual deram o mesmo nome, de maneira que não se sabe qual das duas concepções seja a mais antiga.

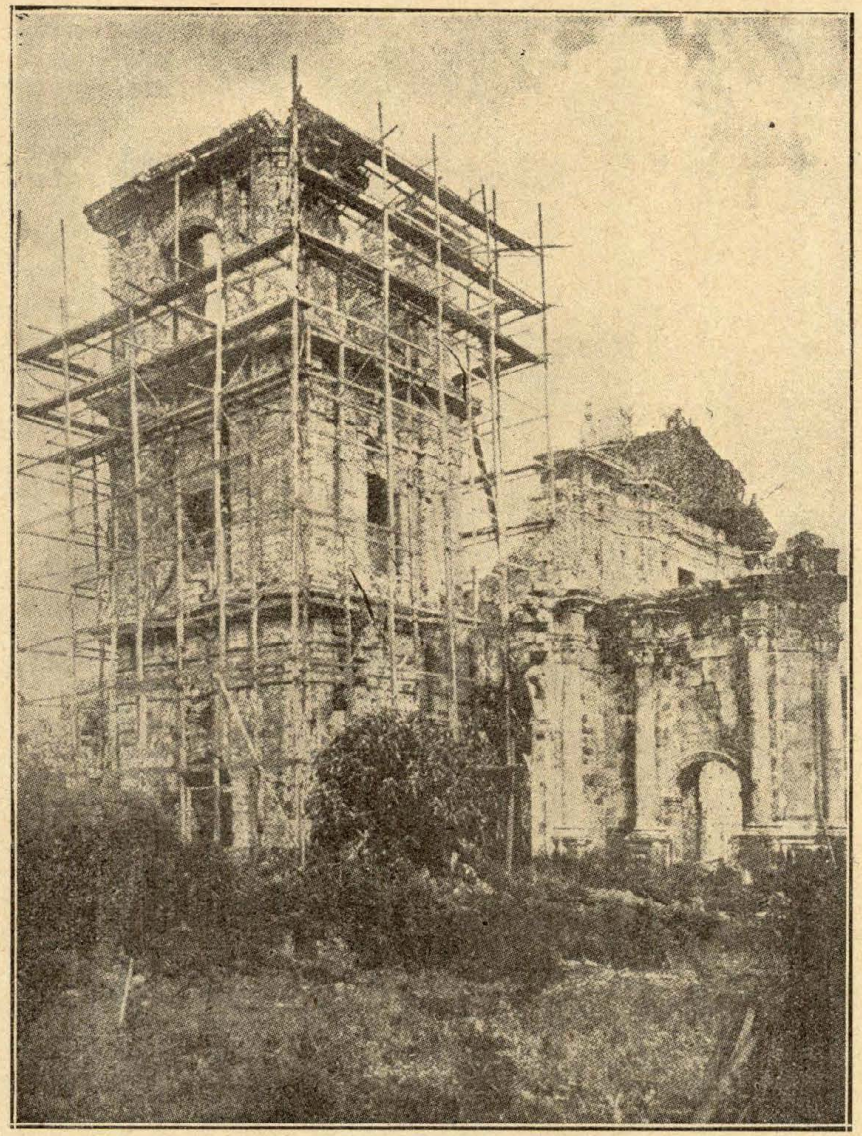
Que os campos do Rio Grande já estivessem povoados tambem de gado vaccum é provavel.

Quanto ao reino mineral, só temos as informações de Techo, que fala da abundancia de pedras cristallinas, as quaes poderiam aproveitar á industria européa. Serão, sem duvida, as agathas e cristaes de rocha tão communs na região serrana.

A nação tape, pertencendo ao grande tronco guarani,[19]) era tão numerosa que o nome se tornou designação generica de muitas tribus. Diziam que era a gente mais disposta a acceitar o evangelho, mas tão feroz a achou o P. Roque e tão alheia á doutrina, que se convenceu de ainda não ter chegado o tempo propicio para a catechizar.

18) Parece extincta essa singular fera. Uma passagem de uma carta que vem nas Lett. Edif. t. 15, podia dar essa explicação dizendo: Hallaron los indios el secreto de deshacerse de estos animales. Se juntan en cierto número y forman una fuerte palizada, en la cual se encierran. Luego dan grandes gritos y acuden de todas partes los animales; y entretanto que trabajan en sacar tierra para que caygan las estacas, los matan los indios sin riesgo alguno con sus flechas.

19) Vide. *Habitantes primitivos do Rio Grande do Sul.* Rio Grande 1911.



A torre da igreja de S. Miguel durante as obras de conservação.

XXII

A mais antiga descripção do Rio Grande do Sul

Tendo o P. Roque voltado de tão longa excursão aos Tapes, dirigiu ao P. Nicoláo Durán um relatorio que contém a mais antiga descripção do Estado do Rio Grande do Sul. Foi escripta na reducção dos Reis em 15 de Novembro de 1627, um anno antes do martyrio.[20]) Deste precioso documento colhemos que não foi de corrida que visitou a região missioneira e a Serra Geral.

Descreve primeiro a posição e extensão do territorio. De Buenos Aires á reducção dos Reis na foz do Ibicuhy ha 100 leguas de distancia, deste ultimo ponto até S. Nicoláo vão 50 leguas, que é o melhor terreno em todo o Uruguay e Paraguay, — certamente grande e insuspeito louvor em bocca de quem tantas terras andou.

Da densidade da população dá-nos o seguinte calculo. Todo o Uruguay é habitado por 20.000 indios que cultivam a terra, com excepção de dois ou tres mil que vivem da caça e da pesca na planicie entre Buenos Aires e Yapegú.

„E' falso, accrescenta, haver milhares de indios no Ibicuhy, como dizem os governadores, e quem affirma viverem 100.000 indios no Uruguay funda-se em informações de indios, que não sabem dizer a verdade; a quatro chamam muitos e de cem dizem que são tantos como as hervas do campo."

Com o que acabamos de referir concordam os missionarios brasileiros, que abertamente chamam aos tupis mentirosos: *Tupis et Guaranis eiusdem furfuris, semper mendaces,* i. é „tupis e guaranis são da mesma laia, sempre mentirosos."

„Em todo o Tape, escreve na mesma carta, não ha um posto para reduzir nem sequer duzentas familias, porque, como antigamente devia ser muita gente, destruiram os mattos e acabaram com elles e agora só ha capueiras e assim lavram entre cerros e penhascos. Por isso acham-se distribuidos em aldeiinhas, da quaes as maiores são de cem indios."

---

20) Ch. Calvo, Recueil Historique complet des Traités de l'Amérique, tom. XI pag. 206, 218. — Gabriel Soares e um autor anonymo em 1612 que vem citado no t. XXVI da Revista do Instit. Hist. Brasileiro esboçam o littoral do Rio Grande na occasião de descreverem a costa do Brasil. Do interior, porém, do seu systema orographico e potamographico, da extensão do paiz, da indole dos seus habitantes, do seu commercio com os portuguezes no Jacuhy, deu-nos Roque González as primeiras informações. Tambem as indicações e dados relativos ao Rio Grande no primeiro mappa do Paraguay que veiu á luz pouco depois da sua morte, fundam-se neste relatorio.

O mencionado mappa dá, segundo Alexandre von Humboldt, „a primeira vez" todos os grandes traços de boa parte da America do Sul.

Passa a dar-nos o P. Roque uma noticia preciosissima de nossa historia primitiva, asseverando que já naquelle tempo os portuguezes, deixando os navios fóra da barra, subiam pelo lay (o nosso Jacuhy) para commerciarem entre os guaranis em roupa e chapéos.

Em seguida propõe ao provincial um plano para comprehender aquellas terras no ambito da actividade missioneira.

„Venhamos agora á substancia das cousas, como se ha de reduzir aquella gente e por onde cumpre entrar. Eu, como já disse, lá estive, examinei e quasi que cheguei a medir aquella terra, de modo que vi por onde temos que iniciar a conquista espiritual, e é pela banda de S. Nicoláo, porque do Piratiny, sobre a qual está S. Nicoláo, ha 20 leguas ao Tape, mas pelo Ibicuhy haveria a vencer 100 leguas, antes mais que menos, porque de S. Nicoláo até Reis, em frente da embocca-dura do Ibicuhy, ha 40 leguas e de lá ao Tape 60."

Aponta mais um motivo para se preferir o roteiro recommendado, patenteando grande talento de organização. „Por esta via conseguiremos dispôr nossas reducções uma perto da outra, como já começamos, porque da Conceição a S. Nicoláo não ha mais de cinco leguas, de forma que se acodem mutuamente com facilidade e, o que é o principal, se coadjuvam em reduzir o gentio; porque é certo que uma reducção funda outra e esta a seu turno terceira, o que não se dará se estivessem separadas por 40 a 50 leguas."

Outra proposta poderia á primeira vista causar estranheza. Dá conta ao provincial de ter informado o governador que seriam necessarios dois nucleos hespanhoes, para servirem como de freio ás reducções, conservando-as em temor, sem o qual entre indios não se conseguia fructo de durar. Aquelle medo que tinham aos hespanhoes considerava ser traça da providencia divina, para levar os filhos das selvas ao conhecimento do Creador e seu divino serviço. Invoca neste ponto uma experiencia de quasi quarenta annos.

O papel dos hespanhoes desempenharam-n'o ao depois os portuguezes e mamelucos, por temor dos quaes não ousavam os neophytos deixar as reducções. Mas na nossa „Historia do Rio Grande do Sul", vol. I, cap. V, provamos como naquellas christandades succederam ao motivo do temor outros mais elevados.

Termina o P. Roque a citada carta com avisar-nos que nesta expedição duas vezes arriscou a vida e que póde affirmar que em todos os seus trabalhos e expedições apostolicas não soffreu tanto como nesta ao Tape.

Parte lateral da antiga igreja de S. Miguel, dos indios guaranis.

XXIII

Trabalhos apostolicos na região das Sete Missões

Informado o P. Roque, em fins de 1627 ou inicio de 1628, por um morobixaba, que ao norte do Piratiny ficava uma região, chamada Caasapamini, muito propria para se fundar um aldeamento, e que seus habitantes estavam dispostos a acceitar a prégação do evangelho, para lá se dirigiu e fundou Candelaria,[21]) assim chamada por celebrar a igreja na data da fundação a festa da Purificação de Nossa Senhora.

Naquelle mesmo dia houve baptismo solenne, conferindo-o o P. Roque em pessoa a 176 catechumenos, e no mesmo anno conseguiram reduzir tres mil indios, numero que mais tarde se elevou a sete mil.

Deixando o P. Romero á testa de tão auspiciosa christandade, continuou o P. Roque a devassar as terras vizinhas para preparar o terreno aos novos missionarios cuja chegada esperava. Entrou primeiro nas selvas do Caaro, onde as exhortações do P. Romero e o bom exemplo dos povos vizinhos já tinham produzido alguma inclinação á doutrina. Dos sessenta tuxavas que lá moravam, induziu a maior parte a não fazerem roça mui longe, removendo desta maneira um obstaculo para uma povoação futura.

Depois de lhes ter promettido um missionario, dirigiu-se aos extensos bosques que correm ao longo do Ijuhy, abrigando umas quinhentas familias sob tuxavas diversos, entre os quaes havia um, chamado Nheçum, que era respeitado como chefe supremo pela eloquencia nativa de que dispunha e arte magica que exercia.

Rodeavam-n'o constantemente aduladores de diversas tribus, aos quaes exigia, em troca do alimento quotidiano, o venerassem como divindade. Este grupo, como é obvio, não podia deixar de odiar o missionario e oppôz-se á evangelização. Sem recear-lhe a ferocidade, foi ter com este chefe o P. Roque e com tamanha autoridade lhe falou que o sujeitou á lei de Christo.

Para separal-o da roda dos lisongeiros e confirmar-lhes as boas disposições, o levou a S. Nicoláo, onde lhe preparou recepção solenne. Nheçum, voltando ao Ijuhy, mandou levantar igreja e casa para os missionarios e até induziu os tuxavas, seus vizinhos, a lhe imitarem o exemplo; mas não largava as feitiçarias, nem despedia as concubinas.

---

21) Não se confunda esta povoação com outra do mesmo nome sobre as margens do Ibicuhy, a qual não passou da phase inicial.

Tendo, apezar de tudo, o P. Castillo dado informação favoravel a respeito deste individuo de duvidosa sinceridade, lançou o P. Roque no dia da Assumpção de Nossa Senhora de 1628 os alicerces duma aldeia e templo, ambos dedicados á Virgem, constituiu autoridade civil, presenteou a varios tuxavas e, tendo exhortado o povo em pratica fervorosa, lhe deu como cura d'almas e administrador temporal o P. Castillo.

Despediu-se deste seu companheiro com sentimento e magoa, por deixal-o tão só como cordeiro entre lobos. Quanto, de facto teve de soffrer naquelle posto avançado este padre, bem o revelou numa carta que dirigiu ao P. Boroa, dizendo: „Não se póde exprimir com palavras quanta virtude é necessaria para catechizar indios; já tinha eu reunido umas quarenta familias, quando uns homens indomitos começaram a pôr á prova minha paciencia, mas por nada me apartei do caminho que tenho que seguir. Oxalá tivera eu as virtudes do P. González, então não seria indigno de apascentar este rebanho."

O superior da missão do Uruguay e Paraná chegára entretanto ao Tabaty, affluente do Uruguay. Agradou-se daquelle sitio e prometteu aos indios um missionario, logo que o tivesse á disposição.

XXIV

Funda o P. Roque a reducção de Caaro

Neste comenos se soube que os novos missionarios vinham subindo o Paraná. Alvoroçado lhes foi ao encontro o P. Roque, esperando-os em Itapúa.

Recebeu-os com grande contentamento para recreal-os, fez por seus neophytos representar varios jogos scenicos. Em seguida os instruiu como deveriam tratar os indios e dividiu-os, enviando uns para Assumpção e outros para o Guayrá.[22])

22) A desacertada traducção que fez D. M. Serrano y Sanz da „Historia Provinciae Paraquariae Soc. J." — diz que o seu autor, o P. N. Techo, estava entre os missionarios recem-chegados da Europa e recebidos pelo superior das missões, o P. Roque: „Mientras todo lo referido acontecía, llegaron nuevas de que diez misioneros venidos de Europa navegaban rio arriba por el Paraná, y estaban ya cerca del P. González, quien, alegre al saberlo, fué á Itapúa, donde lo vi por vez primera; nos recibió á todos con grandísimo contento, y nos recreó con varios juegos que hicieron los neófitos. En seguida nos instruyó de como debíamos tratar á los indios..." Que o P. Techo não

Elle mesmo, em companhia do P. Rodríguez, se dirigiu ao Ijuhy e Caasapamini e, dando uma volta, entraram no Caaro em 31 de Outubro de 1628.

Era este o nome duma terra que, entestando com o Uruguay, se estendia dez leguas para o interior, não se distinguindo da vizinhança senão por uma população mais densa.

Era o torrão que havia de ensopar com o sangue o nosso infatigavel apostolo, logar tão caro a nós e até ha pouco inteiramente desconhecido, o qual á custa de repetidas pesquizas e não pequenos sacrificios conseguimos finalmente determinar. (cf. o mappa e o A. do appendice e o cap. 33 desta biographia).

Achando-se encravado entre aldeias já christãs, Caaro fecharia dum lado, depois de evangelizado, o baluarte contra os pagãos e do outro abriria o caminho para o Atlantico.

Tendo-se ouvido o voto dos tuxavas e sobretudo de Quarabay sobre a nova fundação, arvorou-se uma cruz e nomearam-se corregedores para a nova aldeia, a que se deu a invocação de Todos os Santos, por ser o dia 1.º de Novembro. Começaram os missionarios a baptizar as crianças e instruir a gente, não suspeitando que estavam em vesperas de serem victimas de tremenda conjuração.

XXV

A conjuração

Quem urdiu a trama de maliciosa crueldade, foi, como já apontou acertadamente Southey, um certo Potirava, indio fugido das reducções, que votava aos padres um odio figadal e lhes tinha jurado a morte, como parece provar um attentado anterior contra o P. Aragón.

Procurando quem lhe servisse de companheiro na em-

---

estava presente na dicta recepção feita pelo P. Roque aos recem-vindos, nem o viu pela primeira vez nem jamais chegou a vel-o nesta terra, evidencía o respectivo texto original em latim que copiei da edição de Lovaina de 1673 que assim reza: „Itapuam celerrime properat (Gonsalvius), quo eodem ferme temporis momento, ipse et novi hospites convenere..." (liv. VIII, cap. 21). Nada se encontra aqui que se referisse ao P. Techo nem que visse ao P. Roque a primeira nem outra vez; era um impossivel, sendo que Nicol. de Toict (Techo) estava então na Europa tendo dezasete annos de idade.

presa infernal, encontrou-se com Nheçum.[23]) Reconhecendo nelle a indole soberba, fingia acreditar-lhe, como o vulgo nescio, no caracter divino e, para arraigar ainda mais tão desvairada opinião no animo, cuja vontade e sympathia procurava ganhar, lhe dizia que acharia obediencia no céo e no tempo, nas selvas e feras. Sujeitar-se a um sacerdote seria nelle aviltamento da sua soberania divina á condição de subdito e escravo; accrescentava que os padres lhe tirariam as concubinas para as darem em matrimonio á gente vil, deixando-lhe para maior confusão tão sómente a mais velha. Estimuladas desta sorte as paixões, o pagé soberbo e sensual determinou lavar no sangue dos missionarios o labéo de leviandade com que os tinha admittido.

Não admira tamanha crueldade em selvagem cujos costumes ainda nada tinham de christão e que bem sabia o alvo que tinha em mira o P. Roque, insistindo na unidade e indissolubilidade do matrimonio.

O primeiro golpe havia de descarregar-se sobre tão incommodo prégador, que naquella occasião estava no Caaro, onde viviam dois tuxavas que tambem julgavam possuir algo de divino ou sobrehumano. A estes mandou o recado de assassinarem aos padres, emquanto elle, tendo dado sorte igual aos missionarios que lhe estavam mais á mão, reuniria os indios para um ataque contra as demais reducções, com cujos tuxavas tudo se achava combinado.

Desenvolveu Nheçum uma actividade de espantar para sublevar o povo no Ijuhy. Reprehendia os que já seguiam a lei de Christo ou vinham trazer os filhos ao baptismo e, enchendo-se de furor, ameaçava-os, como se regesse o mundo inteiro, com pavorosa esterilidade nos campos e medonhos temporaes.

XXVI

Martyrio do veneravel P. Roque e seus companheiros

Ainda no dia 15 de novembro, em que havia de deixar este mundo, escreveu o P. Roque uma carta ao P. Romero que nos mostra quão pouco se arreceava do perigo. Dizia nella que tudo ia em bom andamento e que pouco faltava para se reduzirem quinhentas familias.

Ouçamos agora a relação dos tristes successos no Caaro. Celebrára o P. Roque o santo sacrificio, sem suspeitar que

[23]) Não se deve com Charlevoix (liv. 7) e Southey (cap. 23) confundir este adivinho com o morobixaba Diego Nieza. Veja Append. crit. B.

seria o seu viatico, e feita a acção de graças costumada, mandou vir um neophyto, para guindar um sino a uma arvore. Acudira muita gente á praça e em frente á igreja.

Caarupe, um dos conjurados, julgando a occasião opportuna para executar o plano sanguinario, mandou alguns indios acercar-se do padre, armados de instrumentos que pareciam convenientes ao trabalho que se fazia. Cercaram a victima, para evitar que lhes escapasse ou lhe viesse auxilio de fóra. Nisto curvou-se o padre sobre o sino para prender o badalo, e a um aceno de olhos de Caarupe,[24]) um golpe de macana vibrado por Marangoa prostrou por terra, exanime, o sacerdote, emquanto outro indio, amiudando furiosamente os golpes, partia-lhe o craneo.

Foi assim que aquella generosa alma, livre já das peias do corpo, voou para as regiões da paz e luz eterna.

O dia memoravel em que a terra riograndense bebeu o sangue do seu primeiro apostolo foi o dia 15 de novembro do anno de 1628.

O alarido que levantaram os algozes, ebrios de alegria, attrahiu o P. Affonso Rodríguez, que numa cabana estivera a recitar as horas canonicas. Mal appareceu, rodearam-n'o os malfeitores, trucidando-o com a mesma sorte de supplicio. Contava o joven missionario 33 annos de idade e, segundo o provincial P. João Ferrufino, levou ao tumulo a tunica da innocencia baptismal. Era devotissimo da paixão de Christo, em cuja meditação tão copiosas lagrimas derramava, que por pouco não o cegaram.

Se eram numerosos os indios que se alegravam com o assassinio, não faltou tambem quem tivesse compaixão dos missionarios indefesos, que ainda depois de mortos eram alvo duma crueldade ferina. Despiram e esquartejaram-n'os, arrancando-lhes os intestinos.

Em seguida profanaram os paramentos, quebraram os vasos sagrados, derribaram o altar, rasgaram o missal e tambem aquelle quadro da Virgem, chamado a „Conquistadora", companheiro inseparavel do P. Roque, quando sahia a novas conquistas apostolicas.

Emfim atearam fogo na capella, lançando nelle todos os crucifixos.

Mas não eram estas as unicas corôas que havia de distribuir aquella perseguição. O velho sogro do tuxava Guarobay, já catechumeno e um daquelles que admittiram os padres,

[24]) Em Astrain (Historia de la Compañía de Jesús en la Asistencia de España), tomo V, p. 514 erradamente apparece presente ao martyrio, e como occupando o logar de Caarupe, o morobixaba Nheçum (ou Necú).

chegou á praça, ignorando completamente a conjuração e o crime que acabava de se perpetrar.

Vendo o que succedera, exprobrou aos assassinos tão cobarde attentado contra sacerdotes inermes, a quem eram mais devedores do que aos proprios paes, porque a estes só deviam uma vida semelhante á das feras, emquanto aquelles lhes tinham ensinado a viver como convinha a filhos de Deus. Passou a extranhar a sevicia exercida contra os despojos mortaes de pessoas de quem já nada tinham que temer.

„Que loucura, terminou, darem-se os parabens por tão horrendo crime, como se fosse façanha gloriosa!"

Não podendo os malfeitores soffrer tão justa reprehensão, atiraram-se sobre o velho e o fizeram em postas. Tambem um dos rapazes que trouxera o P. Roque, para servirem de acolytos, reprovava corajosamente a crueldade cobarde dos conjurados, emquanto o companheiro escondia os santos oleos, para os subtrahir á profanação.

Só o receio da vingança dos paes e parentes impediu aquelles desatinados de matar tambem a estes intrepidos meninos que serviram, ao depois, de testemunhas do glorioso martyrio e dos acontecimentos que o acompanharam.

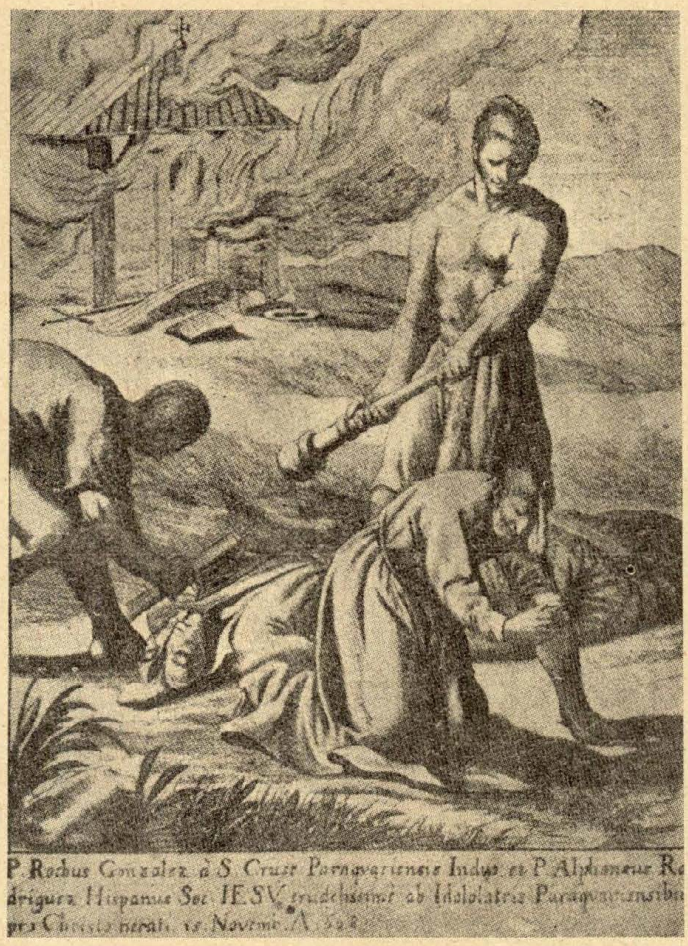
Quando, pouco depois, recebeu Nheçum a noticia do que se dera no Caaro, não cabendo em si de contente, vestiu um manto feito de pennas, convocou a sua gente e foram em busca do P. Castillo. Achando-o em casa, fingiram que vinham receber os presentes costumados e tão appetecidos. Mas apenas o padre lhes trouxe grande quantidade de cunhas de ferro e de anzóes que tinham pedido, traiçoeiramente lhe amarraram os braços e as mãos.

Suppondo a victima que era a cobiça motivo da aggressão, offereceu-lhes quanto tinha em casa e mais a propria pessoa em escravo. Porém os verdugos lhe tornaram: „Matar-te-emos, como já foram mortos Roque e Affonso."

„Não me tirareis a vida, contestou o P. Castillo; tal morte é principio de vida melhor." Mal pronunciára estas palavras, ataram-lhe uma corda grossa e o arrastaram para fóra da aldeia por pedras e sarças, apupando a victima com gritos de escarneo. Feriam-lhe o rosto e o corpo com golpes de espada e atravessaram-lhe os olhos com settas. Finalmente o acabaram, esmigalhando-lhe a cabeça, já toda enlameada, com uma saraivada de pedras.

Deixando no bosque o corpo do martyr, como pasto aos tigres, entre exclamações de regosijo voltaram á aldeia.

A morte do P. Castillo se deu no dia 17 de novembro, dois dias depois do martyrio dos padres González e Rodríguez.



Martyrio dos padres Roque González e Affonso Rodríguez.
Copia duma imagem que se encontra num livro antigo da bibliotheca de Eduardo Prado.

XXVII

Actividade ulterior de Nheçum

Nheçum poz immediatamente saque á capella e, reservando para si os paramentos ou por zombaria ou em signal de triumpho, apresentou-se ao povo revestido de casula. Mandou lhe fossem apresentados os meninos baptizados, para os desbaptizar, como elle dizia.

Inventando um rito para este effeito, lavou-lhes a cabeça com areia, rapou-lhes a lingua e peito com uma concha, como para dar a entender que lhes apagava na alma o effeito do sacramento. Emfim para ser a ceremonia bem differente da que usavam os padres, rebaptizou os meninos, deitando-lhes sobre os pés agua duma cabaça, que trazia escondida, inculcando ao nescio vulgo uma origem magica do liquido.

„Não vos parece, perguntou finalmente com estolida presumpção, que sou um deus a valer e sei baptizar bem?" Terminou, exhortando a todos deixassem a doutrina prégada pelos padres e voltassem ao teor da vida antiga.

Para o dia seguinte estava marcado marchariam sobre o Piratiny para dar a morte aos missionarios lá residentes. O P. Affonso de Aragón, informado do que se tramava, já se ia preparando em fervorosa oração para o sacrificio da vida.

Em S. Nicoláo, primeira fundação do P. Roque em terras do Rio Grande, só se achavam alguns jovens, porque o mais da gente andava fóra, occupada nas lavouras; porém estes poucos, enchendo-se de coragem, dispuzeram tudo para uma resistencia valorosa. Os padres, não querendo desamparar os neophytos, postaram-se á porta da igreja, mas estes não lh'o consentiram, dizendo que deste modo todo o povo arriscava a perder os paes espirituaes.

Nisto apparecem os indios de Nheçum, pintados para a guerra á maneira pagã, e dando gritos selvagens, lançaram-se sobre a pouca gente que viam de fronte. Esta sustentou o combate desigual com galhardia, mas emfim venceu o numero e os aggressores, já senhores da aldeia, procuravam por toda a parte os padres Aragón e Clavijo, esquadrinhando o templo e casa de residencia. Não os achando, para obrigal-os a sahir do esconderijo, lançaram fogo sobre o colmo da igreja, arrancando e accendendo folhas dos livros do P. Affonso, os quaes traziam sobre a cabeça como adorno triumphal.

Corria o mez de novembro e os calores eram intensos, mas com pasmo geral não se ateava o incendio.

Neste entrementes, cobrando animo, voltaram os jovens á carga. Reaccende-se a peleja, são mortos uns 60 pagãos e

muitos feridos, emquanto os christãos escapam com poucos e insignificantes ferimentos.

Os padres tinham-se retirado para Conceição, aonde o P. Alfaro, a cujo cargo estava aquella reducção, tinha chamado o chefe Nicoláo Nienguiri, que acudiu com varios tuxavas e muita gente.

Ao saber dos acontecimentos, declarou com seus companheiros que não havia outro meio de salvação senão a guerra aberta aos infieis e, sem perda de tempo, dirigiu-se, á testa de 200 homens escolhidos e bem armados, para o Piratiny, com o fito de tolher o passo ao invasor que de poucas forças dispunha.

XXVIII

Castigo de Nheçum e mais conjurados

Chegando a noticia da morte dos padres Roque e Rodríguez ás outras reducções, grande foi o temor dos missionarios, o qual ainda cresceu com os boatos adrede assoalhados pelos infieis, para exaggerarem a extensão do levante.

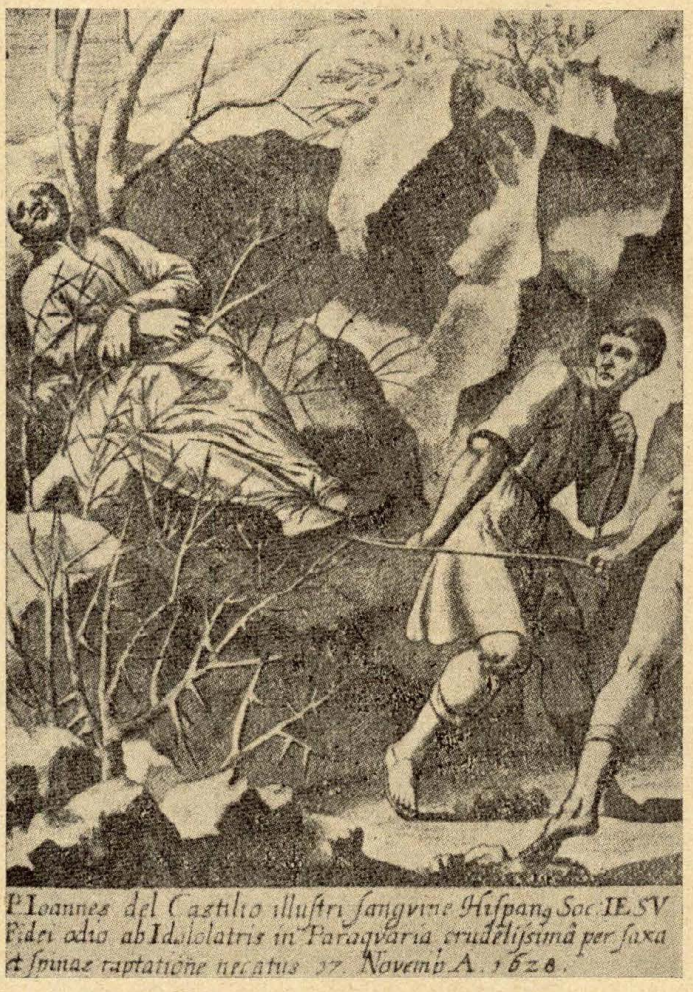
A inquietação, porém, tocou ao auge, quando soou pela terra ser morto o P. Castillo e ter Nheçum, conforme se dizia, assalariado as tribus costeiras do Atlantico para dar cabo das reducções.

Entretanto tinham-se juntado sobre as margens do Uruguay uns 800 guerreiros para fazer frente ao inimigo.

Dirigiram-se ao Ijuhy, onde só encontraram o irmão Antonio Bernal, que, não tendo onde encerrar os ossos do P. Castillo, os levava numa batina para Piratiny. No dia immediato chegaram á vista do inimigo e, mandando-lhe mensageiros, exigiram a extradição de Nheçum e dos demais assassinos, se quizessem voltar em paz.

Responderam os infieis com um chuveiro de settas. Avançaram pois os christãos com denodo e, desbaratando os contrarios, juncaram o campo de cadaveres, emquanto o exercito vencedor não teve outras baixas senão tres mortos e trinta feridos.

Nheçum conseguiu evadir-se, pois antes de travar-se a lucta já passára o Uruguay numa balsinha feita de ramos. Por muito tempo não se soube ao certo do seu paradeiro; correu o boato que succumbira victima dum troço de indios errantes, noticia que emfim acalmou o sobresalto em que viviam os indios reduzidos de uma nova aggressão da parte de inimigo tão encarniçado. De facto só em 1644 foi preso pelos paulistas no salto grande de Uruguay.



Morte do P. João del Castillo, martyrizado pelos guaranis a 17 de novembro de 1628, segundo uma figura da bibliotheca de Eduardo Prado, São Paulo.

Mas voltemos aos successos do Ijuhy. Toda a população se rendeu ao victorioso Nienguiri, que destruiu as casas de Nheçum, tão numerosas como as concubinas, e deu-se pressa em alcançar S. Nicoláo, onde encontrou um reforço valioso. Acabara de apparecer um esquadrão de cavallaria hespanhola que o cavalheiro portuguez Manoel Cabral, residente em S. João de Corrientes, armara á propria custa.

Tambem os padres franciscanos Gregorio Osuna e João Gomarra tinham mandado uma tropa auxiliar de 400 neophytos. Outra força trouxera Arepizandú e alguns tuxavas das reducções vizinhas.

A alma de toda aquella resistencia bem organisada fôra o reitor do collegio de Assumpção e vice-provincial, o P. Diogo de Boroa que, não tendo alcançado nada do governador, não poupara esforços para reunir as tropas mencionadas, e em pessoa as acompanhara até S. Nicoláo.

E viera a tempo. Pois já no dia seguinte investiram contra a aldeia 500 indios do Caaro, sem suspeitarem que se achava occupada por tanta gente de escol.

Tanto maior foi o assombro, ao verem cavallaria hespanhola, e cegos de terror se metteram pelos bosques, onde os esperava Nienguiri, dizimando-os sem piedade. Cabral, conseguindo fazer juncção com esta tropa, decidiu a victoria. Entre os 58 prisioneiros tambem se achavam os assassinos do P. Roque, cuja morte vingaram no dia immediato, quando se apossaram de Caaro.

Sob a presidencia de Cabral e Nienguiri, deliberaram os tuxavas sobre o castigo que convinha infligir aos rebeldes. Houve tres pareceres. Uns pediam a pena capital para todos, outros queriam restringil-a só aos autores do levante e emfim desejavam os padres se poupasse a vida a todos, porque não queria a Companhia vingar com sangue a morte de seus filhos.

Prevaleceu a sentença de Cabral, que condemnava á morte os cabecilhas da sedição e mais doze dos conjurados captivos.

Caabure e Caarupe morreram enforcados. Marangoa foi sentenciado no mesmo sitio onde tirara a vida ao P. Roque. Só Caabure terminou a vida blasphemando, os demais receberam o baptismo.

Potirava, tendo escapado da batalha, mas entregue por um dos companheiros, foi tambem executado.

Todos os prisioneiros declararam a uma que o movel da rebellião não fôra outro senão o odio á religião de Christo e o apego ás crenças antigas.

Marangoa declarou que ouvira o P. Roque falar depois de morto e referiu as palavras que sahiram do coração já arrancado do corpo. Passemos a relatar este facto. (V. Append. crit. B e N. X.).

XXIX

O coração do P. Roque

Os leitores estarão lembrados que os assassinos lançaram os despojos dos martyres no fogo que devorava a capella. Muitas testemunhas oculares depuseram no inquerito juridico que, ao voltarem os indios, acharam os corpos quasi illesos do fogo e para maior confusão dos criminosos ouviram uma voz que parecia sahir do coração do P. Roque, dizendo-lhes o que varias testemunhas substanciaram nestes termos:

„Ternamente vos amei e em paga de tanto affecto me déstes morte cruel, mas não tivestes poder senão no corpo, minha alma gosa da gloria do céo. Muitos serão os castigos que soffrereis pelo parricidio, pois filhos meus vingarão o desacato com que tratastes a imagem da Mãe de Deus."

Alguns accrescentavam ainda ter-lhe ouvido que novamente lhes havia de acudir e trazer auxilio.

Palavras dignas de discipulo de Christo, — que ainda na cruz perdoou aos verdugos, — e sentimentos proprios de martyr, pois já o proto-martyr S. Estevão orara pelos perseguidores.

Mas os indios de Caaro bem longe estavam de tomar a peito doutrina tão commovente; enchendo-se de furor, investiram Caarupe e Marangoa contra aquelles despojos do martyr como quem queria suffocar a voz maravilhosa.

„E ainda fala o embusteiro!" exclamou um delles. Mas notando Caarupe que os labios já desfeitos pelos golpes reiterados não podiam articular palavra alguma, mandou ao algoz abrir o peito á victima. Mas nem assim calou a voz. Buscando donde partisse, emfim se convenceram que sahia do coração. Cheio de sanha cruel, atravessou-o então Caarupe com uma flecha que terminava em ponta de ferro. E, atiçando a fogueira meio apagada, tornaram a lançar nella os membros truncados, mas o fogo, que reduzira a cinzas a capella e casa de residencia, não os consumia.[25])

[25]) Agradeço aqui ao Ex.^{mo} Sr. General Bartholomeu Mitre (já fallecido) a gentileza com que durante alguns mezes me franqueou o accesso á rica bibliotheca americana que possuia. Foi lá que encontrei o texto latino de Techo, hoje tão raro que nem se acha nos maiores collegios da Companhia. O exemplar que consultei pertencera ao noviciado em Bordéos, pois acham-se no frontispicio os seguintes dizeres: „Domus Prob. Burdigal. Soc. Jesu Cat. inscript." A edição é de 1673. „Leodii ex-offic. typogr. Math. Hovii. Sub signo Paradisi Terrestris 1673." O trecho citado enche quasi o cap. 25 do livro VIII e reza assim: „Interim accidit res mira dictu: quippe Rochi Gonsalvi cor ex ipso cadavere gravi et articulata oratione in hunc modum carnifices per-

Além do que temos referido, asseveram as testemunhas que todos a quem tingiu o sangue do P. Roque as mãos, as tiveram depois cobertas de uma especie de pustulas, as quaes, em se abrindo exhalavam cheiro tão insupportavel aos proprios criminosos que não podiam deixar de reconhecer o castigo de Deus, (Southey cap. 23), que este era o mal que o coração do P. Roque tinha dito lhes havia de vir.

Voltando ás reliquias dos martyres, temos que dar primeiro noticia sobre o coração do P. Roque. Foi trasladado para Roma e nesta occasião assevera o P. Nieremberg tel-o visto, bem como a ponta da flecha, que tambem se salvara do incendio. Ainda hoje após tres seculos, existe a reliquia preciosa, inclusa numa capsula de metal dourado que imita a forma de coração. Por duas vidraças de cristal apparece o coração do martyr, enchendo quasi todo o interior e mostrando de um lado a ferida feita pela flecha. Remata o relicario uma coroa encimada por uma cruz, a cujo pé se cruzam duas palmas.

A bem lavrada peanha traz a seguinte inscripção:

Cor prodigiosum
Ven. P. Rochi González
A Sta. Cruce. S. J. pro X^to necati
in Paraq.^a 15 Nov. 1628

Quer dizer: „O maravilhoso coração do veneravel P. Roque González de Santa Cruz, morto por Christo no Paraguay, em 15 de novembro de 1628."

Fiz a descripção supra segundo uma photographia que devo á gentileza do Rev. P. Carlos de Souza Gomes S. J., então residente em Roma.

---

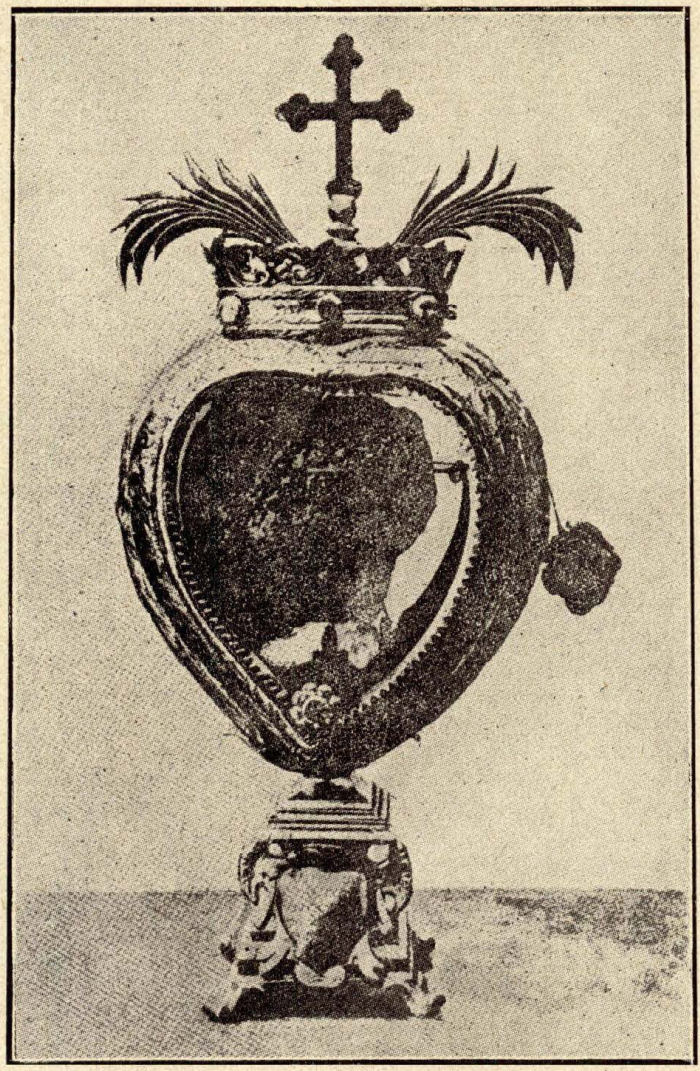
strinxit": „Occidistis corpus meum et ossa mea confregistis, non spiritum, qui jam inter Beatos regnat. Ob id magis ac (maiores?) vos manent calamitates; nam filii mei (Neophytos intelligebat) injuriam Dei Matris imagini illatam ulturi convolabunt." Unanimes hoc asseruere auriti et oculati testes captivi, quorum aliqui addidere alias voces ex eodem corde fuisse auditas, quae dicerent, *se illis denuo adfuturum opemque laturum;* adeo nihil vindictae spirant Martyres in suos occisores, etiam post mortem benevoli. Prodigii raritas non mansuefecit, sed exasperavit obstinatos. Quare Caarupe Marangoa tortori rursum mandat ut Rocho pectus aperiat, scruteturque unde voces emittat. Is dissecto pectore cor cum eripuisset: Illo, illo, inquit, praestigiator loquitur continuatoque furore sagittam, ferro cuspidatam in illud collimat transadigitque..."

A authentica que acompanha a reliquia é de 9 de outubro de 1696. Foi nesse dia que, na presença de notario e testemunhas se mudou da caixinha antiga para o actual relicario. Ella era de madeira, de forma oval e de um palmo de comprimento. Estava fechada e trazia cinta côr de rosa, duas vezes sellada com lacre em que ia expresso o nome de Jesus.

Assim fôra conduzida para Roma em 1633 pelo P. J. B. Ferrufino, procurador eleito e enviado da Provincia do Paraguay, o qual celebrou tambem o coração do martyr em sentenças novas e sublimes que começam pelas palavras: *„Cordi omnium cordatissimo"* e terminam pela phrase:*„Nemo invulneratus amat."*

Tendo verificado o notario que estavam intactos os sellos, quebrou-os, abriu a caixinha e achou o coração com duas legendas que diziam ser o do P. Roque González. Entrègou-o ao P. Ant. Rego, então assistente da provincia de Portugal, que o encerrou em um crystal de rocha, o qual, a seu turno, foi incluido na capsula de metal dourado acima descripta. Fechou-a em seguida e a ligou com uma fita cor de rosa, marcando-a com o sello do seu cargo. (Cf. Mss. ined, n. XI. do Appendice).

Essa preciosa reliquia foi levada a Buenos Aires em fins de setembro de 1928.



O relicario que contém o coração do P. Roque, ainda bastante bem conservado, e que foi levado a Buenos Aires em setembro de 1928 pelo R. P. Thomaz Travi S. J., postulador da causa da beatificação do martyr, depois de ter estado em Roma 295 annos

XXX

A „Conquistadora"

Reservamos para este logar alguns pormenores sobre o quadro da Virgem, chamado a Conquistadora, do qual já por vezes fizemos menção.

Refere Lozano que, antes de passar ás mãos de quem tanto o prezava, já alcançara este titulo. Trazido pelo provincial Diogo de Torres em 1610 para S. Ignacio-guaçú, fôra exposto á veneração dos fieis na igreja da aldeia.

Ora tinham chegado das margens do Paraná dois tuxavas pagãos, attrahidos pelo desejo de verem o provincial. Os padres, acolhendo-os o melhor que puderam, aconselharam-lhes a miude ficassem residindo em S. Ignacio, para que, apprendendo a lei de Deus, recebessem o baptismo. Mas os dois hospedes, negando-se a tudo, insistiam em voltar para a terra natal, dizendo que, acostumados ao peixe quotidiano, não poderiam passar sem elle em S. Ignacio. Os padres lançaram mão do ultimo recurso e rogavam aos jovens ao menos pedissem á Mãe de Deus, representada naquelle formoso quadro, as luzes precisas para reconhecerem o que lhes convinha. Annuiram os selvagens.

No dia immediato, sem entender-se um com o outro, vieram ambos ter com o provincial, para lhe declarar que a Virgem os tinha alumiado e já estavam resolvidos a acceitar a religião christã e juntamente pediam desculpa de sua tão aturada resistencia.

Por ter vencido a obstinação dos selvagens, chamavam os padres a Virgem do quadro „A Conquistadora". A devoção que lhe tinha o P. Roque era extraordinaria. Em todas as viagens apostolicas levava-o comsigo. Tinha o costume de recommendar-lhe as almas dos selvagens, em cujo territorio penetrava, e a ella attribuia todos os triumphos que obtinha.

Foi portanto Maria Santissima que, já nos inicios da historia do nosso Rio Grande, o abençoou e cumulou de graças. E como se quizessem mostrar-se reconhecidos os filhos desta terra por tão especial favor, deram a uma extensa região o nome de *Terra da Mãe de Deus*, que é o que quer dizer *Tupaceretan*,[26]) denominação geographica que não tornamos a encontrar em todo o Brasil.[27])

---

[26]) Theodoro Sampaio. „O Tupi na geographia nacional", esreve no Vocab. Geogr. Brasilico: „tupã-ci-retama, terra da Mãe de Deus, o paiz de Nossa Senhora; Rio Grande doSul."

[27]) Moreira Pinto, Diccionario geographico do Brasil, 3 tom., Rio de Janeiro, 1899.

E' esta como que a unica lembrança que ainda nos resta daquelle quadro formoso, consumido pelas chammas do incendio, que reduziu a cinzas o templo de Caaro no dia do martyrio do P. Roque, o qual, como vimos, ainda depois de morto, prophetizou seria vingada a injuria irrogada á Mãe de Deus.[28])

XXXI

O cavallo do P. Roque

Outro incidente que acho nas fontes não o julgo dever calar, porque, apezar de causar estranheza a muitos, não deixará de despertar um que de sympathia no riograndense, filho da região dos campos.

Um dos tuxavas conjurados levara o cavallo do P. Roque, mas o animal de abatido não pastava. Por mofa disseram os indios que o vieram ver: „E' que chora a morte do amo Roque". Ouvindo este nome, começou o animal a relinchar tristemente e toda a vez que ouvia o nome do amo dava este e outros signaes de pesar. Debalde tentavam nelle cavalgar, cuspindo a todo cavalleiro, até que afinal um indio se lembrou de vestir a batina do martyr. Eis que o animal lhe obedece, mas só emquanto o selvagem trazia aquelle despojo; mal largava a batina, não achava meio de subjugal-o.

Convencendo-se assim todos de que de nada lhes serviria tal cavallo, o qual, ainda pelo pesar que mostrava, parecia exprobrar-lhes constantemente o crime, a frechadas o mataram.

O lucto deste irracional, diz Eusebio Nieremberg, não

[28]) Ignorando este facto, diversas pessoas, sobretudo os habitantes de Itaty, na Republica Argentina, affirmam que uma estatua que lá se acha era a que levava o P. Roque. De mais a mais, é demasiadamente pesada para ter sido transportada tão frequentemente a grandes distancias e atravez de mattas invias Cf. o artigo do P. Pablo Hernández S. J. no periodico ecclesiastico de Buenos Aires de 1904. — Num relatorio que passa por obra do P. Ferrufino, se diz claramente que era *pintura* (Pastells II. p. 514). — Frei Pedro J. de Parras, franciscano, que visitou Itaty em meados do sec. 18, escreve que „es una imagen de María Santísima aparecida en aquel sitio, muy milagrosa." (Diario, na Rev. de la Bibl. de Buenos Aires, t. 4, por Trelles, p. 283). Nada sabe do P. Roque nem da „conquistadora." — „... la „conquistadora". . . la *rasgaron* con sacrílega impiedad." (carta do P. Vásquez Trujillo ao P. Mucio Vitelleschi, Buenos Aires 22 dez. 1629).

deixou de impressionar um ou outro dos assistentes e o tuxava que o tivera em seu poder chegou a converter-se, chamando-se Diogo de Tambabe. De perseguidor que antes fôra, veiu a ser defensor acerrimo dos christãos e propagador zeloso da fé.

Quando um missionario se dispunha a entrar por terra de infieis, offerecia-se Diogo para o acompanhar e auxiliar.

Nessas excursões exhortava os fieis com viva e efficaz eloquencia. Succumbiu martyr de caridade, pois, servindo aos enfermos em tempo de peste, foi victima do contagio. Quando já se debatia nas vascas da morte, invocava ainda o nome do glorioso martyr, pedindo-lhe entre lagrimas perdão, dizendo que não soubera o que fazia, quando deu morte a quem lhe vinha trazer a vida. (V. B. n. II).

XXXII

Honras feitas ás reliquias

Desbaratada a conjuração, voltaram os vencedores ao povo de N. Sra. da Conceição em procissão que mais tinha de triumphal que de funeraria.

E' o protestante Southey que nol-a descreve: „Erigiram-se, diz o autor, pelo caminho arcos festivaes e accenderam-se fogos de alegria. Os ataudes em que iam os santos restos eram alternadamente levados por morobixabas e officiaes hespanhoes, marchando de um e outro lado jesuitas, que de toda a parte affluiam a assistir á solennidade. Seguia-se o exercito em ordem de batalha e no meio os prisioneiros; após vinham as crianças da reducção, depois as mulheres, logo atraz os homens e por fim os tuxavas."

Inhumaram-se os despojos mortaes em Conceição, menos o coração do P. Roque que, com a frecha do supplicio, foi mandado para Roma, como acima referimos.

Quando chegou a Assumpção, não foi facil salval-o da devoção importuna dos seus patricios, que todos a uma pediam uma particula da reliquia que tanto prezavam.

No officio solenne que se celebrou em acção de graças pela corôa do martyrio, foi cantado o *Te-Deum* por um irmão do martyr que era conego da cathedral. „Outro tanto, diz o P. Techo, fizeram os noviços da Companhia e de S. Fran-

cisco e solicitaram alguma reliquia dos martyres. O bispo do Paraguay poz-se de joelhos ante os seus despojos e disse que si carecia de autoridade para conceder-lhes culto publico, sempre os veneraria privadamente. Mucio Vitelleschi, geral da Companhia de Jesus, ficou com o coração do Padre González, atravessado por uma setta. Celebraram a memoria dos victimados religiosos a Academia de Córdoba em um certame ou concurso literario, Nieremberg com um panegyrico, o P. Ferrufino em uma *synopsis* dedicada ao rei catholico e Alegambe com eloquente elogio."

Diz o citado historiador Southey que o regosijo publico pela sorte dos que tinham sido exaltados ás honras do martyrio (regosijo em que todas as classes tomaram parte), bem como a confiança com que não só os jesuitas e os conversos, mas todos os hespanhoes descançaram no patronato e intercessão destes novos santos, tudo isto os impressionou tanto pela sua estranheza como pela sua sinceridade.

Nem elles podiam contemplar, sem admiral-o, o procedimento dos jesuitas, seu desinteressado enthusiasmo, infatigavel perseverança e as privações e perigos a que se sujeitavam sem nenhum respeito mundano. Aos que só tinham ouvido falar destes homens portentosos, ganhava a curiosidade de vel-os e os que uma vez cahiam sob a influencia destes espiritos superiores. . ." (Southey, Hist. do Brasil, cap. 23) sujeitavam-se ao suave jugo de Christo.

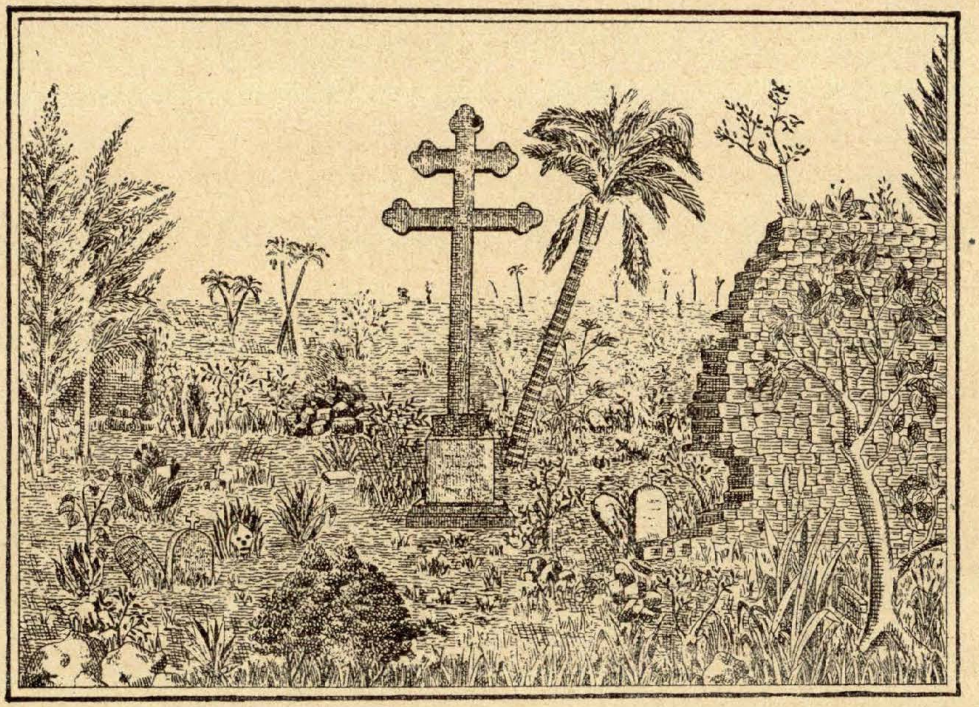
Existem ainda os restos mortaes do P. Roque e dos seus companheiros e qual será o seu paradeiro?

Perguntas são estas que de sobra se justificam com a destruição vandalica das reducções. Escapariam as reliquias na destruição dos templos e edificios, ou acaso se lhes perdeu tão sómente no olvido dos posteros a memoria do jazigo?

E' o que não sabemos, mas segundo parece, ainda não temos que renunciar a toda a esperança de podermos um dia responder a estes quesitos.

Trata destas reliquias, como existentes na sacristia da igreja de N. Sra. da Conceição, em 1754, o P. João Escandón, affirmando que vinham os indios veneral-as.

Quasi ao mesmo tempo escreveu o P. Bernardo Nusdorffer a sua extensa relação inedita sobre a transmigração dos Sete Povos Orientaes. Nella se refere que os outros da Banda Oriental fizeram uma romaria á Conceição, para honrarem as reliquias do veneravel martyr Roque González, tendo-se retirado nesta occasião a caixa que as continha da sacristia, para as poderem venerar os indios.



Cruzeiro sepulcral monólitho, nos arredores de S. Lourenço, muda testemunha das florescentes Missões dos „Sete Povos“ do Rio Grando do Sul.

Na bibliotheca nacional de Buenos Aires acha-se um manuscripto de Azara, do anno de 1784, no qual menciona encontrarem-se na dita sacristia os ossos do P. González e de seus companheiros.

Vemos, portanto, que a memoria do veneravel P. Roque ficou viva entre os indios e se lhe veneravam as reliquias até o ultimo quartel do seculo 18.º

Sobreveiu o barbaro assolamento das reducções, monumentos da acção civilizadora da Europa, e hoje mal se conhece o local occupado outrora pela igreja do povo da Conceição, pois os alicerces se escondem sob grossa camada de escombros.[29])

XXXIII

Restauração

Nienguiri e Cabral, conforme tinham assentado em conselho, deram liberdade aos prisioneiros não envolvidos na conjuração, e aos demais culpados concederam amnistia geral, para que os indios dispersos voltassem tranquillos a seus pagos [30]) ou se juntassem ás reducções.

A fé nos feiticeiros soffreu abalo geral, pois tudo succedeu ao envez do que tinham annunciado estes embusteiros e, vendo os indios que, além de enganados, tiveram que passar por serios perigos, converteu-se-lhes o antigo respeito em aversão e rancor. Tal disposição, de per si já favoravel á prégação do evangelho, aproveitaram-na os missionarios com todo o desvelo, esmerando-se em reparar os prejuizos causados pelo levante de Nheçum.

Tambem os habitantes do Caaro, desejosos de verem restabelecida a missão, significaram a um amnistiado de nome Tabaty que a elles fôra enviado, o arrependimento sincero de que se achavam possuidos; e em prova de sinceridade devolve-

[29]) O P. Hernández, residente em Buenos Aires, devidamente autorizado pelo internuncio e o bispo do Paraná, D. Rezende de Lastro y Gordillo, formou, em 1904, uma commissão para indagar do paradeiro das reliquias nas ruinas da antiga igreja da Conceição, servindo de notario apostolico o P. Frederico Vogt S. V. D. Mas como ficassem sem resultado todas as pesquizas, foram suspensas as formalidades canonicas até constar o logar que occupára a antiga sacristia. O mencionado P. Vogt, vigario em Posadas, pretende levantar sobre as ruinas da antiga igreja outra nova; pouco a pouco ha de remover-se, portanto, o entulho que esconde os alicerces tanto do templo como da sacristia.

[30]) No Rio Grande, o mesmo que lares ou habitações.

ram um fragmento do calix de que se servira o P. Roque na ultima missa. O P. Romero, successor do martyr no cargo de superior da missão e que o havia de ser tambem um dia no martyrio, logo se aprestou para corresponder aos desejos dos caaroanos, levando por socio ao P. Alfaro.

Oppuseram-se, porém, os neophytos. Acaso não bastavam victimas, diziam pesarosos; a colera dos malvados ainda não estava extincta, ainda fumegavam as macanas tintas de sangue; malbaratassem embora a vida, mas tivessem piedade das almas que, em lhes faltando os pastores, não tinham quem lhes valesse.

Os missionarios, porém, seguiram avante e bem depressa se convenceram que não os enganava a gente de Caaro. Daquelle madeiro do qual o P. Roque quizera suspender o sino, fizeram uma grande cruz que expuseram á veneração dos fieis.

Quando chegou de Tucumán o provincial, P. Vásquez, para visitar os jesuitas do Uruguay, julgou conveniente entrar no Caaro com alguma solennidade.

Sahiram-lhe ao encontro os homens mais grados da aldeia e Guarobay dirigiu-lhe a palavra nestes termos:

„Oh! padre, a vossos pés depomos as armas; castigae o delicto que commettemos, comtanto que não seja a pena de vermo-nos privados dos missionarios e da doutrina."

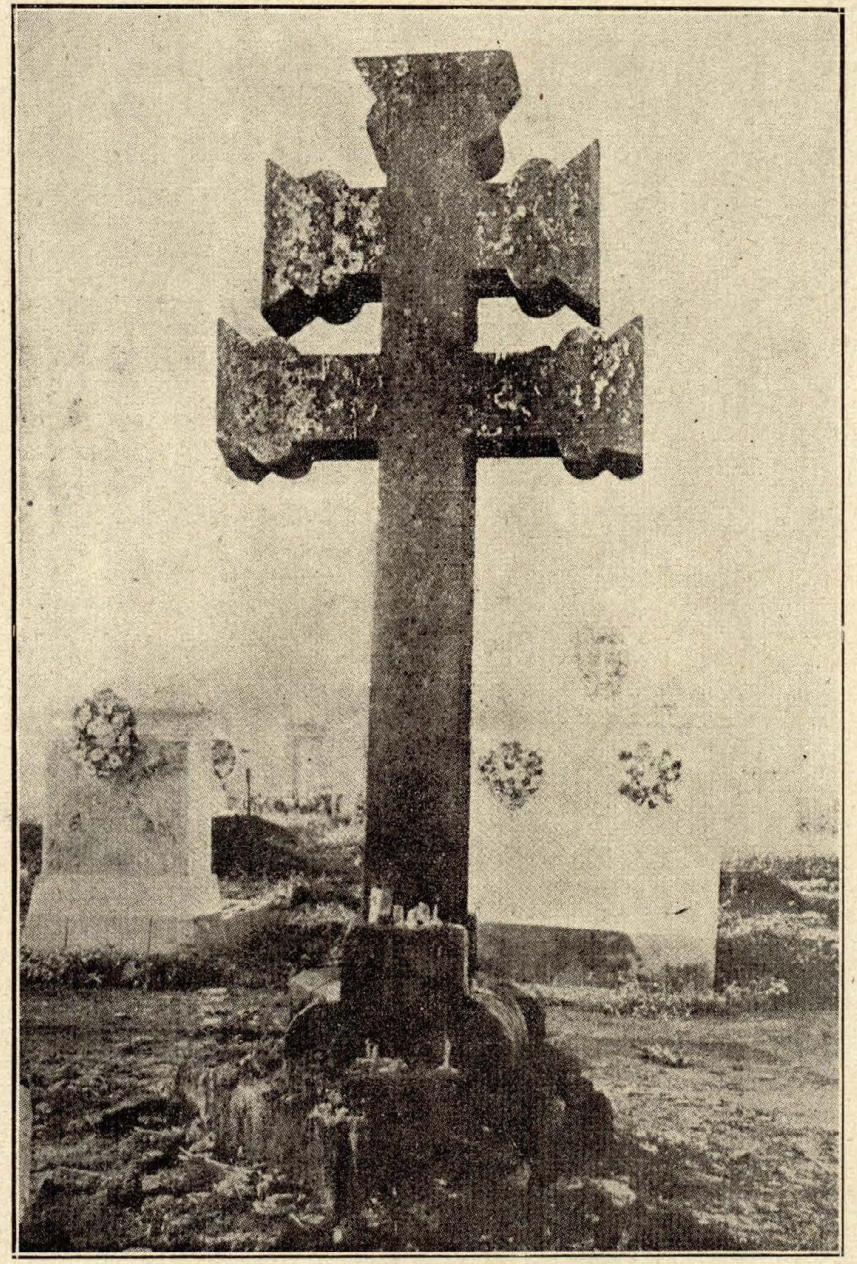
Terminou pedindo perdão, que tambem imploraram com lagrimas as mulheres para os maridos e as crianças para seus paes.

Commovido respondeu o provincial: „Bem o sabia, havia de interceder por vós no céo o P. Roque, que tanto soffreu na terra para vos fazer bem." Passou em seguida a exprimir-lhes a consolação que sentia em ver nelles arrependimento tão sincero, effeito da graça divina, que os illuminava, desenganando-os da falsidade e malicia das suggestões dos feiticeiros, que os tinham arrastado a tamanho crime. A fuga de Nheçum bastara para que voltassem a melhores sentimentos, signal evidente de que não peccaram por malicia, mas por fraqueza como victimas de seducção.

„Perseverai, disse por fim, inabalaveis; eu vos restituo as armas e convencei-vos que vos amo de todo o coração." Quando lhes foi traduzido este discurso, romperam todos em pranto tão desfeito, que mal se podia fazer ouvir o interprete.

No dia immediato celebrou o padre provincial uma missa de desaggravo no sitio onde padecera martyrio o P. Roque. Restituiu tambem os captivos que trouxera comsigo, e presenteou os morobixabas com peças de fato bordadas e outros mimos. Retirando-se para a margem do Uruguay, designou como chefe da aldeia a Guarobay e prometteu-lhes um missionario.

Outra amostra architectonica da igreja de S. Miguel, antes de começadas as obras de conservação.



Outra Cruz monólitha, reliquia das Missões guaraniticas, actualmente no cemiterio da villa de S. Angelo, Rio Grande do Sul.

De facto não tardou em chegar o P. Oreghi, o qual acceitou esta penosa missão com maior alegria do que seu irmão, que era cardeal, recebera o barrete vermelho das mãos de Urbano VIII, grande fautor da familia Oreghi.

O novo cura era homem de acrisolada virtude. No mesmo anno em que chegou, reduziu seiscentas familias e baptizou setenta e nove crianças. Como consta dos livros authenticos da Companhia, diz Techo, foram baptizados no Caaro mais de nove mil pessoas."

Quem não reconhece em colheita tão inesperadamente copiosa a intercessão do martyr?

Sim, não podemos duvidar, nunca ha de esquecer esta terra do Rio Grande, regada, nos annos da juventude e virilidade, com o suor dos trabalhos e peregrinações apostolicas e emfim fecundada com o sangue do martyrio, quando elle contava 60 annos de idade.[31])

XXXIV

O local do martyrio

Hoje em dia levantam estatuas e monumentos, não só a benemeritos da patria e da humanidade, mas tambem a homens de merecimentos duvidosos. Nos tempos antigos tratavam mais de executar obras louvaveis do que celebral-as. Quantos benemeritos e abnegados servidores da patria não ha, cujo nome é olvidado e cujo tumulo nenhuma lapide commemora! Quem sabe hoje o paradeiro dos ossos do apostolo do Brasil, o ven. P. José de Anchieta? Quem conhece os sitios, onde derramaram o sangue aquelles heroes que penetraram as florestas dos selvagens para levar-lhes as luzes do evangelho e da civilização?

Só no Rio Grande do Sul, não ha menos de cinco desses homens heroicos que ensoparam esse torrão com o seu sangue para bem dos seus primitivos habitantes. Não venho perguntar, onde se encontram suas estatuas ou os monumentos que a gratidão levantasse a esses sapadores da civilização e iniciadores do christianismo nessa terra; só pergunto: Quem sabe onde se acham os seus tumulos? Ninguem os conhece.

Só depois de muitas e penosas pesquizas me foi dado verificar um vestigio do local do glorioso martyrio do primeiro apostolo do Rio Grande do Sul. Procurei nas fontes, em documentos ineditos e nos historiadores; uns calavam-se, outros

31) Techo, Hist. Parag. Liv. VIII, cap. 34.

falavam em Caaro, mas sem accrescentar a latitude ou o territorio, se era em terras do Brasil ou do Paraguay. Augmentavam até a difficuldade, dando a denominação de Caaro ora a um povo ora a uma localidade. Consultei os mais antigos mappas da America do Sul; nem estes forneciam informação satisfactoria. Depois de mezes de improbas investigações já quiz dar por desesperado o caso, quando na ultima hora, antes de deixar a cidade de Buenos Aires, onde tambem fizera diversas indagações, achei os mappas que vêm copiados neste livro. Em ambos acha-se bem marcado o logar do martyrio, entre os actuaes povos missioneiros de S. Lourenço e S. Miguel, que ficam entre os rios Piratini ao sul e o Ijuhy ao norte, ambos tributarios da margem esquerda ou oriental do Uruguay, no Estado do Rio Grande do Sul.

Para determinar o local de Caaro ou do martyrio, vê-se no mappa de 1744, que uma cruz, encimada da palavra *Caaro*, está um pouco ao norte de S. Miguel e S. Lourenço, mais perto deste povo, approximadamente a 28° 10' de latitude sul e 54° 42' de longitude occid. de Greenw. Uma nota na margem inferior, a qual não vem aqui, diz que este signal, a cruz, indica o local onde os padres Roque González e Affonso Rodríguez foram martyrizados pelos indios guaranis, na occasião da sua primeira conversão.

Ainda em 1789 existiam lá duas capellas, uma de S. José e a outra dedicada a S. Carlos, na margem do arroio Carogué. Na capella de S. Carlos venerava-se um quadro que representava o martyrio do P. Roque e seus companheiros.[32]) O nome do arroio Carogué dá testemunho da antiga reducção Caaro; pois o nome Carogué, traduzido da lingua guarani significa: Aqui foi Caaro.

Hoje nem nos mappas nem na região se acha vestigio desta denominação do arroio ou da capella.

O dito arroio passava por entre os povos de S. Lourenço e S. Miguel rumo norte, desemboccando no rio Ijuhy pela margem esquerda.

Esta mesma direcção toma hoje um arroio de nome Urupuá que tambem desagua no Ijuhy e parece identico com o antigo Carogué.[33])

---

32) Diario do commissario de limites, chefe da 2. partida de demarcação em 1788, D. Diego Alvear, dia 13 de abril de 1789.

33) Vide o mappa do Rio Grande do Sul, organizado pelo major de artilharia Maria José C. Jaques de 1891 e outro editado por C. Echenique, Porto Alegre 1902. Diz, porém, o dr. Hemeterio J. Velloso da Silveira, conhecedor como poucos da região missioneira, ser outro *Urugua* o hodierno nome do antigo arroio Carogué. (*Missões Orient.* Porto Alegre 1909, pag. 265).

Outros conheciam-lhe outro nome, o de Iribú-carú e conforme sua interpretação indica que corvos comeram lá um missionario que foi morto pelos indios guaranis. Bartholomeu Mitre diz a este respeito: „Porém eu creio que o dito nome vem do facto que o P. Roque González, jesuita, e o seu companheiro Aff. Rodriguez foram comidos pelos passaros ou tribus depois que os mataram os indios do povo que elles fundaram com o nome de todos os Santos entre S. Miguel e S. Lourenço; depois de perdoado o crime commettido, fugiu aquelle povo para o Paraná por terem sido atacados pelos mamelucos que captivaram parte delles e o resto incorporou-se a outro povo."[34])

Quanto aos corpos do P. Roque e dos seus companheiros, não é verdade que os comeram os corvos, como já dissemos; mas dahi vemos como o nome daquelle arroio ficou ligado á memoria do seu martyrio.

Assim como não sabemos ao certo onde param os ossos do primeiro apostolo do Rio Grande do Sul e protomartyr da antiga provincia do Paraguay; nem siquer ha uma lapide ou uma simples pedra que nos lembre o lugar santo, onde sellou com o sangue a fé de nossos avoengos. Passei pelo sitio, em principio de 1892, sem suspeitar que era tão memoravel e tão digno de ser visitado e assignalado ao menos por um cruzeiro ou uma simples lage que informasse o viandante sobre o importante facto.

XXXV

Successos de Caaro

O provincial Diogo Boroa escreveu, em 1637, umas *Noticias* sobre as reducções do Paraná e Uruguay. Num fragmento que dellas nos resta lê-se o seguinte sobre Caaro: „Só desta reducção poderia tecer-se longa narração que muito interesse despertaria."

De quanto nos relatam Boroa e Montoya na sua *Conquista Espiritual*, se collige que o P. Roque cumpriu a promessa dada depois da morte, mas que primeiro fez passar seus protegidos pelo cadinho das provações e, segundo parece, tinha pressa em ver grande numero delles reunidos comsigo na gloria eterna. Pois declarou-se entre os caaroanos uma doença terrivel, que o P. Jeronymo Porcel descreveu, em carta dirigida ao provincial, da qual extrahiu o P. Boroa o que segue:

„Acommettia os doentes dor de cabeça tão violenta que

34) Revista del Rio de la Plata, 1873, n. 188.

os olhos se lhes injectavam de sangue e se lhes tolhia o uso da razão.

Os proprios indios diziam que eram como peixes em agua á qual se lançára herva *tingui*.[35]) Tumores na garganta impediam qualquer alimentação e, em se abrindo, exhalavam cheiro insupportavel. Todo o corpo se cobria duma como lepra, cousa nunca vista naquellas terras. Padeciam dores como de colicas cruciantes e criavam-se nos intestinos, com espanto geral, gusanos cheios de pelles. As inchações e tumores no rosto, além de medonhos para a vista, torturavam os pacientes a fazer dó.

O contagio foi tão activo que, ao cabo de oito dias, já não havia entre adultos e crianças quem gozasse saude, de maneira que ao missionario nem ficou moço que lhe alliviasse os trabalhos de enfermeiro duma aldeia inteira. As casas estavam repletas de doentes e não havia quem buscasse agua e lenha ou preparasse comida além do infatigavel sacerdote. Elle mesmo se espantava de ver como podia com peso tão descommunal de fadiga o que attribuia a um auxilio especial de Deus.

Apesar de morrerem diariamente 6 a 10 pessoas cujo enterro ficava a cargo do padre, não se ouviam na aldeia os lamentos funebres outrora tão ruidosos, tanto lhes calára n'alma a doutrina de que taes demonstrações de pesar de nada valiam aos finados.

Morreram ao todo 852 pessoas, entre as quaes 352 crianças.

Os doentes preparavam-se com muito fervor para a morte e alguns sararam, logo depois de sacramentados ou ungidos.

Quebrado, emfim, o primeiro impeto da peste, restavam ainda muitos enfermos que soffriam de desarranjo dos intestinos; accommodou-os o padre num hospital que mandára levantar.

Offereceram-se para enfermeiros alguns membros da congregação mariana que, com admiração e contentamento geral, se sujeitaram a serviço tão humilde e penoso. E accrescentam aqui o dito autor e Montoya, no livro citado, que a devoção a Maria Santissima se desenvolveu cada vez mais naquella reducção, parecendo que a Mãe de Deus pagava em bençãos as injurias que recebera.

---

35) *Tingui* — nome generico de diversas especies de vegetaes pertencentes ao genero *Phaecarpus Magonia* que, lançados ao rio, entorpecem ou matam o peixe, de sorte que vem á tona d'agua.

Outra Cruz monólitha, reliquia das Missões guaraniticas, actualmente no cemiterio da villa de S. Angelo, Rio Grande do Sul.

Celebravam-se as festas da Virgem com especial fervor e em sua honra havia cada sabbado missa cantada, e não passava dia em que os indios não recitassem o rosario, por mais cansados que estivessem.

Passemos a narrar alguns casos edificantes que se deram em Caaro:

Um grande devoto da Virgem tinha duas filhas, uma de cinco e outra de tres annos, ás quaes ensinára a rezar o terço e a visitar uma devota imagem na igreja. A maiorzinha dava mostras duma piedade tão encantadora que a todos causava admiração. Sózinha em casa ia ajoelhar-se a miude, não largando esta pratica, por mais que lh'a censurassem.

Ora, estando um dia a porta da rua as duas irmãs, entretidas a rezar, appareceu uma mulher que, trazendo ao collo um menino, disse á menorzinha não receasse, porque logo lhe havia de restituir a irmã. Palavras não eram ditas, já levava nos braços a menina de cinco annos. Correu logo a que ficara, para dentro de casa a avisar a mãe, que sobresaltada acudiu, porém já não se via a senhora, nem a filha respondia aos brados afflictivos.

Nisto voltou o pae e ambos apressaram-se a dar busca ás casas proximas e por toda a vizinhança. Mas debalde; com noite cerrada voltaram tristes e chorosos, sem ter achado vestigio de quem com tanta ancia tinham procurado. Eis quando menos o esperavam, entra-lhes a filha, toda radiante de prazer, dizendo que uma senhora mui formosa a levara, em companhia do filho, que era um lindissimo menino. Foram ter a um jardim ameno, onde se regalaram com manjares deliciosos. Dissera-lhe a senhora que, em logar de contas ou outros adornos do collo, usasse o rosario, e lhe ensinara um canto em honra della (e dizendo isso, o cantou com graça encantadora).

Aquella senhora não era como as demais, resplandecia-lhe a roupa que nem o sol e a fala era sobremodo doce e terna. „Não sei, assim rematou a narração, porque me tornou a trazer cá, sinto-me tão só, longe della e de seu filho; depois de os ter visto, já nada me deleita."

Pasmaram os paes entre attonitos e satisfeitos. Deram de comer á filha, mas depois do manjar que provara nem podia tocar no alimento que lhe offereciam. Quando no dia seguinte foi levada pelos paes á igreja, em vendo a imagem de Maria Santissima, exclamou: „E' aquella a senhora que me tratou com tanto mimo." O povo, sabendo do caso, muito se edificou e a menina levou sempre vida exemplar.

Clandestinamente vivia em peccado uma viuva, não tendo, além do cumplice, outra testemunha a não ser uma filha de dois annos. Porém a criança, apesar de tão tenra idade, re-

prehendia respeitosamente os desvarios da mãe. E como nada conseguisse, emfim lhe declarou: „Desejo morrer, para não continuar a presenciar os teus peccados; emenda-te, senão vou ter com Deus para lhe pedir perdão por ti."

Effectivamente adoeceu a menina e chegou a fallecer. Convenceu-se então a mãe de que foram ditas muito a serio aquellas palavras, que tivera em conta de palração infantil. Foi quanto bastou para a peccadora purificar a alma com os santos sacramentos e levar adeante vida irreprehensivel, esperando que a filhinha tambem cumprisse a outra promessa que fizera de lhe alcançar o perdão divino.

Os caaroanos tambem eram grandes devotos das almas, valendo-lhes com toda a sorte de suffragios e não menos com penitencias, mórmente nas sextas-feiras.

Ora um dia se ateara violento incendio e um vento forte lançava as chammas sobre o colmo das casas, que todas a uma começaram a arder. Soccorro humano já não o havia. Lembrando-se, então, das almas, lhes prometteram uma novena e no mesmo instante mudou o vento de rumo e se extinguiu o fogo.

XXXVI

Nienguiri

Ainda nos resta dar alguma breve noticia sobre o chefe indio que venceu o levante dos pagãos. Não obstante passar Nienguiri algum tanto o nivel intellectual dos seus conterraneos, comtudo bem nos póde mostrar de quanto seria capaz a raça indiana, se os inimigos concedessem aos missionarios os seculos precisos para lhes fazer entrar a civilização européa em succo e sangue, como diz o rifão.

Não só sobre as margens do Uruguay, mas tambem na região do Tape, gosava Nienguiri fama de fervoroso christão, valente guerreiro e chefe sabio e experimentado.

Longe de se guiar pela apparencia das cousas, seguia as luzes que lhe dava uma aprofundada meditação dos factos passados, indagando-lhes os porques do exito favoravel ou desfavoravel.

Sua piedade e zelo de propagar a fé valeram-lhe, da parte dos christãos de Piratiny, Caarupe e Caaro, o titulo honroso de Propagador do Christianismo, nome honorifico que os missionarios gostosamente ratificaram. Até Guaimica, talvez o mais influente dos morobixabas da Serra do Mar, costumava dizer que tambem os indios do Taquary e Jacuhy e terras contiguas deviam a Nienguiri o beneficio de ter a Companhia de Jesus iniciado a civilização daquella região.

Como os grandes heróes que na Europa fundaram os reinos christãos, tambem elle sabia empunhar a espada contra os inimigos da fé, que o temiam e admiravam.

Quando os chefes contrarios já não viam meio de impedir a debandada, propagavam ter sido morto o temido general. Por mais de uma vez os proprios neophytos, ao ouvirem tão fatal noticia, recuaram até que tornasse a apparecer o chefe venerado, em cujos scintillantes olhos se lhes reaccendia a apagada coragem.

A's qualidades de guerreiro alliava grande affabilidade de trato e distincção de maneiras. Tinha tal perspicacia em conhecer as differentes indoles e genios e juntamente eloquencia tão persuasiva que, quer em palestra, quer em conselho, levava a todos aonde queria, até quando se tratava de sacrificios extraordinarios, como se viu na transmigração para a banda occidental do Uruguay, no intuito de escapar aos mamelucos de S. Paulo. Antes queriam os indios afastar-se dos pagos e terras do que da vontade do chefe, o qual, vendo-os resolvidos a dar um passo que naturalmente tanto lhes custava, procurou alliviar-lhes o quanto poude as fadigas da longa e penosa marcha, fortalecendo-os com louvores e donativos. Deste modo conseguira reter a muitos do louco intento de voltarem á patria que os enchia de saudade, mas onde os esperava a morte ou escravidão.

Occupando posição tão elevada e influente, houve-se de modo, tanto em solteiro como no matrimonio, que sempre deu a todos o exemplo de pureza christã. E para fugir ao ocio, que bem sabia ser almofada da luxuria, lavrava o campo ou exercia o officio de carpinteiro.

Comquanto fosse chistoso e muito amigo de graças e dictos agudos, nem elle proferia nem consentia qualquer termo mais livre e duvidoso. Tambem como chefe do povo era zelador da moralidade, não conhecendo temor algum ou condescendencia. Marchava contra os paulistas, quando soube que um sub-chefe levava tres concubinas. Exigiu que as despedisse, dizendo que os christãos deviam vencer o inimigo mais pela virtude que pelas armas.

O intimado tinha que commandar a ala direita na batalha que se ia travar, mas despeitado deixou-se ficar inactivo, dizendo: „Vamos ver se o general não só sabe desacoroçoar mulheres, mas tambem paulistas."

Nienguiri em vista disso teve que retirar-se, o que fez com tanta pericia que salvou toda a sua gente.

Sabendo todos quanto era irreprehensivel a vida do chefe, muito podiam as suas reprehensões em subditos que se entre-

gavam a costumes desregrados; mas, se depois não se corrigiam, punia-os com toda a severidade.

Sempre foi sobremaneira affeiçoado á Companhia, cuja fama, mórmente quando atacada por calumnias ou aleives, defendia corajosamente, provando com factos em contrario a falsidade das accusações. Nada prezava tanto como a fé e a graça de Deus que a ella o chamara.

Quando se extinguiu este luzeiro da nascente civilização, grande foi o lucto em todo o Rio Grande. Juntaram-se os missionarios, tanto os da vizinhança como os que residiam a grande distancia; até da fronteira affluiram morobixabas, guiando grupos de subditos — trouxera-os a todos o desejo de honrarem, ainda depois de fallecido, quem em vida por tantos titulos o merecera. Disputavam-se os chefes a honra de levar o esquife e o orador sacro exaltou os merecimentos do finado pela propagação da fé e civilização christã.

Sem duvida não é só ao antigo continente que o americano ha de ir procurar os exemplos de civismo e virtude; vultos como o de Nienguiri o provam.

XXXVII

Epilogo

Depois de falarmos da ultima fundação do P. Roque, lancemos um rapido olhar retrospectivo sobre a sua vida e obras.

Os vinte annos do seu lidar apostolico apresentam uma serie ininterrupta de fadigas e soffrimentos e um exercicio continuo das mais abnegadas virtudes. Converteu milhares de almas no Paraguay e Rio Grande, fundou nada menos de dez reducções,[36]) dando a estas e nellas ás futuras, organização

[36]) Para commodidade do leitor segue aqui uma tabella chronogica das povoações fundadas pelo P. Roque González.

I. *Na bacia do rio Paraná.*
1. N. S. da Incarnação ou Itapúa 1615.
2. Santa Anna ou Apupe 1615.
3. N. S. da Candelaria ou Jaguapúa 1616.

II. *Na bacia do rio Uruguay.*
4. N. S. da Conceição ou Ibitacua 1619.
5. S. Nicoláo sobre o Piratiny 1626.
6. S. Franc. Xavier ou Jaguarity 1626.
7. N. S. da Candelaria sobre o Ibicuhy 1626.
8. N. S. da Candelaria ou Caasapamini 1628.
9. N. S. da Assumpção sobre o Ijuhy 1628.
10. Todos os Santos de Caaro 1628.

Não foi incluida a reducção de S. Ignacio-guaçú, levantada pelo P. Lorenzana e transferida e reconstruida pelo P. Roque. Montoya attribue-lhe a fundação do povo de Corpus Christi e Techo a de Japeyú, ambos creados pelo P. Pedro Romero.

adaptada ao caracter e indole dos selvagens, no que foi imitado pelos seus successores. Deixou a seus confrades um methodo excellente de tratar proficientemente com os indios, em cujo idioma, nada facil, compoz a primeira doutrina completa.

Sendo elle o primeiro que nas mattas do Rio Grande do Sul abriu brecha á cultura christã, merece com razão o titulo de primeiro civilizador e apostolo desta parte da União Brasileira.

De indole ao mesmo tempo austera e benigna, sabia tão bem temperar o rigor da autoridade com a condescendencia de affavel doçura, que a todos ganhava a affeição. Para vencer difficuldades e supportar fadigas por amor de Christo, parecia de ferro. Sua abstinencia não se limitava ao deleitoso, passava ao necessario, sobretudo no que diz respeito ao somno e alimento.

A uma actividade espantosa sabia alliar união tão estreita e constante com Deus e tal dom de oração, que poucos o igualavam.

Emquanto superior das missões do Paraná e Uruguay, governava mais com o exemplo que com palavras. Era obedientissimo, até quando com isso lhe perigasse a fama. Sempre era o mais que podia ser humilde e com ter feito tanto, mostrava a grandeza de sua alma, evitando toda a especie de arrogancia ou presumpção.

Não é, pois, de admirar que tanta virtude, merecendo-lhe o premio celeste, grangeasse tambem a veneração dos coevos e o assombro dos posteros.

No meio de tantos trabalhos, andava o P. Roque como que numa fragoa de soffrimentos physicos e moraes. Um achaque chronico do coração taes ancias lhe causava, que por vezes temia perder o juizo. Mas incomparavelmente mais lhe pesava a cruz constante de escrupulos pungentes, aridez d'alma, desamparo e tristeza interior.

Escreveu um dia ao provincial: „Trago a cabeça fatigada e como que partida com tão continua afflicção.“ Mas accrescenta: „Comtudo estou resolvido a perseverar aqui, ainda que morra mil mortes e perca mil vezes o juizo, pois não serão para mim prejuizos, mas grande lucro; portanto, meu padre Provincial, disponha V. Rev.ma de mim, como mais conveniente achar, nem peço estar ahi ou alli.“ (Lozano, Hist. da Prov. do Parag., Liv. VIII, cap. 16).

Quanto não estimava o martyr os padecimentos desta vida, quando supportados com paciencia e resignação!

Refere o biographo do P. Ruíz de Montoya (Dr. Franc. Iarque, Vida do P. Montoya) que este sacerdote, sendo victima de duas calumnias levantadas por pessoas que lhe eram muito

chegadas, reconheceu nesta provação o martyrio com „espada de pau" que lhe tinha prophetizado o P. Roque, chamando-o não menos heroico que o do sangue.

Creio que não haverá leitor que, ao recordar a vida e morte do proto-martyr e apostolo do Rio Grande, não concorde com a opinião de Techo o qual declara:

„Se um dia o P. González fôr canonizado, deverá ser eleito padroeiro deste paiz." (Liv. 18, cap. 8). Se este autor nutria já em seu tempo algumas esperanças de lhe ver concedida a honra dos altares, hoje são muito mais fundadas.

Já o P. Boroa, autor do dicto auspicioso: *„Um dia será Roque venerado como santo e velará pelo continente americano"*,[37]) ordenara aos reitores dos collegios da sua provincia, escrevessem ao Summo Pontifice, pedindo a instauração do processo. Igual supplica dirigiu á Sé Apostolica Felippe IV por intermedio do seu embaixador em Roma.

De facto correu o processo que se chama de informação e ha muito que terminou.

Depois de um longo intervallo, reassumiu-se ultimamente, por occasião do tricentenario do martyrio do P. Roque, a causa da sua beatificação, sendo postulador da mesma o R. P. Thomaz Travi S. J.[38])

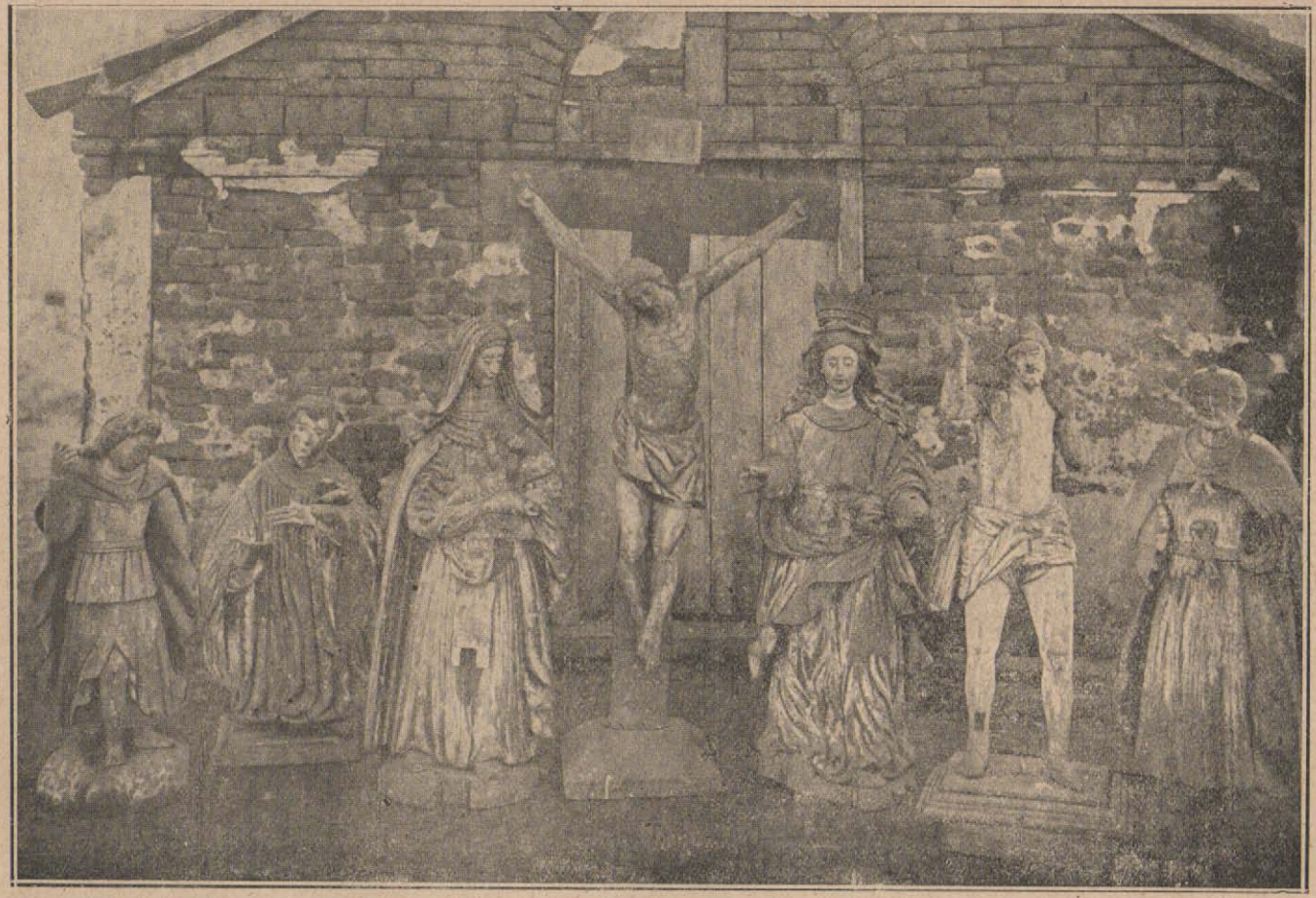
Terminando, fazemos nossas as bellas palavras que o provincial dirigiu ao padre geral Vitelleschi em necrologio do nosso apostolo:[39]) „Que vida tão feliz em seu decurso e desfecho! Não será este o cumulo da ventura derramar o sangue no desempenho do encargo apostolico, como remate de suas infinitas fadigas e em abono da verdade que prégamos, entregando a vida por nossa vez Aquelle que primeiro e sem hesitar a entregou por nós!

---

37) Techo, liv. VIII, cap. 33.

38) Em 1671 fizeram pedidos a S. M. o rei catholico, em ordem de promover a beatificação, o cabido ecclesiastico de Tucumán, o governador, o bispo de Tucumán e a cidade de Santiago del Estero (Pastells, Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, t. III., pag. 36 e 37), o vicerei do Perú em 1672, o Conselho de Indias. O embaixador hespanhol, cardeal Nidardo, responde que na primeira audiencia porá o negocio nas mãos de S. Santidade. (Ibid. p. 41-42).

39) E' este o texto latino: O felicissimum vitae decursum atque exitum! Quid amplius etiam optari potest, quam in Apostolico munere, multisque in eo laboribus exantlatis, sanguinem pro ea quam annuntiamus veritatem profundere, eique vitam nostram vicissim offerre qui suam pro nobis prius ponere non dubitavit! (Rançonier, S. J., Litt. Ann. Prov. Parag., Antverpiae 1636).



Sete estatuas, encontradas num casebre a tres leguas da cidade de S. Luiz de Missões, venerandas reliquias das florescentes Missões jesuiticas no Rio Grande do Sul, victimas do furor pombalino.

Appendice critico

A.

Determinação do logar do martyrio do P. Roque González

Sendo assaz desconhecida a vida do primeiro apostolo e fundador das Sete Missões do Rio Grande, muito mais o será o logar do seu glorioso martyrio. Emprehendendo a tarefa de achal-o e determinal-o, bem conscio estou das difficuldades que se me oppõem. Se consegui vencel-as, esclarecendo mais um ponto obscuro da nossa historia, que o decida o criterioso leitor.

Desde já cumpre indigitar uma fonte de equivocos. Os antigos autores ou suppunham conhecida a posição das reducções, como bem o podiam, ou, indicando-a, faziam-no de modo que hoje até nos mappas antigos se torna quasi impossivel qualquer verificação. De mais a mais, deixaram de existir muitos povos antigos e, se não foram substituidos por novos, levantaram-se outros na mesma região, de data portanto muito mais recente. Já se vê logo que, conforme a epoca em que escrevia o autor, hão de faltar necessariamente indicações geographicas a respeito de muitas reducções.

Igualmente causa não pouco embaraço a variedade na graphia dos nomes geographicos. Por Ijuhy, por exemplo, escreve Charlevoix (liv. VII pag. 231 e 241, ed. de Paris) *Yyvi;* o brigadeiro Alvear, *Iguy* (Relat. geograf. e hist. Angelis IV); Lozano, *Iyui* (Conq. I pag. 34); de L'Isle (Delisle), mappa de 1703 (na „Exposição" pelo barão do Rio Branco vol. V) *Iuvi;* Techo (VIII cap. 19) *Livi;* Euseb. Nieremberg (Varones ilustres, tom. IV, pag. 360, 2.ª ed. de Bilbáo) *Yuy.*

Emfim difficulta as verificações a identidade ou repetição dos mesmos nomes para logares diversos. No mappa de *Carafa* encontram-se ao oeste e leste do Uruguay dois povos *St. Martyres,* em outras cartas ha outras taes coexistencias.

Felizmente em nosso caso está fóra de duvida: 1.º que logar do martyrio é Caró ou Caaro, e 2.º que Caaro fica margem esquerda ou oriental do Uruguay, na região missi neira dentro da circumscripção do Rio Grande do Sul.

O que ainda não foi apurado, é a localidade que co responde ao antigo Caaro.

O povo de Caaro como local do martyrio designam un nimemente os mais antigos autores, como *Montoya,* Conquis espirit. n. 58, *Techo,* Hist. de 1.ª Prov. del Paraguay liv. V cap. 23; *Eusebio Nieremberg,* Varones ilustres t. IV pag. 3 2.ª ed., Bilbáo 1889; *Charlevoix,* Hist. du Parag. I. VIII pa 239 e 234 (Paris 1757).

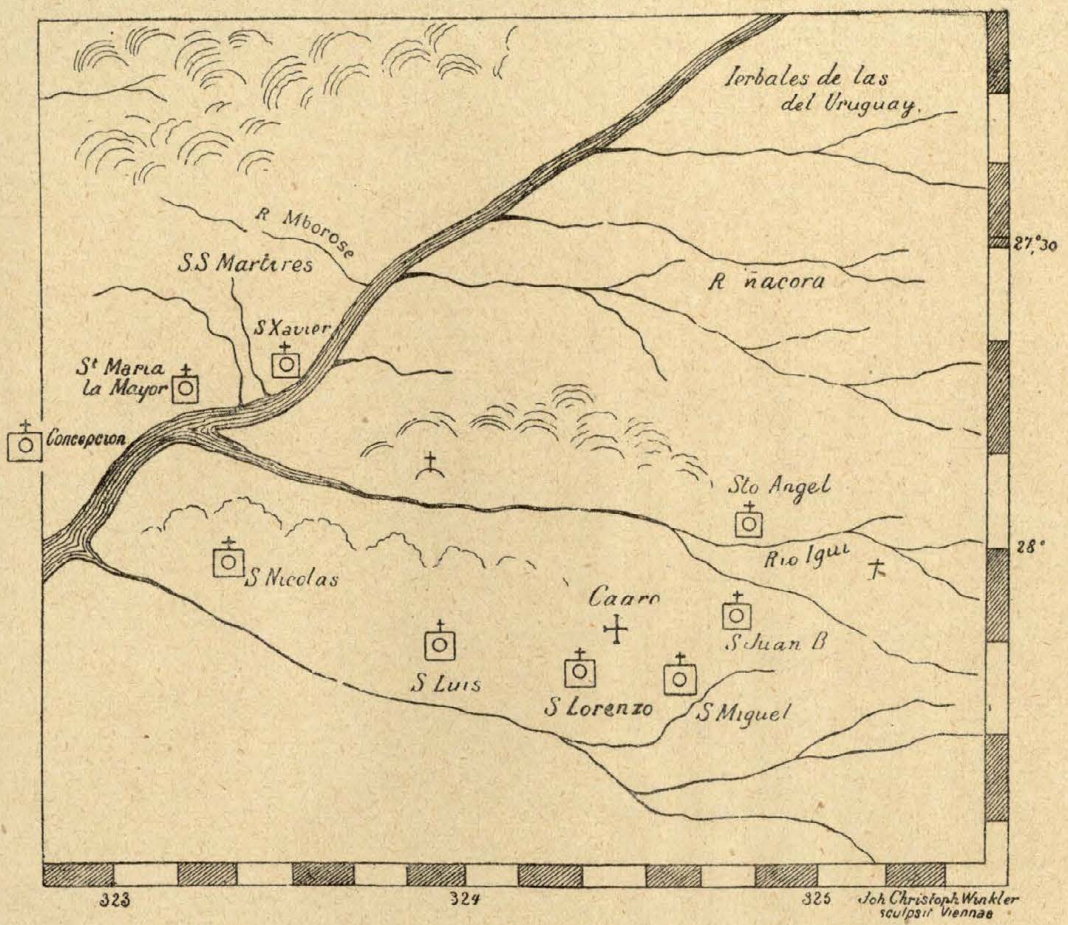
Achar-se o logar que corresponde ao antigo Caaro ambito da região missioneira do Rio Grande, evidencía-se pe vizinhança do rio Ijuhy, affluente da margem oriental Uruguay e pela circumstancia de ter sido escolhido pelo Roque González como proprio para estabelecer communicaç com o oceano por meio do rio Igay, o actual Jacuhy. Assi *Techo* liv. VIII cap. 21, *Charlevoix* liv. VII pag. 232.

Para remover um equivoco que podia originar embaraç notamos que pelo nome Caaro designam tambem a região maior ou menor extensão, em que estava o povo do mesm nome. Assim fala *Techo* (liv. VIII, cap. 19) nas florestas Caaro, em que havia sessenta tuxavas, e no cap. 21 descre a terra de Caaro, que se extende por dez leguas para o interi do Rio Grande.

Charlevoix faz penetrar ao P. Roque nas vastas florest de Caaro e diz que é um paiz limitrophe com todas as part da provincia do Uruguay (liv. VIII pag. 230 e 232); *South* (Hist. of Brazil, cap. 23) chama-o o paiz possuido pelos ca roanos. *Alvear* diz: „Iguy (o rio Ijuhy) en la provincia Caro." (Angelis IV).

A maneira de escreverem este nome é algo differen Escrevem no „Processo del P. Roque González:

Caró	Montoya Techo Eusebio Nieremberg P. Diego Boroa, (Trelles, Arch. IV)
Caro	Charlevoix Southey
Caaro	Nos mappas O ms. „Razón de las Reducciones" O P. Bern. Nusdorffer, ms. O Barão do Rio Branco, Expos.


Yerbales de las
del Uruguay.
R Mborose
SS Martires
S Xavier
St Maria
la Mayor
Concepcion
R nacora
Sto Angel
Rio Igui
S Nicolas
Caaro
S Juan B
S Luis
S Lorenzo
S Miguel
27°30
28°
323
324
325
Joh Christoph Winkler
sculpsit Viennae

Ao consultarmos, pois, os autores para nos indicar a posição do povo de Caaro, os antigos ou contemporaneos não nos dão resposta directa nem indirecta, com excepção de Techo. Este diz que o P. Roque, deixando Caaro, marchou a Livi(Ijuhy), passando pelos campos de Piratiny (liv. VIII pag. 19); conforme esta indicação, estaria Caaro ao menos entre os dois rios mencionados, caso não ficasse mais ao Sul. A segunda vez que fala da posição de Caaro é no cap. 23, onde nos revelou a razão porque se empenhou González pela conversão de Caaro, a saber pela vizinhança com Caasapamini e desta com Livi (Ijuhy) que a seu turno confinava com Piratiny (S. Nicoláo). Ora achando-se, como insinúa, Caasapamini ou Candelaria ao N. do Ijuhy, ficaria Caaro tambem ao N. do Ijuhy, supposição esta que implica com o texto anterior no cap. 19, de fórma que nada adiantamos e continúa duvidosa a procurada posição.

Restou-nos um fragmento ms. de 1637, do P. Boroa, em que vêm relatorios sobre diversos povos do Uruguay oriental, entre elles o da „Reducción de los Martyres del Caró", depois de ter falado, em trechos anteriores, duas vezes do *posto do Caró*. Quando fala na reducção do Caaro, não se póde duvidar que se refira ao logar do martyrio de González, tanto pela observação introductoria, dizendo que desta unica reducção podia tecer longa historia mui deleitosa de ouvir, como pelo episodio que traz do cavallo de González. (Trelles, Rev. do Arch. Nac. de Buenos-Aires IV, pag. 68).

Sendo o proprio titulo de Caaro dado por González, Caró de todos os Santos, podia-se perguntar como lhe deu o provincial Boroa o de Martyres do Caró? Seria em honra dos martyres Roque e seus companheiros?

Não encontrando outros autores antigos que tratassem desse ponto, peçamos informações aos mais recentes, entre os quaes só Charlevoix e Southey promettem satisfazer a nossa curiosidade. Charlevoix nos dá uma indicação geral no livro VII pag. 232 (ed. Paris 1757) que não adeanta a questão, e Southey segue Techo. Umas 30 paginas mais adeante diz Charlevoix que o provincial Trujillo em 1629 fundou sobre as ruinas de Caaro outra reducção e prometteu enviar um missionario que veio a ser o P. José Oreghi. Este erigiu lá uma igreja com a invocação dos tres martyres do Japão, canonizados havia pouco.

Ao mesmo tempo fundou o P. Boroa outra igreja no Caaro, lá onde o Tabaty entra no Uruguay. Donde tirou Charlevoix estas noticias que os autores antigos não parecem conhecer? Ou quizera Boroa, na sua relação acima mencionada, exprimir o mesmo, quando disse Martyres do Caró? Deve

existir aqui um equivoco, porque no mesmo anno e pelo mesmo P. Oreghi faz Lozano fundar um povo de Martyres do Japão na banda *occidental* do Uruguay (Conquista I, p. 39).

Techo concorda com Charlevoix quanto a domiciliar neste tempo ao P. Oreghi no Caaro; mas nada diz a respeito de uma mudança do orago daquella igreja. Só affirma que os martyres do Japão são os protectores do Uruguay (Liv. IX, cp. 8). Até aqui, portanto, ainda não conseguimos sahir do dedalo de duvidas e incertezas.

Consultemos agora os mappas.

Os mais antigos calam-se. O primeiro da provincia do Paraguay, offerecido ao P. Geral Vic. Carafa, traz diversos nomes de regiões antigas nas vizinhanças dos rios Ijuhy e Jacuhy, como Caapi, Caamo, Caaguas, mas não ha vestigios de Caaro. Tão pouco o segundo mappa do Paraguay levantado por jesuitas de 1722, nem os posteriores a estes.

Só a carta do Paraguay por G. de L'Isle (Delisle) de 1703, que aliás é muito resumida na nossa região missioneira, traz entre o gráo 28 e 29 de latit. merid. e a éste e ao sul de Caasapamini (Candelaria) o nome de *Caaroas,* designando assim o Caaro por seus habitantes.

Não é para desprezar esta indicação em tal geographo e tem valor particular, por não contradizer, mas sim confirmar as cartas que se referem directamente ao nosso assumpto.

Na obra de Lozano — *La descripción corográfica del Gran Chaco,* Cordoba 1733, acham-se tambem delineadas as Sete Missões do Rio Grande. Lá, quasi no centro dos cinco povos, entre o Piratiny e o Ijuhy, avista-se uma cruzinha e por cima della lê-se *Caaro* com esta legenda: „Hic occisi sunt a Barbaris PP. S.ta Cruz, Rodrig. Castillo." („Aqui foram mortos pelos barbaros os PP. S.ta Cruz, Rodrig. Castillo.")

Por serem de escala reduzida as distancias, os povos não guardam o rigor das proporções; porém *se distingue perfeitamente Caaro entre os dois povos de S. Lourenço e S. Miguel.* Com a autoridade de Pedro Lozano podiamos dar por decidida a questão.

Mas tenho ainda outras provas que nos confirmam a opinião pela qual optei. Entre estas não é desattendivel a que se baseia em o P. Nusdorffer, que numa obra ainda manuscripta sobre as Sete Missões orientaes, diz na P. V, n. 67, que, mudando-se os Juanistas para a outra margem occidental do Uruguay, passaram por Caaro, logar do martyrio do P. Roque, onde um Miguelista buscava uns bois perdidos. Tudo isso quadra muito bem, se Caaro está no logar que dá Lozano.

Temos ainda um mappa de 1744, de um autor que se occultava sob o pseudonymo de „Missionario Veterano" que

trabalhou na provincia do Paraguay. Foi impresso em Vienna d'Austria, conforme se lê no mesmo mappa: „Joh. Christoph Winkler — sculpsit Viennae".

Se não é obra d'arte, comtudo mostra o progresso da cartographia moderna pela exactidão dos gráos, mórmente dos de latitude. Neste mappa, ao sul do Ijuhy, um pouco ao norte de S. Lourenço e de S. Miguel, na prolongação de uma linha que passaria quasi a igual distancia delles, está este signal † e em cima delle lê-se *Caaro* com caracteres bem legiveis. Uma nota na margem inferior diz que este signal † „signat loca quibus Guarani occasione primae conversionis sequentes PP. S. J. morte violenta affecerunt: *In Caaro inter oppida S. Michaelis et S. Laurentii Patres Rochum González et Alphonsum Rodríguez*, etc." (marca os logares onde os guaranis por occasião da primeira tentativa de os converter mataram os seguintes padres da Companhia de Jesus: em Caaro entre os povos de S. Miguel e de S. Lourenço os Padres Roque González e Affonso Rodríguez, etc.")

Tenho mais uma prova independente das anteriores. E' um manuscripto autographo posterior ao anno de 1766, cujo autor tambem não está averiguado. Tem passado este documento por autographo do ultimo chronista da provincia do Paraguay, o P. José Guevara; mas abandonei esta opinião.

O titulo geral começa assim; „Razones de las Reduziones"; um sub-titulo reza assim: „En el Uruguay e Tape: „Pueblo del Caaro". Immediatamente segue este texto: *Fundô el V. P. Roque González en el Caaro, entre San Lorenzo y San Miguel* que son aora, un Pueblo, llamandolo Todos los Santos. Mataron al P.e y a su Comp.o P.e Alonso Rodrig. 2o."

Por este documento inedito vemos, pois, outra vez corroborado o facto que foi entre os povos de S. Lourenço e S. Miguel das nossas Missões do Rio Grande que se deu o glorioso martyrio do P. Roque González. (Vide os mappas de 1733 e 1744).

[Legajo Misión del Paraguay]
[Carpeta Misiones Guaranis. Estatisticas]
[Ao. 6 f.]

Em confirmação, transcrevo o seguinte trecho tirado do „Diario del Comisario de límites iefe de la 2a partida de demarcación en 1788, D. Diego de Alvear" que escreve, em 13 de Abril de 1789, no seu diario: „San Lorenzo y San Miguel: Pasamos al pueblo de San Lorenzo... Otras dos capillas de San Josef y San Carlos, sobre las tres piernas del Carogüe,

separan las pertenencias de San Lorenzo y San Miguel, que dista muy cerca de diez millas... Martyrio de tres jesuitas... Este arroyo del Carógüe desagua en el Ygui (Ijuhy) con dirección al N. y es celebre en la historia de Misiones, por el martyrio de tres jesuitas, Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo, acaecido sobre su márgen hacia los años de 1628. El cuadro de estos ilustres misioneros se venera en la referida capilla de San Carlos."

O arroio *Carogüé,* se ainda tem este nome, ainda hoje nos diz: „Aqui foi Caró" (Caro-cué), „aqui esteve o povo de Caró."

B.

Nheçum [40])

Nheçum não é o mesmo morobixaba que acompanhou ao P. Roque a Buenos Aires.

Não se póde negar que a personalidade de Nheçum, como a representa Charlevoix e ao depois Southey, desperta vivo interesse, mórmente pelo contraste que assim se estabelece entre os seus antecedentes e o seu procedimento sub-sequente. Primeiro apparece o chefe indio ao lado de González como alvo de honras militares e civis na occasião da recepção solenne em Buenos Aires, promettendo fidelidade em nome dos povos do Uruguay ás autoridades politicas e ecclesiasticas, e emfim a apostasia e infidelidade que attinge seu auge no assassinio de González.

Mas a inexoravel critica tira-lhe muito do encanto dra-

---

40) Adoptei a graphia phonica por asim sobresahir a differença dos dois nomes confundidos. O ñ corresponde ao nosso nh e o z hespanhol é parecido com o nosso ç.

As graphias dos autores são bastante differentes:

Necú escreve Montoya.

Nezú escreve Eusebio Nieremberg, Proceso del P. Roque González.

Ñeçu (Nheçûm) escreve O guarani da Conquista.

Niezú escrevem Techo, Charlevoix e Southey.

Almeida Nogueira, no vocabulario que compoz para o „Manuscripto guarani", que é propriamente uma traducção da „Conquista" de Montoya para o guarani, escreve sob ñeçú: „Como nome do chefe Neçu ou antes yñeçú póde ser o que se inclina, o cortez"; emquanto Montoya interpreta este nome por „reverencia". O nome completo era Nheçum retanque.

matico, sendo que não é uma pessoa, mas sim duas as que figuram nesta historia sob nome semelhante, porém em circumstancias differentes.

„Niezú, o cacique que em Buenos Aires fôra ,festejado com tanta adulação e distincção andava já cansado das suas relações com os jesuitas," escreve Southey (Hist. do Brasil cap. 23) e em seguida narra como mandou assassinar o seu amigo González. Não é exacto. *Nieza,* nome confundido com o de Nheçum, é o chefe indio que acompanhou o P. Roque a Buenos Aires, e nunca chegou a trahil-o nem a apostatar do christianismo. *Nheçum* foi o autor do assassinio de González e nunca chegou a ver Buenos Aires.

Charlevoix já antes de Southey tinha sustentado a mesma opinião erronea. Tambem Pfotenhauer *(Die Missionen der Jesuiten in Paraguay I. 137)* cahiu no mesmo erro.

Ser o morobixaba que foi a Buenos Aires diverso de quem mandou assassinar ao P. Roque evidencía-se pelas razões seguintes:

I) Nieza era morobixaba da banda occidental do rio Uruguay, na reducção denominada da Conceição; Nheçum era chefe principal de Caaro, no districto do rio Ijuhy, tributario da margem oriental do Uruguay. (Techo, Hist. de la Prov. del Parag. liv. VII, cp. 32 — liv. VIII, cp. 19).

II) Os nomes dos dois chefes indios, apesar de semelhantes — circumstancia esta que explica o equivoco — são bastante diversos e distinguiveis: *Diego Nieza* — é este o nome completo — era o chefe da Conceição; e *Nheçum,* o chefe de Caaro. Em Techo (Hist. do Paraguay, l. c.) é que se encontram as duas pessoas e os dois nomes bem discriminados. Este autor, quando fala a primeira vez de Nheçum, descreve-o como pessoa que o leitor ainda não conhece, o que não poderia fazer, se fosse o mesmo Nieza já mencionado.

III) Não só os nomes, tambem os caracteres dos ditos chefes são inteiramente diversos.

O primeiro, Nieza, era baptizado, como seu nome christão o prova e era conhecido como homem de bem. O outro era feiticeiro que aspirava a honras divinas entre seus conterraneos; era homem devasso que nunca largou seu harem de concubinas nem seus ritos e abominações pagãs; continuava pagão, entregue á sua vida dissoluta e supersticiosa, não menos, como nota Techo, quando construiu a capella do seu povo, como quando mandou matar a González. E como não houvera abjuração do paganismo e baptismo de Nheçum, assim não houve nelle apostasia do christianismo (Techo l. c., l. VIII, cp. 19 seg).

IV) Os outros autores antigos não mencionam a Nieza ou por resumidos (Montoya, Nieremberg) ou por não terem occasião nem motivo de a elle se referirem, como Lozano.

O logar para isso era a Hist. da Prov. do Paraguay; porém esta não alcança a epoca de Nieza (termina Lozano com 1615 exclus). E na sua Hist. da Conquista do Paraguay não fala em nenhum dos dois chefes por não ter motivo, visto que foi composta como introducção para a Hist. da Provincia, descrevendo o paiz, as tribus, a conquista pelos hespanhoes e dando a historia dos governadores.

V) Que Montoya não identificou Nieza com Nheçum, está patente pela maneira como o introduz na historia, na occasião da morte do P. Roque. Se fossem uma só pessoa Nieza e Nheçum, devia Montoya mencionar esta circumstancia ou ao menos deixal-a transparecer; entretanto não o fez. (Conquista Espirit., 2.ª edição, Bilbao 1892, n. 57).

C.

O verdadeiro nome do 3º governador do Rio da Prata

E' este governador quem durante os ultimos annos do P. Roque exercia certa influencia na actividade deste missionario. Por figurar nos autores com nome identico a outro governador contemporaneo, podia esta circumstancia dar occasião a duvidas e desagradaveis equivocos. Por isso é que vou deslindar aqui este ponto.

Charlevoix (Hist. do Parag. l. VII, anno 1625) e até *Techo* (liv. VII, cap. 32) e depos delles *Southey* (Hist. do Brasil, cap. 23) e outros dizem que o 3.º governador de Buenos Aires ou do Rio da Prata foi D. Luiz de Céspedes. Ao governador do Paraguay, o 2.º depois da separação dos dois governos, dão todos os autores o mesmo nome e com razão. *Lozano* (Hist. de la Conquista, t. III. cap. 13) accrescenta-lhe ainda o de Feria, e Zinny (Hist. de los Gobernadores del Paraguay) chama-o Luiz de Céspedes García Xeria.

Apezar de tudo, o nome do 3.º governador do Rio da Prata não é Luiz de Céspedes, mas sim *Francisco de Céspedes*. Assim vem na citada Conquista de Lozano, tomo III cap. 16, onde lemos: *„Succedióle pues, en el gobierno del Rio de la Plata, a 19 de Setiembre de 1624, don Francisco de Céspedes; natural, etc.“*

Outrosim existem dois officios manuscriptos do mesmo governador, ambos datados de Buenos Aires e do anno de 1626, que começam assim: *Don Francisco de Céspedes, Gobernador e Capitán General de la provincia del Rio de la Plata.*" (Bibl. Nac. MSS. Collecção Angelis VII — 24, Rio de Janeiro.) (Ib. Collecção Angelis VII — 26). De ambos os documentos mss. possuo copias authenticas. (Cf. o Append. dos Documentos justific.)

Explica-se o erro para Charlevoix e os que o seguiram por não conhecerem a Hist. de la Conquista de Lozano, que só em nossos tempos foi publicada. Entretanto M. de Moussy, que escreveu uma — *Description de la Confédération Argentine* — dez annos (1864) antes da publicação da Historia da Conquista de Lozano, não cahiu no mesmo erro, provavelmente por ter á disposição outros documentos. (V. N.ª V e VI.)

D.

Rectificação chronologica

Os chronistas e historiadores que escreveram sobre o Paraguay dizem ser o anno de 1620 o da separação dos dois governos do Paraguay e do Rio da Prata e fazem entrar o seu primeiro governador no mesmo anno. Houve engano chronologico. Foi no anno de 1617 que uma cedula real dispoz a divisão dos dois governos; outrosim foi no anno de 1618 que se realizou a solenne recepção do primeiro governador, D. Diego Góngora, em Buenos Aires. Assim o testemunham os documentos descobertos e a primeira vez publicados por Ricardo Trelles. Vide documentos N. 1 e n. 2, dos *Anexos de la Memoria sobre Cuestión de límites entre la República Argentina y el Paraguay por Man. Ricardo Trelles, Buenos Aires 1867.*

A desmembração ecclesiastica é que fel-a em 1620 o papa Paulo V, encarregando a D. Pedro de Carranza, primeiro bispo de Buenos Aires, de estabelecer os limites de sua diocese com a do Paraguay. Carranza tomou posse do novo bispado em Janeiro de 1621. V. Documentos N. 11 dos citados Anexos.

Transcrevo aqui o principio e mais um trecho do citado documento N. 2:

„Recepción del Gobernador D. Diego de Góngora — Cabildo de 17 de Noviembre de 1618.

„En la ciudad de la Trinidad, puerto de Buenos Aires, en diez y siete días del mes de Noviembre de mil y seiscientos y diez y ocho años, con el señor D. Diego de Góngora, Caballero del hábito de Santiago, que viene proveido por Gobernador y Capitán General destas Provincias, para el recibimiento de Su Señoría, se juntaron en las casas del Cabildo — la Justicia y Regimiento desta ciudad...

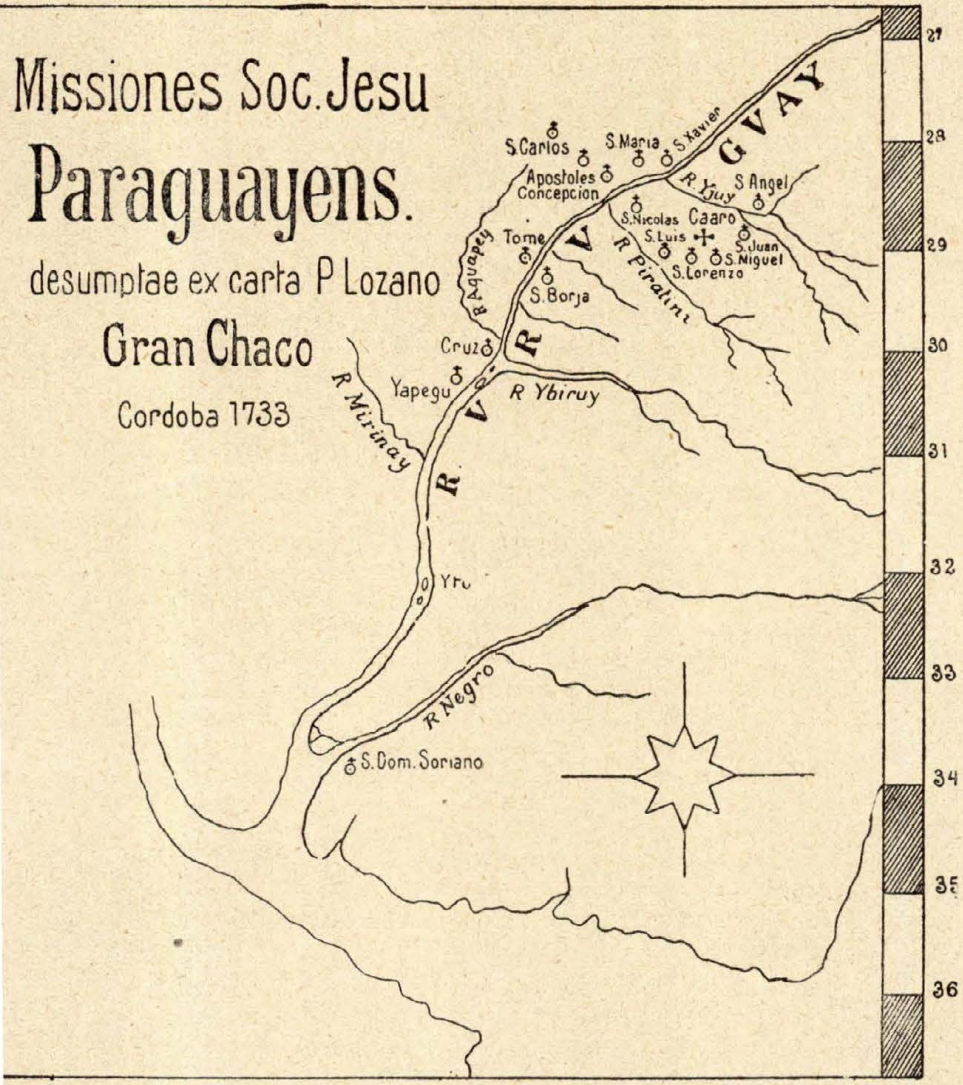
„Y juntos en este Cabildo, Su Señoría del dicho señor Don Diego de Góngora, presentó una Real Providencia y Cédula de Su Majestad, sellada con su real sello y librada por los señores del Real Consejo de Indias, por el cual le nombra y provee por su Gobernador y Capitan General destas Provincias del Río de la Plata y pueblos del Gobierno que se ha separado, y manda sea recibido á el dicho cargo...“

„Documento N. II. *Testimonio de la Toma de posesión del nuevo obispado del Río de la Plata por su primer obispo D. Fray Pedro de Carranza, en 19 de Enero de 1621.*

„En la Ciudad de la Santísima Trinidad, puerto de Buenos Aires, Provincia del Rio de la Plata, á diez y nueve días del mes de Enero de mil seiscientos veinte y un años.

„A hora de las cinco de la tarde, poco mas ó menos, teniendo noticia el P. Gabriel de Peralta, Vicario de esta dicha ciudad, como el Ilustrísimo y Reverendísimo Señor D. Fray Pedro Carranza, Obispo de este nuevo Obispado del Río de la Plata, hoy dicho dia, quiere tomar la posesión de él, fué al Fuerte y Casas Reales donde al presente posa S. S. Ilustrísima...

„. . . vino Su Señoría á la dicha Iglesia Mayor, donde fué recibido con palio, y estando dentro de ella, se arrodilló é hizo oración delante del altar mayor y sagrario donde está el Santísimo Sacramento, y hecha en presencia del dicho Vicario, Clero, Prelados y Religiosos, Gobernador y Cabildo y demás personas que presentes se hallaron: el dicho Señor obispo dijo: que, habiendo aceptado la dicha dignidad y recibido las Bulas de Su Santidad y egecutoriales reales de Su Majestad, se embarcó y vino a esta dicha ciudad de la Trinidad, donde está erigida e señalada la Iglesia Catedral, y presentó sus bulas y egecutoriales ante el dicho Gobernador.“


Missiones Soc. Jesu
Paraguayens.
desumptae ex carta P Lozano
Gran Chaco
Cordoba 1733
S. Carlos
S. Maria
S. Xavier
Apostoles
Concepcion
R Yjuy
S. Angel
S. Nicolas
Caaro
S. Luis
S. Juan
S. Miguel
S. Lorenzo
Tome
R Aguapey
S. Borja
R Piratini
Cruzi
Yapegu
R Ybiruy
R Mirinay
R Yru
R Negro
S. Dom. Soriano
R V G V A Y
R V R
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36

Notas bio-bibliographicas

sobre os autores que foram com preferencia consultados

Montoya (P. Antonio Ruíz de) Conquista Espiritual, hecha por los religiosos de la Compañía de Jesús en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape. Bilbao, 1892. Imprensa del Corazón de Jesús.

O padre Montoya, mais conhecido por suas obras linguisticas, a grammatica, o catecismo e o thesouro ou vocabulario da lingua guarani, escreveu tambem uma pequena obra historica de muito valor, em que descreve o que viu e ouviu nas celebres reducções do Paraguay. Era muito rara esta obra até que ha pouco se tornou mais accessivel por uma impressão feita pela typographia do S. Coração de Bilbao.

Nasceu Antonio Ruíz de Montoya em Lima, no anno de 1582, de pae sevilhano, proximo parente do conhecido theologo jesuita Diego Ruíz de Montoya.

Entrou na Companhia de Jesus em 1606. O primeiro provincial da provincia do Paraguay levou-o ainda noviço para Cordoba de Tucumán, onde fez os estudos.

Desde 1620 foi superior das reducções, das quaes dá aqui breves apontamentos historicos, que trazem o sello de testemunha ocular. Negocios da sua provincia o levaram á côrte de Madrid. Lá publicou, em 1639, as obras acima mencionadas. Voltando para a America do Sul, deram-lhe os superiores por domicilio o collegio de Lima, onde residiu até á sua santa morte, em 1652. Seus restos mortaes foram trasladados para Assumpção.

A *Conquista* foi traduzida para a lingua guarani. Para facilitar a leitura desta traducção, escreveu Almeida Nogueira um extenso e erudito vocabulario, como tambem um esboço grammatical do guarani, obras publicadas sob a direcção do notavel riograndense e ex-bibliothecario da Bibliotheca Nacional, o Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, nos volumes VI e VII dos Annaes da mesma Bibliotheca, Rio 1879.

Techo (P. Nicoláo del) *Historia Provinciae Paraguariae Societatis Jesu.* Leodii ex offic. typograph. Math. Hovii 1673 in fol.

O P. du Toict — é este o nome proprio belga de Techo — nasceu em Lille, em 1611, veiu para a America pelo anno de 1640 e morreu em 1685.[1]) Conforme um officio ainda inedito que lhe foi dirigido por D. Felipe Regis Gorbalán (F. Rege Gorvalán apud Lozano), governador do Paraguay (1671-1681), foi reitor do collegio de Assumpção. Andrés Lamas e outros enganam-se, fazendo-o chegar da Europa em 1649, visto que já funccionava como cura de Apostolos em 1648, conforme ms. de Angelis (Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, Mss. de Angelis, lat. X. 22); tão pouco teve o cargo de provincial, como quer Lamas, mas sim o de superior das Missões."[2])

A excellente obra de Techo dá o desenvolvimento historico da missão e provincia do Paraguay desde os inicios até á metade do seculo XVII, pouco mais ou menos.

Para esta época é o autor mais completo e de grande autoridade. Segundo nos informa Lozano no prologo da sua historia da Companhia de Jesus, valeu-se Techo duma obra do provincial P. Juan Pastor que ficou manuscripta.

Não poude ter fonte melhor; pois com grande cuidado costumava o P. Pastor investigar e revolver os monumentos antigos. Lozano é de opinião que uma das causas de se não continuar a obra do P. Pastor foi o receio que a continuação tambem tivesse a sorte pouco invejavel de ficar num archivo entregue ás traças e ao esquecimento.

Houve da obra de Techo por muito tempo só uma traducção ingleza e ha uma dezena de annos tambem uma hespanhola, que bem se póde chamar mallograda, porque, além de ser feita por pessoa incompetente, traz um extenso prologo devido á mão não menos inhabil de quem pretende supprir o que entende faltar na obra.[3])

E' verdade, Techo não deu como outros autores posteriores um esboço da organização das reducções; tambem as indicações chorographicas são por vezes deficientes ou duvidosas. Parece que escrevia para os missionarios e contemporaneos que estavam a par de tudo isto.

Egualmente desconheceu as constituições do synodo de Assumpção, cuja publicação é de data muito recente. Explica-se portanto o seu silencio a respeito do catecismo do padre Roque González.

Que não compoz sua valiosa obra sem espirito critico, como quer um autor moderno, é bem patente por ex. no 6.º cap. do liv. XI, em que rejeita um milagre attribuido ao P. Christovam Arenas, fundamentando sua opinião, ou no cap. 22 do mesmo livro, onde nega um facto maravilhoso contado no *Compendio historico* do P. Santiago Damián, porque tem contra si testemunhas oculares que o P. Techo examinou. Destôa sim, uma observação feita sobre o caracter do governador Hernandárias, assacando-lhe o ter subordinado a utilidade publica á ambição de fama e gloria!

Do citado cap. 22, vemos tambem que o P. Techo escreveu, sinão toda a obra, ao menos uma parte de sua historia no Rio Grande do Sul, passando pelo povo *Jesus Maria*, que ficava no actual municipio de Santa Cruz do Rio Pardo.

---

[1]) O P. Diego González em Faenza escreveu erroneamente 1680. Techo morreu só em 1685. Mss 34. p. 44.

[2]) Vide MS. Catalogi Paraguariae.

[3]) Cf. „Declaración de la Verdad." Introducción por el P. Pablo Hernández S. J. I e III, Buenos Aires 1900.

Lozano (P. Pedro S. J.) *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, 2 tom. em fol. Madrid 1754 e 1755.

O P. Pedro Lozano tinha entre seus contemporaneos a fama de homem douto e de historiador consciencioso e erudito. E esta opinião, longe de diminuir, cresceu com a publicação de outras obras suas, a ponto de ser tido hoje por uma das mais graves autoridades na historia da America do Sul. Citam-no frequentemente historiadores, viajantes, geographos, naturalistas de diversas nações e linguas. Tanto mais é de extranhar sabermos tão pouco sobre a vida de homem tão notavel.

Até os ultimos decennios ignorava-se-lhe o logar e data do nascimento, bem como o anno em que falleceu.

Graças ás investigações de Andrés Lamas, sabemos hoje que nasceu em Madrid em 16 de setembro de 1697 e que entrou na Companhia de Jesus em 7 de dezembro de 1711. Mas apesar de muitas pesquizas não conseguiu determinar o anno do fallecimento.

Quem encheu esta lacuna foi o P. Pablo Hernández S. J., o erudito e incansavel investigador de fontes historicas. Podemos hoje affirmar, que morreu o eminente historiador em 8 de fevereiro de 1752 em Humaguaca (ou Humahuaca, Moussy) viajando para Sucre.

Humaguaca, ultima cidade ao norte da Republica Argentina, é estação obrigada de transito para quem se dirige ao Perú ou Bolivia; apesar de se achar entre os tropicos, tem o clima frio, devido á sua altura de 3000 metros.

Residia habitualmente no collegio maximo em Cordoba de Tucumán; suas obras, porém, dão testemunho de frequentes viagens. Esteve nas Missões do Paraguay; chegando até Santa Fé, desceu o Paraná em jangada. Em outra viagem chegou até o Alto Uruguay e, novamente embarcado da mesma forma, seguiu rio abaixo. Nas margens deste rio e de seus tributarios, o Quarahy e o Rio Negro, recolheu petrificações. Subiu tambem os Andes. Examinou os archivos de Santiago del Estero, de Tucumán e Salto.

Os dois tomos da sua historia contem 1607 paginas em folio. Começa pela entrada da Companhia de Jesus no territorio de Tucumán e alcança o anno de 1614. E' pena não ter levado mais adiante esta importantissima obra, para a qual estava preparado como poucos, tanto mais que elle mesmo a isso allude (1.° cap. do livro I desta historia). O erudito Techo cita os acontecimentos até o anno de 1644, mas a falta de documentos o obrigou a uma concisão por vezes destituida da desejavel clareza.

A segunda obra de Lozano que aqui mais nos interessa é a *Historia de la Conquista de la Provincia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*, publicada por Andrés Lamas em 5 tomos em 8°, Buenos Aires 1873.

E' a bem dizer a historia civil e ecclesiastica da antiga provincia do Paraguay.

O primeiro tomo de 464 pag., commentado por um douto prefacio de 148 paginas da lavra do Dr. Andrés Lamas, forma introducção, contendo uma chorographia que é de grande valor para a geographia historica e um esboço da historia natural com excepção da mineralogia. Tambem a ethnologia teve ahi o seu desenvolvimento O 2.° e 3.° tomo contêm a serie dos governadores e bispos com os successos principaes desde o descobrimento do Rio da Prata até ao anno de 1745.

O 4.º e 5.º tomo contêm o descobrimento, conquista e governo civil e ecclesiastico de Tucumán; é obra original em que Lozano não tem antecessor.

Esta insigne obra historica foi composta só para servir de introducção á historia da Comp. de Jesus de que acima demos noticia.

Quanto á historia natural, contem os erros do seu tempo, deixando-se tambem por vezes seduzir pela autoridade dum autor a contar uma fabula. Entre os lapsos historicos talvez seja o mais extranho o que se acha no vol. I, pag. 37 e no vol. III, pag. 430, dizendo que na batalha de Araraguay em 1641 foram derrotados os paulistas de sorte que *nunca mais* ousaram infestar a provincia do Uruguay, emquanto elle proprio affirma no dito vol. III, pag. 324 que em 9 de março de 1652 voltaram e apresentaram batalha aos indios das reducções do Uruguay, em que outra vez foram batidos os paulistas. Bauzá cahiu no mesmo erro de dizer que não tornaram a voltar mais. *(Dominación españ.* I, pag. 372, 2.ª ed.)

Autores hespanhoes perguntaram, porque seria que uma obra, com razão aquilatada de monumental, teve que esperar tanto tempo pela publicação.

Azara acha a razão num certo azedume contra os hespanhoes, que aparece no livro. Creio que a explicação é pouco satisfactoria, 1.º porque o tal azedume não é senão independencia e imparcialidade exigida em historiador serio, e 2.º acha-se muito mais pronunciado na obra publicada em 1755.

Deve-se, pois, procurar a solução em outras circumstancias, particularmente nas da imprensa daquella epoca.

Eram proverbiaes as difficuldades que encontravam em geral os autores daquelle tempo em editar os seus livros, mórmente se diziam respeito á America. Causa-nos certa extranheza este facto, pois o grande interesse que dedicava o publico europeu ao novo continente, parece que devia animar escriptores e livreiros, vendo garantida a publicações desta natureza uma acceitação geral. Obstava, porém, o governo que tinha demasiado empenho em supprimir tudo quanto pudesse dar idéa de suas colonias ultramarinas aos extrangeiros, que procurava afastar das suas colonias.

Na America mesma eram muito procurados taes livros, bem ao envez do que succedia na Hespanha, onde eram *olvidados e tão pouco apreciados*. Porém as despesas da importação os encareciam demasiadamente. Além disso nenhum autor estava seguro de que se não vedaria a circulação do livro na America, até depois de impresso.

Assevera Lamas que foi devido a estas circumstancias que até o fim do seculo 18.º deixaram de imprimir as tres quintas partes dos escriptos sobre a America, sendo não raro de autores de renome e de reconhecido merecimento.

Não tiveram melhor sorte os chronistas-móres das Indias, cujo titulo encerrava uma dupla garantia da acceitação, já pela competencia que tal cargo suppunha, como pela riqueza e variedade dos materiaes authenticos que tinham á mão. Comtudo ficaram ineditos, para citar só dois exemplos, os estudos feitos por ordem de Felippe II sobre a Nova Hespanha, e grande parte dos trabalhos da expedição scientifica enviada ao Perú e Chile, em 1777.

Se tal sorte coube ás elucubrações de chronistas-móres e commissões enviadas por ordem regia, bem se comprehende porque não se imprimiram varias obras de jesuitas.

Tomando em conta os ligeiros apontamentos que apresentámos, o leitor não estranhará porque dentre as obras de Lozano foi preferida para a publicação a Historia da Companhia á Historia Civil ou da Conquista.

Além de não exigir a primeira obra impressão tão dispendiosa, continha a ultima noticias e informações por demais abundantes e minuciosas, para não despertar os zelos dum governo cioso em extremo dos pingues emolumentos que tirava de suas colonias.

As obras de Lozano, entre publicadas e ineditas, orçam por 21. Mencionamos ainda *Descripción corográfica del gran Chaco, Gualamba*, etc., Cordoba (Hespanha) 1733; é o primeiro livro monographico e ainda hoje de valor.

Ha pouco sahiu á luz outra obra de Lozano, *Historia de las Revoluciones de la Provincia del Paraguay*, 1721-1735. Buenos Aires 1905. O ms. foi annunciado como autographo de L. nos conhecidos catalogos de Hiersemann em Leipzig, de quem o comprou depois de verificada a autenticidade o Dr. Parodi em Buenos Aires pelo preço convencional de 2014 marcos.

Deve-se a conservação de tão precioso escripto á circumstancia de ter vindo á mão dum soldado flamengo que serviu na guerra da triplice alliança contra o Paraguay.

Foi publicado com o auxilio da *Junta de Historia y Numismática Americana* e sob a direcção do amigo D. Samuel A. Lafone Quevedo, em 2 tomos, cada qual de umas 500 paginas. O 1.º leva o nome de „Antequera" e termina com a execução deste audacioso e astuto caulho; o 2.º intitula-se „Los Comuneros", contando a sublevação desses revolucionarios e a sua derrota.

A narração dramatica destas revoluções manifesta quanto lavravam já naquelles tempos as idéas de independencia na America meridional. Estas sublevações não foram senão preludios dos movimentos que um seculo mais tarde determinaram a definitiva separação da Hespanha.

Gay (conego João Pedro) *Historia da Republica Jesuitica do Paraguay*, Rio de Janeiro 1863.

O vigario Pedro Gay trabalhou com muito interesse e nobre dedicação. Transluz por toda sua obra volumosa o sincero esforço de achar a verdade e uma imparcialidade rara no tempo em que escrevia.

Sua *Republica Jesuitica* é uma densa silva de documentos, tratados, traducções e notas por vezes preciosas, na qual o leitor curioso, porém menos experimentado, póde errar o caminho.

Falta a critica necessaria; copía p. ex. (pag. 39) sem discernimento as povoações phantasticas de Azara, as quaes este audacioso affirmador diz terem sido fundadas pelos hespanhoes no Guayrá, em 1555.

Se Gay tivesse consultado sómente a *Conquista Espiritual* de Montoya, testemunha de vista, teria evitado este e outros equivocos.

A verdade é que até 1610 não houve no Guayrá povoação alguma das ditas de Azara, com o que se dissipam em fumo todas as suas gratuitas e aereas affirmações. *(Cf. Declaración de la verdad. Introducción por Pablo Hernández, n. XII.)*

Não se póde, porém, negar que Gay alcançou ainda muitos restos de ruinas que hoje já não existem e tambem muitos indios testemunhas dos successos que descreve. Muitas observações são portanto de relativa autoridade e grande valor.

Resente-se esta obra tambem da mão do corrector, o conego Pinheiro, introduzindo uma das suas idéas e invenções predilectas, aberração em que o cura de S. Borja não teria cahido. Nas paginas 431 e 432 distingue duas epocas na historia dos jesuitas, sendo a segunda marcada pelo predominio censuravel de intenções politico-economicas.

Não pretendo aqui dar uma resenha completa do livro de Gay, cinjo-me ao que diz respeito ao P. Roque González, onde não faltam inexactidões e desfigurações.

A narração traz o cunho duma traducção mal feita dum original guarani ou duma relação oral de indios menos bem informados a respeito do martyr. De facto confessa algures o conego Gay que seguiu um manuscripto composto em S. Borja.

Conta por ex. como o P. Roque, depois da missa, fez soar uma porção de peças de moeda de prata, que tinha collocado por detraz do calix e ao redor da pedra d'ara, para excitar a admiração dos indios que nunca tinham visto moeda cunhada e para os dispôr a mais facilmente acreditarem na palavra de Deus e que disso com effeito muito se agradaram os neophytos Nada disto contêm os authenticos documentos.

Ha mais os seguintes erros: Que Nheçum estava presente á morte de Roque González, que esta se realisara na hora da comida, que Nheçum e outros se converteram. Em geral o livro de Gay não conhece a posição superior que occupa o fundador das Missões. Quanto a outras inexactidões, veja a nossa *Historia do Rio Grande do Sul dos dous primeiros seculos.*

Bauzá, (Francisco), *Historia de la Dominación Española en el Uruguay*, 2.ª ed. Montevideo 1895.

D. Francisco Bauzá nasceu em Montevidéo em 7 de outubro de 1849. Seu pae foi o general D. Rufino Bauzá, imperterrito servidor da causa da independencia do Uruguay.

Fez Bauzá os estudos preparatorios na escola allemã de Montevidéo e cursou depois no Lyceu latim, mathematicas e philosophia. Alistara-se no exercito que seguia para a guerra do Paraguay; porém, uma enfermidade que o acommetteu na viagem, o obrigou a regressar e a desistir do seu intento. Na guerra civil de 1870-1872 foi tenente da guarda nacional e tomou parte no combate da União. Ao mesmo tempo batia-se em brilhante campanha jornalistica.

Em 1875 acceitou do seu governo o cargo de agente confidencial ante o governo argentino para reatar as relações interrompidas no momento critico em que se preparava uma revolução dos emigrados. Não só conseguiu aquillo de que vinha incumbido, mas ainda celebrou o importante tratado de neutralidade entre ambas as republicas do Prata. Mais tarde foi deputado e senador e representou duas vezes o seu paiz no Brasil.

Nas campanhas parlamentares revelou-se verdadeiro orador de parlamento. Na sua carreira politica soube salvar illesa a reputação duma integridade irreprehensivel.

Escreveu diversas obras, entre ellas *Estudios Literarios*, 1885 — *Estudios constitucionales*, 1887 e outras.. *La Historia de la Dominación Española* é um dos poucos livros que nunca perdem os seus attractivos; apreciação em que estão de accôrdo pessoas das mais diversas posições e condições. Manifesta-se nelle profundo amor á verdade, solida e sincera investigação para a achar, subtil sagacidade em descobril-a e proval-a, e emfim imparcialidade a toda prova, a qual nem o patriotismo consegue declinar do prumo.

Além disso encantam e captivam uma critica fina, os horizontes largos da intuição historica, uma arte de narração que faz reviver os caracteres historicos e seus tempos. Em uma palavra, possue o illustrado estadista todos os dotes de genuino historiador.

Ha questões na historia da America do Sul que, quanto mais discutidas, tanto mais parecem envolver-se em trevas. Mas B. sabe ás vezes cortar e dissipal-as com a luz intensa e rapida do raio, de maneira que gregos e romanos a uma devem ceder á irrecusavel evidencia. Que energia ha por exemplo no seguinte apophthegma: „Entre os que exterminam uma raça e aquelles que a conservam, a religião, a philosophia e a historia se decidirão pelos ultimos.“ (t. I, 382). Eis como refuta a opinião quasi universal, que os missionarios pretenderam escravizar os indios: „Introduzindo a civilização, mostram que não pretendiam escravizar os indios.“ (I, pag. 384).

Nota-se este masculo vigor duma apreciação verdadeiramente historica, sobretudo no que diz sobre a politica sul-americana na Hespanha, durante o seculo 18.º, nos traços com que pinta o vulto de Carlos III e no parallelo que estabelece entre Carlos II e Fernando VI.

Tambem o appendice critico do tomo II revela uma independencia e penetração admiraveis.

Não admira, pois, que poucos e menos relevantes sejam os erros que se encontram nesta obra, por ex. quando diz que dá no mesmo descender o genero humano duma familia ou de diversos troncos humanos (I, p. 140); ou quando fala em duas civilizações oppostas, sendo uma a aborigene uruguaya (I, p. 185) ou quando colloca a fundação de S. Borja no primeiro quartel do seculo 17. (I, p. 368) etc.

Divide-se esta Historia em 3 tomos, todos ornados de retratos.

Tomo I. Desde o descobrimento do Rio da Prata até á fundação de Montevidéo (1730) 560 pag. com um mappa.

Tomo II. Desde o estabelecimento do governo hespanhol no Uruguay até á revolução de Maio (1730-1810) 798 pag.

Tomo III. Desde os successos precursores da revolução no Uruguay até á invasão e consolidação da conquista portugueza contra os esforços da diplomacia da Hespanha (1810-1821) 844 pag.

Com razão diz um patricio de Bauzá: „Não só os orientaes, mas os sul-americanos em geral pódem ufanar-se de tal historia que se torna um factor da nacionalidade, pondo-lhe em relevo o merito."

Documentos justificativos

A. MANUSCRIPTOS INEDITOS

N. 1

I H S

Anua de la reducción de S. Ignacio del Paraná el año de 1613
Anua de la reducción de S. Ignacio del Paraná para el P. Diego de Torres, Provincial de las Provincias del Paraguay Tucumán y Chile

Auiendo de dar cuenta a V. R. según el uso común de nuestra Compañía (aunque por cartas particulares lo he hecho siempre) de las cosas de esta Reducción, lo haré en esta, aunque no llegue a lo que en las demás de estas Provincias se ha hecho con tanta gloria de N.r° Señor, pero yo entiendo, que no es menos ni menor gloria de su divina Magestad estar nosotros en la llave del Paraná, entre gente tan belicosa y temida, y que ha dado en que entender á toda esa Provincia, y que la tenía casi arruinada y miserable por quitalles el trato y navegación del gran rio Paraná, remedio único de todo ella. Aquí pues con sumo gusto y alegría por ser esta reducción propia obra de la Compañía y prevenido N.r° Señor con muy particulares favores, estamos con gran seguridad de nuestras vidas, y con no pequeño fruto de las almas de estos naturales como luego diré.

Comenzando pues por el sitio de esta Reducción y su cielo es muy bueno y saludable y libre de climas y enfermedades ordinarias de ojos, cabeza y otras que suelen ser predominantes en estas partes, es la tierra muy fértil y cercada de muchos montes (que es cosa principal que se busca para estas Reducciones) capaz para cuatro cientos labradores que se podrán sustentar aquí muy holgadamente; las aguas son muchas, buenas y perpetuas, los campos vistosos e llenos de caza de venados, apereas, quirquinchos, puercos y perdices, y otras cosas que hacen olvidar á estos naturales la falta de pescado con que se han criado, de que solo carece esta Reducción por estar doce leguas del Paraná, y ocho del Tebiquari donde hay muchísima abundancia de él; y aunque los dos años pasados ha habido mucha hambre por no conocer los indios bien las tierras y no estar...[4] de comida; este, Gracias á Dios, ha sido fertilísimo y de mucha hartura, descanso y salud, con que los naturales están muy contentos. Serán los indios varones de esta Reducción trescientos y almas habrá

[4]) Illegivel.

mil por ser mucho la chusma de muchachos, muchachas, indias e niños. Alrededor por el Paraná á lo sumo habrá para juntar quatrocientos indios para otra reducción; y aunque la gente no es tanta como se comenzó al principio, y parecerá poca mies, y más para emplear los fervorosos deseos de los padres que vinieron de España, no lo es, antes es puerta esta Reducción para inumerables almas que hay en el Uruguay tan nombrado, y deseado de tantos, por no haber hasta ahora tenido noticia de nuestra Santa Fe, ni haber entrado Español entre ellas, que es lo más que se puede desear, se les predicó nuestra Santa Fé, como lo predicaron los Apostoles, y no con la espada como se ha hecho en estas.

Es la gente labradora, y que tiene la lengua general de esta provincia, y tenga V. R. por cierto, que por ninguna parte puede haber más cierta y fácil entrada que por aquí, según la noticia que nos dan los Indios del Paraná, con quien tratan, y que tienen sus [5]) de caracoles de muchas maneras que ellos traen (que muestra bien su flema y aplicación) por cuñas, cuchillos, anzuelos, etc. También es cierta la entrada por aquí del Iguazú donde hay mucho número de gente aunque dicen muy belicosa, de los cuales compran los Paranás Indios cautivos de otras naciones y los traen á sus tierras, y los matan con grandes borracheras, poniéndose nuevos nombres por haberle muerto, (barbaridad por cierto inhumana) el Señor nos dé operarios y don de lenguas, que mies mucha hay.

Este año, auiendo de hacer pueblo estos pueblos, digo Indios, nos pareció lo hiciésen con buen orden, para irlos poniendo en buena policía y quitar muchos inconvenientes que hay en esas casas largas, que tienen los indios en toda la sierra, y aunque entendimos que no lo tomarían bien, por quererles quitar eso tan antiguo de sus antepasados, no fué así; antes lo tomaron muy bien y están muy contentos, en sus casas nuevas, a las cuales se pasaron aún antes de estar acabadas por estar holgados y anchurosos, y cantar como dicen cada gallo de .[5]) Está pues el pueblo en nueve cuadras: la una sirve de plaza, cada cuadra seis casas de cien piés y cada casa tiene, digo hace cinco lances de á veinte piés y en cada lance de estos vive un indio con su chusma. En una de estas casas, la más vistosa y acomodada, y junto á la plaza se señala el sitio para la iglesia que esperamos ahora con la venia de V. R. se dará orden como se ha de hacer según la cédula de S. M. Aquí en la misma cuadra pegada á la Iglesia se señalan nuestras habitaciones de la cual tenemos harta necesidad, por estar casi sujeta á todas las influencias del cielo, donde ahora vivimos, que apenas tenemos en toda ella cuando llueve donde colgar las hamacas sin mojarnos. Viendo pues esta incomodidad, y que por nuestra salud y descanso de los indios, y menos costo y trabajo suyos e nuestros, era bien de aprovecharnos de la madera que está cerca antes que la consumiesen y quemasen estos Indios haciendo sus rozas, nos pareció tratar de hacer una casa y cortar la madera para la Iglesia, y así le lo escribi al P. Rector de la Asunción, al cual le pareció bien, aunque en lo que tocaba á la Iglesia me escribió era bien aguardarse á V. R. Puse luego mano á la labor y armé una casa de ciento y dies piés que en todo este mes de Octubre se acabará con perfección; la cual tiene tres aposentos muy bien sobradados, cada uno de quince a diez y seis piés en cuadro, con su refectorio, dispensa y cocina y todo muy acomodado y proporcionado, con sus puertas y ventanas de cedro, de que hay abundancia en esta reducción y aunque la techumbre es de paja, nos ha costado bien el cubrirla por haber

[5]) Illegivel.

poca aquí para cubrir casas, y esta es la causa de que los Indios no tengan acabadas sus casas. Para cuando venga V. R. tenemos todo lo que dice la delantera de nuestra casa cercado de palos, con lo cual estaremos con comodidad y clausura; y todo esto he procurado hacer como V. R. nos lo manda en la instrucción, que es con el menos costo y trabajo de los Indios posible, á los cuales he pagado con buenos rescates todo su trabajo, de suerte que ellos están contentos y pagados, y yo más. Nuestro pasar ordinario este año ha sido como hemos podido, acomodándonos á las comidas de esta gente, que son raices y maiz, que esto, gloria al Señor, no nos ha faltado, y aunque de lo demás de carne y pan ha habido falta y hambre, no es hambre,la que espera hartura, como dentro de tres años espero en el Señor la habrá en esta Reducción, porque el principio de vacas que son cerca de cuarenta cabezas, y ovejas otras tantas, y cabras catorce; y es muy bueno, y crece como la espuma, y con esto se podrán sustentar aquí; no digo dos sujetos sino cuatro, siendo esta residencia seminario de lengua.

En lo que toca á lo espiritual, por más ocupaciones que hemos tenido, nunca hemos faltado a nuestros ejercicios espirituales y modo de proceder, y en lo que toca á lo espiritual de nuestros hijos, hemos ejercitado con ellos todas las obras de caridad que podemos; porque sin falta entre estos pobres indios se ejercitan todos; y los que estuvieron entre ellos han de ser padres no solo del alma mas también del cuerpo; no esperando por ello retorno humano sinó celestial y de gloria que es lo que dura y venimos á buscar. Predícoles todos los domingos y fiestas que ellos guardan haciéndoles la doctrina primero antes de oir misa, enterramos y decimos misas por sus defuntos; visitamos y curamos los enfermos, partimos con las necesidades de nuestra pobreza, enseñamos los niños y niñas; y son los niños de escuela ciento cincuenta y otras tantas niñas si no son más; los cuales están todas las tardes en la iglesia apartados unos de los otros dos horas rezando y así saben muy bien las oraciones y catecismo, y muchos ayudan misa, y ahora con la venida de V. R. comenzaremos a enseñarles a leer, escribir y contar. Mientras los niños están rezando estas dos horas están juntamente los catecúmenos rezando con ellos y después de idos los niños quedan los catecúmenos otra hora más a ser instruidos y catequizados para el bautismo. Hay todavía muchos infieles en esta reducción por no poder ser bautizados todos juntos, por ser necesario que anden a hacer sus rozas y comidas y aunque cada mes bautizamos a todos los que están capaces siempre hay que catequizar y bautizar en estos tres años. De estos que se han bautizado en este año ciento veinte y dos y ya algunos muy viejos, entre estos pues se han bautizado dos indios que tenían nombre de hechiceros (y sus hechizos no pasan más de que son habladores y amenazan á los Indios que les han de flechar con sus hechizos, y con esto les cobran miedo y los llaman Payes que quiere decir hechiceros y estos pues antes de bautizar delante de todos presentes dijeron que todo lo que ellos habían hecho y se decía de ellos era mentira, embuste y engaño del diablo, que los perdonasen que á ellos les pesaba mucho su mala vida, y que por querer ser cristiano e hijo de Dios pedi al Padre que dijese á los presentes lo que quisiesen para satisfacerlo que de ellos decían; y uno de estos que era el más viejo y era más temido, y parece que con más fundamiento por tener un poco de solimán con que tenía muy amedrontado á todo este pueblo, este pues diciéndole que no podíamos bautizar sin que nos trajese el solimán que decian tener, nos le trajo muy envuelto en un pañillo negro, diciendo que se lo había dado por una cosa que ellos estiman mucho, un Indio del Paraná que lo había traido de un pueblo de españoles.

Nosotros no supimos juzgar si era solimán aunque en la color lo parecía, finalmente el de su bautismo antes que le bautizasen, hablé a los presentes, diciéndoles que aquel que ellos llamaban hechicero, se quería hacer hijo de Dios, por el bautismo, que le pesaba mucho de su vida pasada, y que así me había traido aquello con que les amendrontaba que llaman solimán, que aquello no lo tenían los españoles para matar, ni eran hechizos, sino para curar llagas, pero si lo comían mataba, como lo hace su mandioca verdadera si la comen cruda y que para que viesen que Iro Is, que así se llamaba el hechicero, quería ser cristiano de veras, me lo había traido para que lo quemase delante de todos; y así hice traer unas brasas y lo quemé y luego comenzaran todos á escupir y salirse de la Iglesia como si lo que se quemaba fuese alguna pestilencia.

Bemdito sea el Señor que así mueve los corazones y sabe hacer de publicanos y pecadores justos y amigos suyos.

In articulo mortis se han bautizado algunos adultos que nos fueron de harto consuelo, por ver la providencia que tiene N. S. de sus predestinados; y por la particular de ésta uno será de mucho consuelo para V. R. lo escribiré aquí con brevedad.

Los dos primeros fueron dos dichosas viejas de más de ochenta años, de una patria, casa y edad y parecía que terían unos mismos conocimientos; porque aunque murieron en diferentes tiempos y tuvieron un deseo muy eficaz del bautismo; y aunque eran tan viejas tenían muy buen entendimiento y capacidad, y así en breve se hicieron capaces de las cosas de N. S. y preguntándoles si querían ser cristianas, respondió cada una de por si, pues porque no; habría yo dejado mi tierra y parientes en mi vejez si no fuera por venir entre vosotros á que me hiciérais hija de Dios.

Con estas ancias y deseos llegó su hora y su bien, y con el santo bautismo dieron fin á su cansada vejez por ir á descansar eternamente.

El tercero fué un cacique viejo de más de noventa años el cual viéndole sus vasallos que también eran infieles muy malo, lo llevaron fuera del pueblo diciendo que querían que muriese con sus antepasados y que le querían enterrar en una olla grande a sua usanza.

Sabiendo yo esta dañada determinación, envié por él y me lo trajeron, y diciéndole lo mal que había hecho en dejarse llevar reñí á los indios, y a él le persuadí se hiciese cristiano, lo cual acabé con felicidad, y así le comenzé a catequizar y hacer capaz para el bautismo, el cual le dí poco antes que muriese y le llamé Ignacio por estar cercana la fiesta de N. S. Padre, este pues después de bautizado con gran júbilo puso las manos y dió gracias á Dios N. S. por el bien que había recibido y á mí me abrazó y dió las gracias, porque le había bautizado, y de allí a poco se fué al cielo como lo esperamos.

Otro fué un indio que cayó enfermo una legua de aquí, donde tenía su chacara, al cual, cargándole la enfermedad, vino un indio á avisarnos que estaba muy malo, que le fuésemos a ver; y vino á tiempo que estaba yo esperando enfermo, que tres o cuatro leguas de aquí había picado uno no menos grande que pozoñosa víbora, el cual llegó tan mortal y descaecido, que me pareció no convenía dejarlo y así me quedé con él para confesarlo, y dije al P. Romero que fuese á ver el infiel y que le catequizase y bautizase si estuviese en peligro; y no fué poca providencia de N. S. quedarme con el picado de la víbora, porque muriera sin confesión, que parece N. S. le guardó la vida milagrosamente hasta que pudiese ser absuelto y morir con este Sacramento, que su repentina muerte no dió lugar a que recibiese la extrema Unción.

Llegado pues el Padre una legua de aquí donde estaba el infiel

le consoló, e hizo capaz de los misterios principales de N.ª S. Fe y pareciéndole que no estaba tan enfermo, estaba ya determinado de venirse para volver otro dia á bautizarle si le hallase en más peligro, pero el enfermo pedía con eficacia que le bautizasen luego, y no sin particular providencia de N. S. se determinó el padre de bautizarle y lo hizo y dejándole muy consolado y animado con la nueva gracia del santo bautismo, se vino bien á deshoras de la noche no menos consolado, que quedó el enfermo; y se echó de ver la providencia de N. Sr. en que le bautizase aquella noche, porque otro dia antes de amañecer nos vinieron á decir que había muerto y nos lo trajeron para enterrar en la iglesia, de que no poco alabamos al Señor.

La otra fué una muchacha de hasta doce ó catorce años, la cual picó una víbora, y trayéndola muy enferma y echando sangre con la fuerza de la ponzoña, la catequicé y dispuse para el bautismo, que no fué menester mucho por saber ella ya casi rezar y esperando por ver si se mejoraba ó que estuviese en más peligro, le dilaté el bautismo diciendo asi y todo a sus padres que si la viesen afligida, me avistasen luego, aunque yo la visitaba muy de ordinario.

Estando comiendo, oí llorar hacia su casa y fué luego dándome el corazón lo que podía ser y hallé la muchacha muy fatigada, y bauticéla y murió por haber llegado la ponzoña al corazón, de la que en tan tierna edad se le dió á aquel Señor que nos le pide con entrañas de padre amorosísimo.

Cuando el gobernador Hernandárias subía á la pacificación de esta provincia, que fué el P. Marciel de Lorenzana estuvo en aquel peligro, halló algunos indios en Taraquisó que decían eran espías de los Paranás y cogiéndolos allí los trajo á la Asunción, donde hizo que los quería ahorcar y al ruego del P. Lorenzana que había venido de su reducción los perdonó y se los entregó para que los llevase á su reducción.

Estos indios llegados aquí, olvidados del bien que del P. habían recibido, se fueron, no quedando de ellos más que un muchacho de hasta diez y ocho años, el cual solo se mostró agradecido, y así trataba de veras hacerse cristiano acudiendo á la iglesia para saber rezar, mostró bien sus deseos y constancia, porque viniendo sus padres del río del Paraná a llevarlo consigo á su tierra, él nunca quiso, diciendo que no quería ir con ellos, sino ser cristiano é hijo de Dios, y así se volvieron sin él, saliendo pues este muchacho cinco leguas de aquí con otros indios é indias á sacar un poco de barro blanco á una mina de allí, le picó una grandísima víbora, que conforme, así echa la ponzoña la cual le derribó luego, y hizo echar sangre por todo el cuerpo.

Trajéronle luego dos indios hasta media legua de aquí, que por venir cansados le dejaron en una chozuela, y veniéndome á avisar ya tarde, fuí luego y le hallé disfigurado y descaecido y tal que apenas le conocía, y llevé á darle alguna cosa de comer, con lo qual cobró algunas fuerzas y aliento y por saber rezar, que lo hacía no solo en la iglesia, sino también las noches en su casa, que parece N. Señor le preparaba para este trance.

Preparéle y bautizéle por verle muy affligido y echando borbollones de sangre por todo el cuerpo y otro día le hize traer en una amaca á este pueblo, donde dentro de pocas horas dió su alma al Señor que con tan caro precio y sangre le había comprado. Una india de hasta 25 años, la cual de una larga enfermedad que tuvo, vino á quedar ética y se iba consumiendo, acudímosle no solo con el pasto para el alma, sino también para el cuerpo, catequisándola de ordinario y enviándole de comer, estando pues muy enferma, fué la a visitar el P. Romero y no hubo remedio que hablase y fuí yo después y aunque

me habló fué de muy mala gana, y aunque le echamos el fastidio de la enfermedad, la procurámos acudir con más cuidado porque no le faltasse nada y verdadeiramente no era pe? sino que el demonio envidiase de su bien, la quería engañar y perder como lo mostró el suceso, porque queriéndola bautizar por verla muy al cabo, aunque con buen juicio me dijo que no quería que la bautizase y queriéndola apartar de aquel dañado intento no se remedió, antes reprehendiéndola un hermano suyo que como no quería ser cristiano, que mirase que estaba allí el P. que la quería bautizar, ella con enfado dijo que había de hacer el P. y pareciéndome que era menester más que fuerzas humanas entre ambos pidiendo a N. buen Dios, miráse que aquel era precio de la sangre de su benditísimo hijo y redentor de nuestro I. C. que no la desamparase y dejase perder, pero como es piadosísimo Padre y no desecha los ruegos de los que le piden, con confianza á deshoras de la noche dije al P. que fuésemos á ver aquella enferma y darle otro tiento, confiando en aquel Señor que tiene en sus manos los corazones de los hombres, había mudado el corazón de esta engañada mujer. Llegamos pues en medio de las hondas de esperanza y temor, pareciéndonos no la hallaríamos viva: llegamos á ella, y tocámosla y hallándola viva la hablamos. Oh entrañas del misericordiosísimo de N. buen Dios; halléla tan mudada y blanda, que bien se echaba de ver el dedo del Altísimo, dijo luego que quería ser cristiana y que le pesaba lo que había dicho y que se arrepentía de su rebeldía; bauticéla luego, no con poco consuelo de entrambos por ver en el rebaño de I. C. y fuera de las uñas del lobo infernal que él entendía tener por suya; quedó tan mudada, blanda y tratable después de cristiana, que con mucha atención lo poco que vivió que fué hasta otro día oía los cosas de N. S. y le llamaba; y así acabó y fué a gozar lo que N. buen Jesús le mereció con su sangre y pasión.

Otras dos indias se bautizaran in articulo mortis que tenemos muy ciertas prendas que están en el cielo, y la una de éstas dos se ha hecho bien de ver la gracia eficaz del santo bautismo; por que viviendo después de bautizada algunos quince dias, en todos ellos no puso bocado de sustancia y estaba tan flaca y debilitada que apenas podía abrir los ojos ni hablar palabra, pero en yendo alguno de nosotros á visitarla se animaba y esforzaba pudo que abrir los ojos y oía con mucha atención las cosas de N. S. y con mucha devoción llamaba el nombre de Jesús y María, y no parecía verdaderamente sino una cristiana de muchos años.

El Señor sea alabado infinitamente, pues así es admirable en sus criaturas; esten plato pus? P. de estos bien dichosos adultos fruta bien sazonada y agradable a N. S. rociado de flores de veinte angelitos que han muerto este año antes de saber de este mal mundo han ofrecido esta reducción por medio de estos sus indignos hijos de V. R. á la divina Magestad, los niños que se han bautizado este año son ochenta, que es mucho multíplice, y si el Señor se digne llevarlo adelante de crecer esta reducción es como espuma; y cuando no vengan más indios á ella de los que ahora hay (que esperamos que si vendrán) dentro de seis años ha de haber aquí por lo menos quinientos indios, porque los que nacen son muchos y los que mueren son pocos; pues los adultos que han muerto este año apenas llegan a veinte, y las víboras han ayudado su parte, que aquí hay muchas por la abundancia de Aperea que hay de que se ceban: y asi los picados de víboras de este año pasan de 12, aunque no han muerto sino cuatro.

Todos los que han muerto con la gracia de N. S. ha sido con mucho conocimiento de Dios y con los sacramentos de Confesión y Extremaunción.

Entre estos ha habido algunas muertes de mucho consuelo y por decir alguna in particular diré dos, y el uno de ellos tenía tan gran deseo de ir al cielo, y verse con su Dios, que bien lo mostraba en sus palabras, porque eran tan encendidas y eficaces, que cuando le iba a visitar me sentaba de propósito y cuando acababa le daba materia, para que volviese a hablar de Dios, porque con sus palabras me edificaba y encendía á alabar a aquel Señor, que no es aceptador de personas y echó de ver claramente, que solos aquellos son bienaventurados, que mueren en el Señor como murió este dichoso indio, el cual nunca perdió los sentidos hasta la última boqueada que fué en dándole la Extremaunción.

E otro fué un indio que en la visita de D. Francisco se vino aquí con su mujer, y saliendo un día a caza con otros indios de esta misma Reducción, que suelen hacer muy de ordinario cinco o seis leguas de aquí, le picó una víbora, la cual no le dejó moverse de un lugar, los compañeros viéndole así, y viendo que no tenían en que traerle, ni podrían llegar con él al lugar de esta Reducción, se determinaron dejarle en el monte y venir á avisarnos para que lo fuésemos a ver y confesar; hiciéronlo así, aunque no se dieron la prisa que debían, porque nos avisaron después de dos ó tres dias, que le había picado la víbora, yo me partí luego con toda prisa que pude á verle, aunque desahuciado de hallarle vivo, porque sus compañeros decían que la víbora que le había picado era muy mala, y que él quedaba muy fatigado, y que cuando eso no fuera allí a donde le habían dejado, había muchos tigres, y que por ventura, alguno se le habría comido, yo con todo eso me determiné irle á ver, aunque con el temor dicho, de hallarle vivo, y llegando cerca del lugar donde lo habían dejado, se dobló mi pena y temor, porque vi en aquel lugar muchos cuervos, que pensé se habían cebado en el cuerpo muerto; llegué y halléle tendido en el suelo, desnudo y lleno de ceniza, porque con las ansias del dolor se había revolcado en un poquillo de fuego que le habían dejado sus compañeros, tenía la boca y las narices atestadas de hierba y ceniza; vile que no se meneaba y dándole voces no me respondía, túvele por muerto, aunque el corazón me decía que no lo estaba: hice buscar una de aguas y mientras tanto le fuy limpiando la boca y las narices, lavéle los ojos que los tenía cerrados de la sangre que por la fuerza de la ponzoña había salido por ellos, lavéle la boca que tenía muy seca, parecióme que me miraba y que resollaba tanto cuanto; yo con esto le comencé á dar voces, y él comenzó a cobrar resuello, y así abrió los ojos, y conociéndome se animó de suerte que, no parece que vió un angel del cielo, díjome se quería confesar y lo hizo muy bien, y en acabando de dar la absolución dió su alma al Señor y yo quedé con el mayor consuelo que me parece he tenido en mi vida, por la providencia de N. Señor con sus criaturas, como se echa de ver en este caso dicho; enterréle con los indios que llevaba y puse una cruz sobre su sepultura, y así me volví á la Reducción muy contento.

Hanse hecho este año muchas confesiones, porque estos indios aunque tan nuevos en la Fe, se han hecho capaces de este sacramento — salvamento —, y ni entiendo que con el tiempo ha de haber mucha frecuencia, de este sacramento en esta Reducción. Otros se han hecho generales de algunos indios.

Christianos, que huyendo de los Españoles estando en el Paraná de guerra, se habían metido en él los gustos con el trato de los infieles, — eran peores que ellos, porque estaban amancebados con Indias infieles, y algunos tenían dos por manceba; estos pues viéndose seguros con mucho amparo salieron á los montes á esta Reducción, donde con la gracia del Señor viven bien, y en este año les hemos bautizado los

mancebos y los hemos casado con ellas, haciendo primero una confesion general de mucho provecho para ellos, descanso nuestro, porque nos daban en que entender.

Este año se han venido algunos indios del Paraná á ser cristianos, llamados verdaderamente de N. Señor, en los cuales se echa de ver enteramente la eficacia de la gracia particular que N. Señor á los que quiere para si, como ahora diré:

Un muchacho de hasta trece años se vino á esta Reducción, con deseo de ser cristiano, el cual dejó en su tierra su padre y madre y otros tres o cuatro hermanos; yo visto este deseo y acto heroico le quisiera bautizar luego y no lo hice por probar más su constancia y pareciéndome que quizás sería muchachería y viéndole entre extraños y sin padre, madre, hermanos se volvería presto, pero no fué así, porque su perseverancia fué mucha y la diligencia en aprender las oraciones y catecismo no fué menos, y así cumplí sus deseos bautizándole, y no poco después vino su madre. Si traido más del amor del hijo que deseo de ser cristiana lo uno y lo otro deseo de ser — traje consigo dos hijos y una hija y dijo que venía a quedarse en la Reducción y que después vendría su marido también; bautizámole el hijo mayor que pronto supo la doctrina y otro de tres o cuatro años se lo llevó N. S. para sí con una enfermedad que le dió y todo esto bien alcazaron por la venida de su hermano como está dicho.

Otros dos muchachos de hasta diez o doce años, viéndose huérfanos aunque con parientes que cuidaban de ellos los dejaron y si vinieron á esta Reducción donde perseveran ya cristianos.

Un viejo de más de sesenta años vino a esta Reducción en busca de un hijo suyo que le había dejado á él y á su madre por ser cristiano. Sabiendo pues este viejo que su hijo era ya cristiano le dió á él también deseo de serlo y así se determinó venir á esta Reducción y dijo á su mujer su determinación y seguiese ella con sus hijos, pero ella dijo que no quería seguirle y viendo el indio que por bien no la podía persuadir viniese á esta Reducción con él, le pareció lo haría por mal y así cojió un palo y la aporreó diciendo que había de venir por mal: los parientes de la mujer viéndole maltratar así, embistieron con el viejo y le maltrataron muy mal y le quitaron la mujer; el viejo maltratado y sin mujer cojió dos infieles, que tenía, y de hecho se vino á esta reducción con ellos, donde perseveran con no poca necesidad por ser viejo y con tres hijos á cuestas que sustentar.

Los hijos ya son todos cristianos y él lo será presto con la gracia del Señor.

Pero la venida que más nos ha consolado fué la no esperada de un Indio que levantó el Paraná contra el P. Lorenzana y esta Reducción, cuando se vió en el aprieto que V. R. sabe que por venir á ocasión y paréceme que no escribió la causa porque los Indios del Paraná quisieron matar al P. Lorenzana y á los indios de esta Reducción lo pondré aquí en breve para que se vea como si al P. y á estos indios les hubiera cabido tan dichosa suerte ficeran muy gloriosos mártyres cuando no fueron más que por esta causa que diré: á este indio pues se le vino del Paraná una manceba suya ó segunda mujer, diciendo que quería ser cristiana y casarse con otro indio: el P. la amparó y su marido y mancebo la siguió y vino tras de ella con muchos fieros diciendo le diesen su mujer: el P. le dijo que mirase que quería ser cristiana y que así no quería volver con él; y que después él tenía la primera mujer se contentase con ella, y que no podía tener otra, y que demás de esto le había dicho que si la llevaba que la había de ahorcar en el camino á ella y á una hija suya; que no la había de llevar; que se volviese él indignado no quiso, antes hizo alguna fuerza para

llevarla, y algunos me han dicho que puso las manos en el P. Francisco S. Martín.

Viendo pues que todo lo que él hacía era sin provecho, se volvió al Paraná donde convocó y levantó los indios de él para dar sobre esta Reducción.

En este interino el P. Lorenzana bautizó y casó la india para librarla de todo peligro, esta pues fué la causa del aprieto en que se vió el P. de que V. R. tiene larga noticia y solo sé decir que este indio alborotador quedó en nuestra Réducción con grande deseo de ser cristiano y pareciéndole que se lo dilatábamos mucho, vino un día y hincándose de rodillas y puestas las manos me dijo que le bautizase e hiciese hijo de Dios, que lo deseaba mucho, y yo viendo su eficaz deseo de ser cristiano, conocido siempre en todos los indios porque lo desean con muchas ansias. Pocos días después á un hijo de un cacique principal de esta Reducción engañado del demonio y de una falsa afición deshonesta, hizo todo lo que pudo para alcanzar una muchacha casada con un cacique y llegó á tanto que vino á quererla forzar, pero ella tuvo tanta constancia y virtud que en ninguna manera quiso consentir con su dañado intento, antes resistió varonilmente á la fuerza que le hacía, diciendo que era cristiana, y que no había de hacer tal traición a su marido, acudieron algunos indios y apartaron este deshonesto muchachón.

Viniéronme á dar aviso, y yo procuré que no lo supiese el marido por quitar toda ocasión de riñas, aguardando ocasión para castigar tan grande bellaquería; pero á la noche vino á nuestra casa el hijo del cacique muy confuso y arrepentido, y hablándome me dijo que ya debía de saber una gran bellaquería que había hecho. Yo le dije que sí, que me la había de pagar muy bien; él me dijo que en hora buena que allí estaba, que á eso venía, que hiciese de él lo que quisiese, pero que de una cosa estaba cierto, que no habría yo oído de él cosa semejante, ni que diese á eso, desde que estaba entre ellos; pero que engañado del demonio y de aquella torpe afición había procurado pecar como hombre, pero que proponía la enmienda y de confesarse de su culpa para que Dios le perdonase y que le diese el castigo que yo quisiese, que allí estaba; yo, visto su humildad y reconocimiento y dolor de la culpa, le reñí asperamente y le perdoné; por parecerme que haría N. S. lo propio, supuesto su reconocimiento y dolor; también no le castigué por no hacer público lo que parecía secreto. Bendito sea el Señor que donde quiere tiene quien le sirva.

Acabo con decir a V. R. que la gente de esta reducción es muy buena, docil, tratable, con lo cual todo lo demás se le imprimirá con el tiempo; y ahora como son tan nuevos en la Fe, vamos con mucho tiento, por no cargarlos de tantas cosas, y no hacerles pesada la diciplina cristiana; acuden muy bien los Domingos y Fiestas a Misa y sermones, las Pascuas, dia de Corpus, S. Juan y fiestas de N. S. Padre y patrón S. Ignacio, cuya advocación tiene esta Iglesia, debajo cuyo patricinio está este pueblo, así tiene toda esta gente mucha devoción y se glorían y blasonan llamándose los del pueblo de S. Ignacio; hemos celebrado su fiesta con gran contento y con la mayor solemnidad posible, preparándose muchos días antes, para ella cercando la plaza de arcos por donde había de pasar la procesión y la víspera saliendo a caballo, y la noche haciendo mucha iluminación, con mucho ruido de flautas, campanas, tambores y trombetas y todos a una voz clamando á S. Ignacio invocando su nombre que no parece sino que estaban fuera de sí de contento y lo que más los regocijó fué ver volar unos cohetes, cosa bien nueva para ellos y toda aquella noche pasaron sin dormir aparejando sus dagas y entremeses.

El día de la fiesta se hinchó la iglesia de gente que apenas cabían y se quedó muy gran parte fuera; cantóse la Misa, y después de ella entraron las danzas y estando a propósito de la fiesta, quedaron mucho gusto, entre estos vinieron algunos niños bien aderezados de pinturas, que venían en nombre de los caciques principales del pueblo con sus presentes de Cuacamayos y Papagayos, Panos, perdices, tatues, puercos etc., para presentar al Santo y porque se vea el orden que trajeron, diré lo que dejó el primer niño al Santo; éste venía en nombre del cacique principal que se dice Diego Añagara que quiere decir en español día del diablo, tomando pues el niño, la etimología de este nombre dijo al Santo que él venía en nombre de Diego Añagara a darle las gracias de lo que por medio de sus hijos le había huido el día del diablo que le había sido antes que fuese santo, y que los defendiese de allí adelante rogando á Dios por ellos; así acabó este niño y proseguieron los demás guardando el mismo orden en sus presentes y dichos conforme á los nombres de sus caciques; después de todo esto, salió la procesión con muy buen orden, y detrás de todos unas andas bien aderezadas, y en ella la preciõsa Reliquia que V. R. hizo caridad á esta Reducción de la firma de N. S. P. muy bien aderezada, y por pie del Reliquiario un retablito que tiene esta reducción de N. S. P. muy bueno. Llevaban las andas cuatro caciques con sus camisas largas que les prestamos para que fuesen de fiesta, fué la procesión por debajo de los arcos ya hechos, que estaban muy bien aderezados y vistosos por la variedad de frutas, y de animalejos de caza, que estaban por ellos, porque los indios se procuraron esmerar llevándose la ventaja unos á los otros

Acabóse la procesión, y quedaron las andas con la reliquia y retablo toda la octava, donde lo venían a visitarlo muchas veces. Todo esto P. nos ha sido de sumo consuelo, no solo por ver a N. Señor alabado, y conocido donde antes había sido tan ofendido, sino también por ver a N. S. D. ensalzado en los últimos fines del mundo, como lo parece que son estas partes: al Señor sea la gloria de todo. V. R. por amor de Dios, venga á visitar esta gente que lo desea mucho y ya desde que les dije que V. R. les quería venir a ver y consolarse con ellos, no hablan de otra cosa, sino cómo será el Payguazú y que han de hacer para cuando venga V. R. Por amor de Dios nos consuele y les consuele, porque entiendo que la venida de V. R. ha de ser de mucho aumento de esta Reducción, y gloria de N. S. el cual nos cumpla nuestros deseos. Amen.

De esta Reducción de S. Ignacio, Octubre 8 — 1613 — † — V. R. minimo hijo.

(Firmado) *Roque González de Santa Cruz.*

N. 2

I H S

Copia de uma carta escrita a Francisco González de Santa Cruz, Teniente general de la Asunción, en respuesta de otra suya.

La gracia de N. S. sea siempre con Vm. cuya carta recibí, y de ella y de las demás entendí el mucho sentimiento y quejas de eses campos y contra los indios y principalmente contra nosotros. Lo cual en parte no se me hizo de nuevo por saber que no es de ayer sinó muy antiguo á esos Señores encomendadores y soldados el quejarse,

pasando muy adelante en esto, y aún levantando grandes contradicciones contra la Compañía con mucha honra y gloria de los que las han padecido, por ser por causa tan justa como volver por los indios, y por la justicia que tenían y tienen de ser libres de la dura esclavitud y servidumbre del servicio personal en que estaban, siendo por Ley natural y divina y humana exentos, y estos debates crecieron más después que los de la Compañía haciendo en esto su obligación como fieles ministros de Dios N. S. y vasallos de su M. apoyaron lo que justísimamente mandó por su visitador, que los indios fuesen libres de la servidumbre en que estaban y como esto lo confirmase la real audiencia (no obstante la apelación) y los indios fuesen entendiendo la liberdad en que el Rey N. S. les ponía pagando su tributo, temiéronse los encomendadores que por esta causa les habíamos de ser de graves daños.

Los de la Compañía estábamos en estos pueblos, engañando é impediendo (como ellos dicen) á los indios, para que ricibiesen la tasa de su M. no queriendo servir como de antes y para evitar esto dieron petición que nos sacasen de aquí pasando allá en la Asunción y en este pueblo cosas que de propósito callo, y no sé adonde pasaron de que V. M. y toda la ciudad son testigos hasta querer dar petición o dada de hecho, para que fuésemos echados de aquí por fuerza y viniesen soldados a eso y aun quien vino en virtud de esas peticiones nos echó de nuestra iglesia impidiéndonos y no queriendo que dijésemos misa en ella, no bastando a mitigar este fuego ni la justicia de la Compañía, ni los medios de paz que tomó para ello, ni la autoridad y presencia de N. P. Procurador Diego de Torres, persona que por su santidad y letras es venerado, no solo en estos reynos, pero en los de España é Italia, ni tampoco la de su R.ª del P. R.ºr verdadero P.e de aquella República, antes creció este sentimiento, mas después que los indios dejaron de yr á misa queriendo pagar aquí tributo como Su Magestad les mandaba, por lo cual en boca de los vecinos del Paraguay ya estaban levantados, o casi para ello, porque no iban á servir, echando la culpa de todo a los de la Compañía que aquí estábamos. Pero ni los indios ni nosotros, aúnque se lo aconsejásemos tenemos culpa, antes mérito delante de Dios N. S. y de S. M. el Rey, el cual se holgará mucho que los indios tengan valor para saber y usar de su justicia y entiendo sentiría mucho y su Real consejo que después de haber mandado por su visitador, que no sacasen á los indios de estos pueblos a mita; y habiendo confirmado esto la Real Audiencia de Chuquisaca, mandando se ejecutase así; mientras no mandaba otra cosa el Real Consejo, se hayan atrevido á sacarlos contra la justicia y cédulas que tenían para no ir, amenazándolos con cien hombres que estaban apresta dos sinó quan como lo dijo el capitán Iu.º Ramos de Vera, que vino por ellos, delante del cual dijeron que querían hacer lo que S. M. mandaba, pagando en su tierra el tributo y tasa que debían á sus encomenderos, y protestando, que iban contra su volutad al Paraguay y la cual respuesta fué causa de mal sentimiento de los indios y de nosotros y que las causas hayan sido, las que he dicho, fuera de que me consta claramente me lo escribió un encomendero de la Asunción que me decía, y hace mucha caridad, diciendo que si mudáramos de dictámenes en materia de tasa y tributos, se holgarán los encomenderos de que estuviésemos aquí y de darnos lo necesario, de donde verá Vm. Sr. General el fundamento que tienen las quejas y en que estribaba el esfuerzo que hicieron los vecinos por echarnos de aquí. Pero falta ahora por satisfacer á las quejas más frescas de ayer á esta parte que hay contra los indios y contra nosotros dándonos por autores de todo.

Estas se fundan en no haber salido de este pueblo tantos indios a servir á sus encomenderos y otro personal como deseaban.

Lo 2° en haberse vuelto los más de los que fueron y lo 3° de no poder perseguir por esta causa intentos de tanto servicio de Dios y de S. M. y cuanto á lo primero los indios entonces (como ni ahora) no tenían obligación de salir de sus tierras, usando de su justicia como S. M. lo mandó por su Visitador para su conservación; y Hernandárias que vino en su nombre a declararles esto á los indios y él su Protector les mandó no saliesen en ninguna manera, ya lo que Vm. dice, de sus feudatarios no tenían más obligación que de pagarles su feudo ó tributo en cinco pesos, no de dejar sus mujeres e hijos e irles serviendo personalmente á tan lejanas tierras y por tanto tiempo, pero con todo eso, por mandárselo Vm. y por temor de que había de hacer i ó por fuerza Vd. nos dijo fueron al pié de treinta, rogándoles nosotros lo hiciesen por evitar otros mayores inconvenientes y fueron casi todos los que Vd. mandó. Del haberse vuelto los más de ellos; unos antes de llegar a este pueblo, y otros después dan por causa los indios el mucho trabajo, mal tratamiento y falta de comida y este último es bastante para que nosotros somos la causa y tenemos la culpa, no hay ocasión ninguna de decirlo, antes muestran claramente lo que dicen su pasión en esto y la mucha gana que tienen de decir mal de la Compañía, porque antes de llegar á esta reducción, se habían vuelto muchos de partes adonde no estábamos nosotros y de ahí también le han buelto de los de Atica, y de los mesmos del Paraguay, sino que el pecado de los de aquí es mayor en boca de los encomenderos que el de los otros indios, que se han huido sólo por estar aquí nosotros, que no contentos con ésto, nos levantan como me escriben de allá que los indios que hicieron volver los caciques fueron a llamar ó traer á los demás que habían quedado y aún Vm. parece se me tina para creerle, pero nosotros no tenemos más que una cara Sr. General, y Diego Hernández persona que ha de volver ahí me dijo que él que últimamente movía la gente fué un indio ladino del yta.

A lo 3° de haber sido causa de impedir intentos de tanto servicio de Dios y del Rey, digo lo primero que ya hemos de presuponer que en el lenguage de vecinos y soldados estos indios son los que hacen todos los males, pero dejado aparte ésto, qué servicio de Dios N. Señor impiden los indios, porque si el predicar el Evangelio de N. Señor I. C. no manda se hiciese con ruido de armas y de malocas sino con ejemplo de buena vida y S^ta^ doctrina como lo han hecho los S^tos^ Apóstoles y Varones apostólicos, aúnque sea derramasen su sangre, como por esta causa la derramaron tres santos varones de N. Compañía en Chile, y si los intentos son lo que se dicen entre los mismos soldados que van que son hacer maloca a los indios itatines, aúnque sea con color de que los reduzca el Padre á sombra de sus armas, no entiendo gustará de esto S. Magestad antes lo sentirá por ser contra cédula y mandato exequatur por su visitador, solo hallo de servicio de S. M. al descubrir las minas para darlo aviso por si quisiera que se labren y para esto una docena de hombres con algunos indios bastaban, pues con cuatro entró con seguridad a buscarlos el capitán Vallejos con que se hubieran ahorrado muchos ruidos y pesadumbre y con que queda respondido al efecto el cargo en que tanto estriba ese campo contra los indios que han salido hombres a gastar sus haciendas para ampliar el patrimonio del Rey, pues S. M. es cierto que perdonará su salida, y se holgará que se estuvieran en sus casas, y no vinieran á inquietar y affligir a estos pobres indios que también son sus vasallos pues como tengo dicho sin el cansancio y gasto de 80 soldados, con una docena se conseguía el fin dándole cuenta a S. M. y con esta razón que dan también livres los indios. Del otro cargo que se les hace acriminándolos mucho de que si no fuesen serían inobedientes á la Real Justicia, pues

Su M. el uno y no contrario á si mismo de ninguna manera, y cuando les ha mandado con tanta justicia y xpandad que no salgan contra su voluntad, no tubiera a mal a haber ellos usado de la justicia no saliendo porque N. Rey como tan católico estima más la conservación de sus vasallos y la seguridad de su Real conciencia y patrimonio, sinó aquellos que son conformes a razón y justicia y sin detrimento de sus vasallos; y en las Indias manda que no se les haga fueza a los indios sacándoles de sus naturales, aúnque sea para menos como está claro de la cédula y despacho de su Real consejo habrá cinco o seis años que la trajo el Procurador de Chuquisaca que fué a España y yo lo oí leer todo conforme á eso dice Sr. General que no podían ser compelidos estos indios [6] a yr por fuerza ni notados ni castigados de inobedientes pues no van contra mandamientos ni orden del Rey Nuestro Señor, antes conforme á ellos y mientras no constare de contrario mandato de Su Magestad nadie les puede castigar y si ahora va algun número de indios se contra su voluntad y de sus caciques por la fuerza con que Vm. les amenaza que les hará si no van castigándoles: y porque eviten estos daños los hemos procurado inclinar que envien algunos como lo hacen, aunque otros han querido usar de la justicia como yo (vi) aunque los que van padecerán ahora, pero Nuestro Señor que lo ve y sabe todo enviará remedio ya más de tardar no está lejos de nosotros el día, en que premiará servicios y buenas obras, y se castigará agravios particularmente hechos contra pobres, adonde espero verá Vm. claramente como se han informado mal los vecinos y encomenderos de estos pueblos (quizá engañado de su pasión, diciendo que aunque le guarden ordenanças no tienen los indios con que pagarles muchos años de tributo que les deven lo cual no ha causado en mi pequeña admiración porque sé cierto que encuanto tienen aunque se quedan en camisa, no pudieron satisfacer ni pagar lo mucho que de rigor de substancia deben a los indios, y el estar en esta ceguedad tan grande los encomenderos es la causa de que no les quiere confesar gente que sabe y temerosa de Dios nuestro Señor, y de mi digo que no confesaré a ninguno por cuanto tiene el mundo, porque han hecho el mal y aun reconocerlo no quieren cuanto más restituir y emendarse, allá lo verán y por su mal, si no se enmiendan y componen antes con los indios delante del que por ser infinitamente sabio no ay echarlo dado falso y no fuera más medio para no verse entonces a en apreturas el que tomó Hernandárias componiéndose y emitiendo el tributo a los indios por algun buen número de años, pero ya que no lo hacen no digan que los indios les deben, y sinó mande Vm. preguntar a f. que si le debo algo Andrés despues de diez y ocho años de servicio en el Paraguay, ó Martín que después de haber estado siete años continuos en la Asunción sirviendo, y habiendo venido ayer como dicen y recién casado, antes de hacer chacara para si y para su mujer, le bolvió a llevar consigo y le tiene ay, llevando de cuatro indios y tiene su movimiento, los dos, lo cual debía Vm. remediar que si mi intento fuera alegar más en esto, llenaría este pliego de quejas tan justas que quebraran el corazón ofreciendo a probarlo con los mismos indios que aun viven.

Y si Vm. les preguntara a los de este pueblo si les debían algo sus encomenderos delante de procurador que como por menores que son bolviera por ellas, pidieron sin duda el trabajo y indos sus paizes y aquellos y el suyo que hasta ahora está por pagar y el visitador por ser esto un laberinto tan grande remitió ésto a los PP. confesores habiendo pragas a los que en particular pedían su justicia ante él.

[6] Illegivel.

Mas supuestos que los encomendores quieren su tributo dejando el componerse y satisfacer y pagar a los indios lo que les deben para otro tiempo, ellos quieren trabajar en su tierra para pagárselo con lo cual y labrar sus chacaras para sustentarse a si y a sus mujeres e hijos, que no harán poco, no estarán ociosos y Vm. habrá salido del cuidado que le daba la ociosidad de estos indios queriendo tomar para ello medios tan contrarios a sus almas y sus cuerpos, estando apartados de sus mujeres y es la ruina y destrucción espiritual y temporal destos pueblos, como lo he visto por casos particulares, andando hechos vagamundos por caminos y tierras extrañas sin doctrina ni enseñanza.

Por las cartas que he recibido y más en particular de otras personas, he habido la licencia grande y han tomado en ese campo de decir y murmurar pesadamente de la Compañía y sus hijos nosotros que lo somos aunque indignos les perdonamos cuanto a lo que toca a nrã parte muy de corazón rogando muy afectuosamente a Nuestro Señor como a P. de misericordia la tenga de ellos y les perdone verdades que su divina magestad siente tantos agravios y ofensas hechas contra sacerdotes y religiosos suyos, que suele asentar la mano de su divina justicia en los tales con tan horribles castigos que hacen estremecer las carnes el oyrlos o leerlos en la sagrada escritura , y así nadie se burle con Dios Nuestro Señor que tiene brazo omnipotente, y yo confieso que estoy temiendo un gravísimo castigo del cielo en esta Provincia por haber faltado los de ella mucho en esta parte, y ahora más en particular para que se vayan continuando empct. a enojos de la divina magestad y se acabe de llenar la medida de su ira no dejasen en campo a los PP. de la Compañía y no para alabarlos.

El Sr. sea alabado por todo, que es digno de toda alabanza y gloria, que nosotros estamos contentos con nuestros desprecios por ser voluntad suya su magestad de gracia para que en todo la cumplamos, y a Vm. g.^{e} de guar.^{e} diz.^{e} 13 de 1614.

Esta carta fué escrita en respuesta del teniente general con mucho sentimiento que por lo que contiene la respuesta se echa de ver lo que debía, y juzgamos para gloria de Nuestro Señor que convenía satisfacer sus quejas como se ve; pero antes de cerrarla llegó otra suya que va con esta para que V. R.^{as} vean como últimamente se dejó engañar Francisco González de unos soldados que fueron a los ñeguaras porque los indios no quisieron ir con ellos a las minas de adonde se salieron a buscarlos, ni darles comidas, lo atribuyeron a persuasión nuestra, dando por verdaderos también los demás testimonios que nos habían levantado los soldados en este pueblo y después que salieron la ocasión que tuvieron de levantar lo que he dicho de los indios quisieron ñeguaras fué el acertar haber llegado el mismo día el P. Julio de Salas a bautizar los niños de aquel pueblo pero no se metió en bueno ni en malo con los indios, mas diciendole que el capitán les mandaba ir a las minas que hacían el P. deni — [Trunco] Copia (Dos f.^{s} ut.^{o} f. esp. escritas las cuatro cosas: mano del P. Boroa? margen 20^{mm} isq. 48'.55 letra menuda clara tinta algo amarillenta.)

Estes documentos continuam manuscriptos na Bibl. Nacional do Rio de Janeiro. C. T. 1906.

N. 3

J H S

[Bibl. Nac. Msc. Coll. Angelis VII. 14.]

El Capitán Francisco González de Santa Cruz, Teniente General é gobernador en esta ciudad de Asunción, cabeza de las provincias del Rio de la Plata, Concepción y ciudad de Uera, etc. Digo, que por cuanto los Padres de la Compañía de Jesús con su mucha caridad y celo del servicio de Dios nuestro Señor y de S. M. tienen hablado y apalabrado muchos indios infieles para reducirlos y poblarlos en partes y lugares comodos, adonde sean dotrinados y enseñados en las cosas de nuestra santa fee católica — Por lo cual y por otras muchas cosas que á ello me mueven; yo en nombre de S. M. y por virtud de los poderes que para ello tengo Doy Licencia y facultad al P. Roque González de Santa Cruz de la dicha Compañía o á otro cualquiera de la dicha Compañía de Jesús para que pueble y haga en nombre de S. M. tres ó cuatro Reducciones en las partes y lugares que mejor le pareciere, y en particular enfrente de Itapúa de la otra banda del Río del Paraná, y sobre la laguna de Santana — y mando sopena de docientos pesos para la cámara de S. M. que ninguna persona de cualquier estado y condición que sea, en ninguna manera sea osado á estorbar ni impedir las dichas Reducciones, porque de la dicha pena (en que desde luego le doy por condenado) al que tal impidiere o hiciere impedir será castigado rigurosamente como á persona que procura impedir cosa tan santa y de tanto servicio de Dios N. S. y de S. M. Que se fecha a veinte y tres de Febrero de mil y seiscientos quinze años.

Francisco González de Santa Cruz.

Por su mando
Francisco de Fuerta
Escribano público.

N. 4

[Paraquariae Annuae 1618-1649.]

[Annuae 1619.]

Uruay: „Aora pues cuando pasé por estas reducciones, viendo la mucha y muy gloriosa mies que nos tiene allí el Señor aparejada y que está cuasi dispuesta para cogerla para los graneros de Dios nuestro Señor y que ya la Provincia tiene más posible de sugetos y movido también de la gran instancia que para ello me habían todos los Padres del Paraná, dejando dos padres en cada una de las tres Presidencias, determiné que el Padre Roque González entrase a romper este nuevo majuelo del Señor con el arado del evang.°"

Recibióse con grande aplauso y contento esta entrada en toda la Provincia."

La segunda carta del P. Boroa me refiere el suceso de la entrada y es de 24 de Noviembre de 1619, dice: Diez días habrá que escribía

a V. R. con la buena nueva del gusto con que los caciques del Hiruguay íban saliendo a hablar al P. Roque González, anteayer receui una suya en que dice ha hallado ya un excelente puesto para la reducción que era lo que tenía con mucho cuydado, tiene mucho monte ayroso y de buena vista, y una legua pequena, del Hiruguay, y los caciques gustan de que se haga allí una reducción y así según el orden de Vr., el p.e está determinado de dar principio a ella para lo cual enbía a pedir indios carpinteros para levantar una cruz, hacer una capilla y poner campana, saldrán de aquí mañana con todo reospido y cuñas para comenzar a rozar: dice el padre que si ay cuñas estaba hecha aquella reducción dentro de dos años y que en espacio de 8 leguas se juntarán casi quinientos indios, que serán dos mil y quinentas: el P.e provede en todo con mucho tiento, prudencia y acierto como a quien nuestro Señor a escojido para tan ardua ympresa. . ."

N. 5

„X"

Don Francisco de Céspedes, gobernador y Capitán General de las provincias del Rio de la Plata por S. M. & C.

[Rio de Janeiro, Bibl. Nac. Mss.]

[Collecção Angelis a VII — 25.]

Don Francisco de Céspedes, Gobernador y Capitán General de las provincias del Rio de la Plata por S. M. & C.

Por cuanto tengo hecho á la Compañía de Jesús entriega en nombre de Su Majestad y mía de las Provincias del Uruay, para que atienda á la reducción de los naturales dellas, y á su conversión á la santa fee católica, y obediencia y servicio de la Real Majestad y ésto se ha de conseguir mediante las reducciones y poblaciones que los Padres de la dicha Compañía han de ir haciendo de los dichos naturales: *Le doi en nombre de S. M. ampla facultad y poder* sin limitación y restricción alguna para que hagan y funden todas las Reducciones que pudieren, y *pongan* en ellas los Caciques y *justicias* que les parecieren en nombre de S. M. y mio *dándoles varas y autoridad*, toda la que juzgaren por conveniente para el servicio de ambas Majestades.

Y mando á los dichos mis Tinientes y Justicias, á todos y cualesotra persona de las provincias del Río de la Plata sean osadas a estorbar ó impedir obra de tan gran servicio de ambas Majestades, pena de mil pesos aplicados para la Cámara de S. M.

Y mando á los dichos mis Tinientes y Justicias, á todos y cuales quiera dellos ayuden y favorescan á los Padres de la Compañía en todos los casos y ocasiones que en las dichas provincias del Uruay hubieren menester su ayuda y les fuere pedida por parte de la dicha Compañía."

„Y porque puede ser que nuestro Señor abra la puerta á la dicha Compañía de Jesús para entrar á otras provincias distintas del Uruay, que no pertenezcan determinadamene á otro distrito y gobierno: *Le doy*

la misma facultad y licencia para que en nombre de S. M. y mio tomen posesión de las dichas provincias, y procuren reducirlas al conocimiento de la Santa Fee católica y obediencia de S. M. y hagan todo lo arriba contenido, y me vayan dando aviso de lo que hicieren, pidiendo el ayuda y socorro necesario, que acudiré, si fuere menester en persona."

„Fecho en la Ciudad de la Trinidad, Puerto de Buenos Aires, á cuatro de Junio de mil y seiscientos y veinte seis años.

Concuerda con su original de donde lo saqué, y hice mi signo:

En testimonio † de verdad
Pedro de la Pobeda
Escribano público".

N. 6

Don Francisco de Céspedes Gobernador y Capitán General de las provincias del Rio de la Plata por el Rey nuestro Señor

Rio de Janeiro — Bibl. Nac. — Mss.

[„Collecção Angelis — VII. 26. a. 58."]

Hago saber al Muy Reverendo Padre Juan Bautista Ferrufino, Rector del colegio de la Compañía de Jesús de la Ciudad de la Trinidad Puerto de Buenos Aires, como luego que el Rey nuestro Señor me hizo merced de este gobierno, tuve entrañable deseo en mi corazón de acudir con mucha pontualidad y exacción al servicio de Dios y de su Real Majestad, y bien de todas estas provincias, así españoles como indios naturales dellas, y para dar principio á la ejecución destos mis deseos escribí desde Sevilla antes de embarcarme á S. M. y Real Consejo lo que para el bien destas provincias, y en especial deste puerto, (de cuyo acrecentamiento pende el aumento dellas y de las de Tucumán, Chile y Reino del Perú) se me ofreció y previne en mi entendimiento, aun antes de llegar á tocarlo con la mano y experiencia correspondiendo esta á lo que entonces previ y escribí á S. M.

Y habiendo partido de Sevilla y llegado al Río Genero, donde tuve noticia de como el enemigo holandés había tomado la Bahia, y el peligro en que estaba este puerto y provincias, me partí luego con evidente riesgo de la vida, y entré por Septiembre en este dicho puerto, cosa que admiró á todos los dél, — por no haber entrado navio jamás por tal tiempo, que es el más contrario para embocar en este río y llegar a este puerto. Y luego que salté en tierra, puse extraordinaria diligencia y calor en la fortificación de la ciudad, de que tengo hecha relación á Su Majestad. Y considerando que no hay mayor guerra, ni más peligrosa, que las civiles discordias, odios y enemistades entre los de un mismo lugar, los que lo estaban muy vivos en esta ciudad, procuré la paz y la amistad entre todos, y conseguí este efecto en breve, ayudado de la divina gracia: de suerte que esta ciudad goza hoy de mucha paz y quietud. Y considerando también que el Rey nuestro Señor, como tan Católico y zeloso del bien de los naturales, así de los ya reducidos y cristianos, como de los gentiles y no reducidos, tiene ordenado y mandado á sus Virreyes y Gobernadores que una de las principales cosas á que quiere que atiendan es el aumento,

policía, buen tratamiento y doctrina de los cristianos, y procurar muy deveras la reducción y conversión á nuestra Santa Fee católica de los gentiles, dándose por muy bien servido de los que á esto cooperan y ayudan: Juzqué que para cumplir con esta precisa obligación de mi oficio convenía por buenos e eficaces medios procurar conseguir ese fin.

Y así, sabiendo que los indios charrúas infestaban la costa de la otra banda, mataban y cautivaban los españoles que con tormenta daban la costa en sus tierras: los hice llamar, y con halagos y dádivas de mi hacienda los traje á la obediencia y amistad de S. M., y están quietos, amigos y obedientes á mis mandados, y no solo no hacen ya daño á los españoles y á sus navios, sino que antes, habiendo dado á la costa una carabela, á fuerza de brazos la ayudaron á sacar de donde estaba encallada, y han admitido con gusto la fe católica, y tienen corregidor y doctrinante.

Y habiendo atraido á estos indios, que los—Chanás, Aróes, y los indios que llaman de la sierra de Maldonado, y otras naciones, que nunca habían visto españoles en su vida, me viniesen ver como lo hicieron, dándome sus caciques la obediencia en nombre de S. M. á quien tengo ya dada larga relación de lo en esta materia sucedido.

Y advirtiendo que los Religiosos de la Compañía de Jesús, conforme á su vocación é instituto, acuden con tesón y perseverancia á la conversión de los naturales, y que S. M. para este intento envía muchos cada seis años con los procuradores de la dicha Compañía, que de las Indias van á los reinos de España, hice un exhortatorio por escrito ante Escribano al P. Francisco Vázquez Trujillo, predecesor de V. R., pidiéndole me diese Padres que atendiesen á la conversión y reducción de los dichos indios Charrúas; y no teniendo de presente padre que darme, y deseoso de acudir de pronto al servicio de ambas Majestades, me pidió que aguardase á que diese aviso á su Provincial, el P. Nicolás Durán, que sin duda me daría todos los Padres necesarios. Y siendo forzoso el acudir luego á los Charrúas, les dí un Religioso de San Francisco, encargando á esta Religión de San Francisco la conversión de dichos Charrúas y demás indios de la costa y Chanás; y reservando para la Compañía de Jesús los Yaróes y otras naciones.

En prosecución de lo cual, escribí al dicho P. Nicolás Duárn, Provincial pidiéndole Padres, y su Paternidad, como tan zeloso, me respondió ofreciéndome de presente cualquiera de los tres deste colegio para dar principio en siendo necesario: y si menester fuese, la persona de su Paternidad iría sin dilación alguna, que me ajudaría con todos los Padres que en adelante fuesen necesarios.

Lo cual yo estimé como era razón, y pareciéndome no convenía poner luego en peligro la persona de cualquiera Religioso deste colegio, enviándolo á los yaróes, me fuí entreteniendo hasta tener mejor ocasión y coyuntura.

Y teniendo noticia de la extendida isla é Provincia del Uruguay, y de que en ella había grande cantidad de infieles, y que el mejor modo para abrir la puerta a la conversión de tantas almas, era procurar enviar persona plática, que subiendo por el río Uruguay, de quien toma nombre toda la Provincia, fuese hablando y agasajando los caciques que en la ribera dellas están situadas.

Y aunque esta entada me la imposibilitaron los de la ciudad, diciéndome no tendría efecto, por cuanto los Gobernadores mis antecesores, ni po bien ni por mal la habían podido conseguir, ni los Padres de la Compañía de Jesús que en tiempo de Don Diego de Góngora mi antecesor, de hecho comenzaron á entrar por el río Uruguay

á un camino abierto de esta ciudad los indios que estaban á los principios del dicho río.

No obstante todo esto, me esforcé, y envié un español llamado Hernando de Zayas, muy buen linguaraz, al cual entregué en nombre de S. M. y mío á unos Caciques que en la boca del dicho río Uruguay me habían venido á ver, advirtiéndoles, que como se lo daba sano y bueno, me lo habían de volver á entregar, y dí instrucción al dicho Hernando de Zayas de lo que por el camino había de hacer, y que procurase pasa llegar por el río Uruguay arriba á la reducción de Nuestra Señora de la Concepción, que cai á la banda de las Corrientes, ciudad también perteneciente á este mi gobierno, por donde el R. P. Roque González, de la Compañía de Jesús, con grandes dificultades, y perseverancia de seis años, comenzó á descubrir por aquella parte las provincias del Uruguay y fundó la dicha Reducción de N.ª S.ª de la Concepción: y escribí al dicho P. Roque González de cuanta importancia sería para el descubrimento de las dichas provincias, que su Paternidad bajase con el dicho Hernando de Zayas por el Uruguay abajo hasta llegar á ese puerto á verse conmigo.

La cual jornada había intentado tres ó cuatro años el mismo dicho Padre sin poder salir con ella, por estorbárselo los indios y fué nuestro Señor servido que lo que á todos parecía imposibile se facilitase de suerte, que el dicho Hernando de Zayas, sólo, sin compañía de otro algun español, subió por el río Uruguay arriba, y fué hablando y agasajando a los Caciques, y dándoles los dones y dádivas que de mi hacienda les envié — y fué levantando cruces en varios puestos, sin que los dichos Caciques hiciesen contradicción alguna; antes llevándole mucho gusto, hasta ponerle con el dicho Padre Roque González. El cual se holgó notablemente con mi carta y dando parte al Cacique principal de su reducción, llamado Don Santiago Neçá, el dicho Cacique se alegró mucho, y se ofreció de ir á hablar á los demás Caciques cercanos a su pueblo, y todos ellos gustaron de que en nombre suyo bajase con el dicho P. Roque González, como lo hizo, hasta llegar á esta Ciudad, cosa que á mi me ha bañado el alma de singular alegría y consuelo, y alegrado á todos los deste puerto, por verse abierta la puerta que tan cerrada había estado para la conversión de tantas almas gentiles. La cual alegría y gozo se aumentó en mí y todos los deste puerto, viendo las veras, amor y voluntad con que el dicho Cacique Santiago Neçá en nombre de todos los demás me dió la obediencia en nombre de S. M., abrazándome tierna y afectuosamente y prometiéndome que procuraría con todas sus fuerzas que todos los Caciques del Uruguay se redujesen á la fe católica y servicio de S. M. Y deseoso yo de que tan gloriosos principios tengan colmados y dichosísimos medros y fines, y que tan latas provincias se reduzcan presto al suave yugo del Evangelio y servicio de nuestro Rey y Señor, atendiendo que la Compañía de Jesús ha procurado tantos años a hallar entrada en estas provincias, con tan santa y perseverante porfía, y que el P. Roque González de la misma Compañía ha venido en persona de más de ciento y treinta leguas, y traido el principal cacique a darme la obediencia, me determiné a encargar y entregar la reducción de la dicha Provincia á la Compañía de Jesús confiado que se empleará eficazmente en lo comenzado con tanto servicio de Nuestro Señor y de S. M. — Portante

„A Vuestra Paternidad exhorto, y siendo necesario, requiero en nombre du su majestad admita la dicha entrega en nombre de su Religión pues dello tiene orden de su Provincial el Muy Reverendo Padre Nicolás Durán."

„Y porque de presente juzgo que conviene vaya un Padre en

compañía del dicho P. Roque González, y le ayude á tomar la posesión de las dichas Provincias en nombre de S. M. y mío; pido á V. Paternidad mande el R. P. Miguel de Ampuero, persona de muchas letras, religión y pulpito, que ha asistido en ese puerto, y con quien yo he comunicado los designios desta entrada y otras cosas de mucha importancia, y está enterado en todo de mis intentos y voluntad, y sabrá darme entera relación de las cosas que á su cargo llevare de avisarme acerca de aquellas provincias. Y su paternidad avisará de todo esto al dicho muy R. P. Provincial, enviándole este mi exhortatorio, y avisándole provea de todos los P.P. que necesarios fueren para la conversión de dichas provincias, sobre lo cual escribiré yo también á su Paternidad."

„Y porque es muy necesaria y precisa obligación mía el dar relación á S. M. y Real Consejo de la calidad de las dichas Provincias, en su latitud y longitud, cantidad de indios, y esperanzas que prometen aquellas tierras de oro y otros metales, exhorto y pido á V. P.d ordene al dicho P. Roque González haga una declaración firmada de su nombre de lo que acerca de las cosas dichas tiene noticia, como persona que tiene más experiencia de ellas. Que aunque su P.d no puede de cierto saber todo lo que hay en las dichas Provincias, por no haberlas visto sino en parte, y no todas: con todo ésto, importará mucho su declaración, para que con la que el dicho Hernando de Zayas hiciese de lo que vido y oyó de los Caciques con quienes habló S. M. y Real consejo tengan alguna más clara noticia de las dichas Provincias. Y será muy conveniente que el dicho Padre diga en su declaración la cantidad de Religiosos Sacerdotes que serán necesarios para las Reducciones que con el favor divino se fueren haciendo, porque pueda yo dar aviso á S. M., pediéndole humildemente y con instancia me los envíe con el P. Gaspar Sobrino, Procurador de la dicha Compañía de Jesús, que pocos meses ha partió por este puerto á los reinos de España.

Fecho en la ciudad de la Trinidad, e Puerto de Buenos Aires, á cuatro de Julio de mil y seiscientos y veinte y seis años. — Don Francisco de Céspedes — Ante mi Pedro de la Pobeda, Escribano público y de Cabildo." „Respuesta".

„Y habiendo leido Yo el susodicho Escribano este exhortatorio al dicho P. Rector Juan Bautista Ferrufino, respondió lo siguiente: Que daba infinitas gracias a Dios nuestro Señor por haber su divina Majestad abierto la puerta que el demonio con tanto esfuerzo había tenido cerrado á la conversión de tan lata y tan numerosa gentilidad; y también rinde las gracias y da el parabién al dicho Señor Gobernador, de que en su tiempo y por su industria, dádivas y gastos se haya conseguido tanto bien, el cual es parte del premio que Nuestro Señor tiene guardado á los ansiosos deseos, zelo y perseverancia confiada con que S. Señoría ha atendido al bien temporal y espiritual de los naturales, y del que se tiene por muy dichoso que en tiempo de su Rectorado haya la Compñía conseguido por medio del dicho Sr. Gobernador lo que tanto ha deseado, procurado y acometido varias veces; y que por cuanto le consta que lo que el dicho Sr. Gobernador dice en su exhortatorio, es verdad, y tiene orden del dicho muy Reverendo P. Provincial de aceptar la entrada de Provincias del Uruguay acepta con el debido agradecimiento y estima la dicha entrega que el dicho Señor Gobernador en nombre de S. M. hace á la Compañía: y promete en nombre della que se acudirá con gran cuidado y vigilancia á la conversión de las dichas provincias del Uruguay: y que aunque el dicho P. Miguel de Ampuero le hace notable falta, de muy buena gana le ofrece, y da al dicho Sñr. Gobernador, para que en su nombre, en compañía del dicho P. Roque González tome la posesión las dichas pro-

vincias, y haga todo lo que S. S.ª le ordenare: y dice que escribirá á dicho Muy Rdo. P. Provincial, el cual se alegrará mucho con tales nuevas; y confirmará esta su aceptación y rendirá las debidas gracias al dicho Sr. Gobernador, y proveerá de los Padres que por ahora fueren necesarios para la fundación de las poblaciones y reducciones de indios que se fueren haciendo, por tener como tiene en las Reducciones del Paraná muchos Padres muy buenos lenguas, que con los dos que están en la Reducción de N.ª S.ª de la Concepción, y los dichos P. P. Roque González y Miguel de Ampuero y otros acudirán a todo lo que de presente se puede hacer en la conversión de aquella gentilidad.

Empero, porque en adelante, según las esperanzas que tenemos, serán necessarios más Padres, pide y ruega al dicho Sñr. Gobernador escriba a S. M. y al Muy Revd. P. General de la Compañía, que recibirá singular consuelo desta merced que S. S.ª ha hecho á la dicha Compañía, le envíen los Padres que el dicho P. Roque González dijere sean necesarios en su declaración, la cual dice le mandará hacer luego. Y ésto dió por respuesta, y lo firmó en Buenos Aires, á cuatro de Julio de mil y seiscientos y veinte y seis — Juan Bautista Ferrufino — Ante mi Pedro de la Pobeda, Escribano público y hice mi signo.

„En testimonio de Verdad

„†"

Pedro de La Pobeda

„Escribano público".

N. 7

[Acta Congreg. Provincial. E.]

Ex. 9. Congreg. 1660 de petendis remissoriis litteris ad A. R. Gli. impetrandis ut juridice cognosci possint res gesta est gloria pro praedic. Evang. suor ven. PP. Rochi González de S. Cruz e Ildephonsi Rodrig. Joannis Castillo, Christ. Mendoza, Gasp. Ossorio et Ant.° Ripario. Resp. necessaria testim. R. Epi. praecedere de cultu non adhibito servis Dei...

Ex Congreg. 12ª Cordubae 6 Sept. 1677.

Sess. 6. [Postulant introduci causam PP. Rochi González etc.] quod ea res valitura videatur ad martyrium imitatores animandos, ad Neophitos in fide confirmandos, barbaros X^to^. conciliandos, ad Paraquariae adeoq. totius Americae praesidium, ad hispanae gentis honestamentum maiorem Dei gloriam.

Nicol. del Techo Congregi.ˢ Secretu.ˢ

N. 8

[Corpeta Missiones Guaranis Estatistica.]

Razón de las Reducciones, q. Aº 6 fˢ hizieron y Pueblos que fundaron los Padres de la Compª de Jesús etc.

. . . . . .

. . . . . .

„En el Uruguay y Tape:

„Pueblo del *Caaro*. Fundó el V. P. Roque González en el *Caaro*, entre *S. Lorenzo y S. Miguel* q. son aora un Pueblo, llamándolo Todos los Santos. Mataron al Pᵉ y a su Compº Pᵉ Alonso Rodrigz.

N. 9

Testor ego infrascriptus quod in Archivo Postulationis generalis Causarum Servorum Dei e Societate Jesu asservatur in theca ex metallo deaurato sigillis munita ab authentica attestatione Cor Servi Dei Rochi González e Societate Jesu qui pro Christo sanguinem fudit in Paraquaria die 15 Nov. 1628.

In fidem et.

L. S. Camillus Beccari S. J.
Postulator generalis.

[Accepi hoc testimonium 20 Nov. 1903. C. T.]

N. 10

„Rocchus Gonçallez Societatis Jesu ab Uruais quibus XPM primus praedicavit, instinctu mali daemonis odio Fidei, silicea clava excerebratus, adhuc loquebatur e pectore, cor indus expertorat, jaculo transfiget, in flammas abjicit: consumpto calamo, et quantum eminebat osseae cuspidis, cor Flamma non adurit. Raptum e busto, et adhuc integrum, in urbem debitum ad Triumphum invehit Jo. Bapᵗᵃ Ferrufinus Mediolanensis e Paraquaria Procurator, et redux: A. S. (I) L) CXXXIV.

Cordi

Cordium omnium cordatissimo
Adverte, hospes, cordis oculos

Cor hic vides, quod Uruaius videre voluit ne audiret:
Loquebatur ex abdito pectoris, sybillino veluit e specu.
Extraxit in lucem, ut taceret, fecitque silentio vocalius:
Non jam Indo rudi, sed cultissimis loquitur ingeniis,
Nactum nobilium cordium apertas aures,
Quas (mirum) Indo occlusit impietas, quamvis omnibus patentes
Cum huic Cordi linguam dederit Pietas omnibus negatam:
Contulit aliquid Barbarus, qui lucem dedit,
Et, ne lingua deesset, sagittam addidit.
Hoc est illud Cor, quod exploratum igne non infra Davidis votum fuit:
Cum ultra Lingua non fuit.
Perpercit ignis veritus nobiliores amoris flammas,
Quibus dudum mediatum, dum viveret;
Ignobiles ignium iras sprevit emortuum.
Canon hoc cordium est:
Qui nobis singillatim corda finxit, in hoc uno opere
Cordium artem absolvit Deus;
Quid enim ad absolutissimam cordis Laudem desiderari potest?
Teneritudinem amas? Amorem testor, qui nec ipsa morte diriguit:
Constantiam Laudas? Benevolentis Caraterem delere odio potuerunt.
Fidem quaeris? ignem interroga, qui non potuit extorquere.
Ultimum emori cor prodidere, ut vitae primum,
Redordiente naturae opus pari Lege.
Ultra mortem quod viveret, unum hoc fuit Cor,
Vicente fatum amoris privilegio. [hauserit mors:
Tantum illi amoris viventi fuit, ut, quae vitam hausit, totum non
Fuit etiam decocta vita, quod impenderet:
Amoris illa vox, non vitae fuit.
Corculorum quantum olim Romanus laudavit sermo,
Excors umbra est, si cum hoc Corde contendas.
Nullo unquam sapientius in pectore habitavit cor quam hoc
Aliubi muta corda sapientia, hic vocalius fuit,
Ama immaculati cordis verticordiam eloquentiam,
Admirare cordis boni et optimi uberrimam vel in ipsa mortis patientia
Frugem Charitatis.
Execrare duricordium Uruaiorum plus quam brutam vecordiam.
Indus ut extremum saeviat, in cor saevit:
Rocchus ut extremum amet, Corde proloquitur.
Cor in sepulchris sculptum voluit Romanus vivi amoris monumentum.

Ne caros mortuos a corde quis suspicari posset:
Quam belle hoc in trophaeo addat sua Rocchus, non muti,
Sed Loquentis Cordis simulacrum!
Sed quantum addit jaculum, quo transfixum, victis flammis, superstes
Amoris arma odium invasit frustra: [fuit!
Armavit cor, dum perussit,
Et cum ignes adhibuit, validiora jacula temperavit.
Quis credat unico transfixum jaculo Cor pharetram Amoris esse?
Toties jaculatur, quoties videtur,
Unumque telum mille satis est vulneribus,
Vulnerari a Charitatis usura,
Multiplici vulnere desiderii.
Quam feliciter jaculatus est Indus infelix!
Ne vocem Evangelii ab uno corde audiret, dum jaculo transadigit,
Mille corda desiderio eadem proloquendi configit:
Votum nobilium cordium êst
Amoris telo transfigi.
Si vicario utitur, quamvis barbarum sit, accipimus:
Vos favete cordibus, quicunque adestis:
Cor hominis ejus hic spectatis,
Quem Hominem Cordis Uruaius suspexit.
Cor telo transfixum
Aram amori cordibus litanti optimam,
Post divinam illam Dei Cordis,
Hanc ponite secundariam:
Si amoris jaculum grandi vulnere penetravit,
Litatum est;
Nemo invulneratus amat.

N. 11

[Arch. Rom.]
Die 9 Octob. 1696.
In nomine S.^{mae} Trinitatis
Amen.

In meisitt. Rev.^{mos} P. Antonius de Rego Societatis Jesu Assistens Portugalliae sponte & omniq. meliori modo mihi Notario coram infrascati^{s}. Testibus fide dignissimis praesentavit Capsam palmo fere oblongam, ligneam, ouatam, et clausam, vittaque serica rosei coloris ligatam, et sigillo nominis Jesu cerae Hispanicae impressi munitam, supraque et infra obsignatam, affirmans in ipsa capsa claudi et asseruari Cor prodigiosum Venli^{s}. Servi. Dei Pi^{s}. Rochi González a S^{ta}. Cruce Societi^{s}. Jesu, pro Christi fide interfecti in Paraquaria Americae occidentalis, cujus praedictum Cor post obitum Martyrium, allocutum

esse dicitur Barbaris interfectoribus, illis exprobrans culpam gravissimam ab violatam Dei Matris imaginem, necemque atrocissimam sibi illatam; quo audito Barbari obstupefacti, insanientes et in rabiem efferati, ut Cordis Loquentis voces opprimerent, quas Venbi[s]. Pater emortuus ex intimo pectore mitti audiebant, decernunt Cor si revellere, quod et imaniter utique fecerunt, thoraceq, dissecto, & cor ipsi reuulsum, et teli cuspide transfixum, ac semel et iterum in ardentissimum ignem injectum, semper mansit integrum et illaesum; imo cum ipsum teli osseum hastile, quod e trajecto Corde foras extabat, flamma absumpsisset, cor tamen, atq. adustam cordi partem spiculi, ignis Barbarorum insaniã benignior, integrum, inviolatumq. reliquit, quae postea a quinquaginta tribus testibus de uisu ex ipsis Barbaris contestata sunt, prout latius describitur a Rev.[do] P.[e] Mathia Tanner Societi.[s] Jesu sacrae Theologiae Doctore in Libro cui Titulus: *Societas Jesu usque ad Sanguinem et Vitae profusionem militans*, fo.° 480 x 484.

Asserebat deinde Revmu.[s] P. Assistens, luculenter satis constare tum ex supra nominato Auctore, tum ex testimoniis asservatis in Archivo Romano Societ.[s] Jesu Cor praedictum Ven. Servi Dei, et Martyris P. Rochi Gonzaluez a S.[ta] Cruce, tot prodigiis mirabile fuisse cum inhaerente spiculo perlatum Romam anno *1633* a P.[e] Joanne Baptista Ferrufino Socti.[s] Jesu electo missoq. in urbem Procur.[e] ex Prov.[a] Paraquaria tempore Rev. admodum Pi.[s] Mutii Vitelleschi piae mem. Generli.[s] et postea annis aliquot elapsis Societ.[em] Jesu tunc temporis gubernante Rev.° admodum P. Joanne Paulo Oliva Genli. Sta.[e] Mem.[ae], fuit sibi cor ejusmodi consignatum a Fratre Simone Cataneo Societi.[s] Jesu Revdi. P. Genli.[s] socio et ex facult.[e] quam habebat a P.[e] Genli., cui inserviebat, sua sponte traditum et donatum P.. Ant.° nunc Assistenti Portugalliae. Ut autem reverenter ac debita cura tam prodigiosum cor, et pignus uenerabile asservetur, ego Publicus Notarius reserata et aperta praedicta capsa et intus invento corde supra memorato cum duplici incriptione nominis ven. Servi Dei P. Rochi González, traditoq. Rev.[mo] P. Assisti. (?) ipse incontinenti Cor Vene.[le], reverenter accepto, cristallo de monte inclusit, et eodem actu collocavit in quodam Reliquiario ex metallo inaurato, et in formam cordis elaborato, cui superimposita est corona preciosis lapidibus circumdata ramisque palmarum duobus e medio in latera prodeuntibus pulcherrime adornata, addito epigrapho in postrema parte (?) ipsius Reliquiarii incisa rem totam paucis attestante hoc modo: *Cor prodigiosum Vn. P. Rochi González a Sancta Cruce S. J. pro X.° necati in Paraquaria 15 9bris Anni 1628;* Denique diebus Revus. P. Assistens Reliquiarium . . . . . .[7]) ex vitta oloserica rosei coloris ligavit, sigilloq. paruo sui officii munivit ad majorem Dei gloriam perpetuãq. totius rei memoriam et omni meli. modo, supra quibus omnibus ac singulis prãest. petitum fuit a me nõto infrpto ut unum vel plura publicum sive publica Instrum sive Instrã conficerem atque traderem prout opus fuerit et requisitus ero: Actum Romae in domo Dom. Andrae Pini filii g. Blosii Pisani sita in via nuncupata del Pellegrino praesentibus. . . audientibus his dicto D. Andreae Pini ac D. odoardo Muniz fil, g. Gonzalis lusitani . . . testibus ad praedicta omnia et singulis vocatis habitis special atq. rogatis.

Ego Antonius Hivenius Cam. Cur. Com. Apost. Nõtode s. Instõ rogatus, illud subscripsi ac probavi Oet.

. . . . . .

Lazu.[s] Laninchinus

L. S.

[7]) Illegivel.

N. 12

[Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, Mss.]

Collecc. de Angelis.

N. 518, autogr. XI. 43.

. . . quando Ñeçû . . se fué el Uruguay arriba y se puso tras el primer salto grande que tiene el Uruguay rio arriba, donde lo apresaron los Portugueses el año 44.

N. 13

[Archivo General de Buenos Aires.]

Gabriel de Peralta
(rub.)

Diego Gordón
(rub.)

Ante mi
Miguel Calvete, Notario público
(rub.)

Testigo Padre Fray Luis de Bolaños

En la ciudad de Trinidad, puerto de Buenos Aires, a tres días del Mes de Octubre de mil seiscientos veintinueve años, el R. P. Juan Bautista Ferrufino, Rector del Colegio de la Compañía de Jesús de élla, para más prueba de lo contenido en su pedimento é interrogatorio, presentó por testigo ante el dicho Sr. Provisor y Vicario General al P. Fray Luis Bolaños, Religioso de la Orden del Seráfico Padre San Francisco, del cual se recibió juramento por Dios Nuestro Señor, y á una señal de cruz in verbo sacerdotis, poniendo la mano en el pecho, y so cargo de él prometió de decir verdad: y siéndole leido el dicho pedimento é interrogatorio:

1.° *De la primera pregunta* dijo que conoció al dicho P. Roque González de Santa Cruz desde niño, en el siglo y después en la Religión de la Compañía de Jesús, y le ha comunicado muy familiarmente, siendo sacerdote clérigo, y después en la dicha Religión: y esto responde.

2.° *De la segunda pregunta* dijo que por la comunicación que tuvo con el dicho P. Roque González de Santa Cruz, y por lo que á otras personas en común oyó y ha oido decir, así en la Ciudad de la Asunción, como en otras partes de estas Provincias, cree y tiene por muy cierto que las virtudes y demás cosas que contiene la dicha pregunta las tuvo el dicho P. Roque González, con grande ejemplo de los fieles: y sabe este testigo que siendo el dicho P. Roque González de edad de doce años poco más ó menos, estando en casa de sus padres en la Ciudad de la Asunción, persuadió á dos muchachos amigos suyos á que se fuesen al desierto á una hermita algunas leguas apartada de la dicha Ciudad á hacer penitencia: y después de haber estado algunos dias por allá, salieron en su busca sus deudos y les hallaron en un monte; y preguntando al dicho P. Roque González que porque causa se habían ausentado él y sus compañeros, respondió que por apartar-se del mundo, y servir á Dios con más quietud: y los volvieron á casa de sus padres. Y que después, teniendo edad, fué ordenado de Sacerdote clérigo, perseverando en sus virtudes: y que siendo clérigo, salió de la dicha Ciudad de la Asunción á los pueblos de Indios á visitarlos y doctrinarlos en tiempo que no tenían doctrina, é hizo mucho fruto en éllos. Y ha oido decir que eligiéndole el Sr. Obispo de aquella Provincia por su Provisor y Vicario General, no lo aceptó. Y siendo persuadido para ello del dicho Sr. Obispo y otras personas, y no pudiendo resistir con libertad, se entró Religioso de la Compañía de Jesús, donde fué admitido, y de mucha estimación su entrada: y que en ella perseveró siempre en opinión de virtud y santidad. Y que después, estando en la dicha Religión, con orden de su Prelado fué a el Río grande del Paraná, y corrió desde las Corrientes y San Juan de Vera, sesenta leguas el Río arriba, buscando Indios reduciéndolos, doctrinándolos y asentándolos en poblaciones: en que padeció muchos trabajos, desnudez, necesidades y hambre. Particularmente á los principios de la reducción de Itapua.

Y de ello dió cuenta por cartas á este testigo á la reducción de Yuti, donde asistía, manifestando en las dichas cartas como había mucho tiempo que no comía otra cosa sinó unas hojas cocidas de mandioca, que es manjar y comida que los dichos Indios usan á la mayor necesidad: y que sabiendo lo que pasaba el dicho Padre, este testigo le envió desde la dicha reducción de Yuti muchos Indios cargados de harina de raices de mandioca, para ayuda de su sustento y de los dichos Indios. Y que después de asentada esta reducción, pasó á otro Río que llaman del Uruguay, con otros Religiosos de la dicha Compañía de Jesús, siendo el dicho Padre Prelado y maestro de todos, donde padeció con los dichos compañeros muchos trabajos y necesidades, hasta llegar río arriba hasta donde estaba la última reducción, en la cual asistiendo algún tiempo, le mataron los dichos Indios y á dos compañeros. Y en cuanto á los sucesos y muerte y cosas milagrosas y de notar, que dicen sucedieron después de su muerte, se remite á las declaraciones de los que lo vieron.

Y que conforme la buena vida, virtud y costumbres del dicho P. Roque González de Santa Cruz, y por el oficio apostólico y conversión de almas en que siempre se ocupó y en el que estaba ocupado cuando le mataron, este testigo le tiene por verdadero martir: Y esto responde.

3.° *De la tercera pregunta* dijo que sabe que el dicho P. Roque González de Santa Cruz era natural de la Ciudad de la Asunción, de la Provincia del Paraguay, hijo de Bartolomé González y de María de

Santa Cruz sus padres. Y que lo demás que contiene la pregunta, lo tiene satisfecho en la precedente. Y esto responde.

4.° *De la cuarta pregunta* dijo que todo lo qué dicho y declarado tiene, es la verdad, lo que sabe y ha oido decir, y es público y notorio, pública voz y fama, en estas Provincias del Paraguay y Rio de la Plata; en que se afirmó y ratificó: y dijo que es de edad de más de setenta y nueve años: y lo firmó con el dicho Sr. Provisor.

Gabriel de Peralta (rub.) — Fr. Luis Bolaños (rub.)

Ante mi
Miguel Calvete, Notario público
(rub.)

N. 14

[Archivo General de Buenos Aires.]

1.er Testigo

„En la dicha Ciudad de San Juan de Vera á postrero día del mes de Septiembre de mil seiscientos treinta años, para la dicha información, su Paternidad del dicho P. Vicario mandó parecer ante si al Capitán Manuel Cabral, Lugarteniente del Gobernador, Justicia mayor y Capitán á guerra en esta Ciudad, del cual estando presente tomó y recibió juramento en forma de derecho por Dios Nuestro Señor, y á una señal de cruz, que hizo so cargo del cual prometió decir verdad de lo que supiere y le fuere preguntado: = y á la conclusión = si juro y Amen.

Y siéndole leido el dicho auto y cabeza de esta información, dijo que lo que acerca de ella sabe es que en la Ciudad de la Trinidad, cabeza de este Obispado, donde este testigo ha residido como más de treinta años á esta parte, siempre tuvo noticia y se platicaba comunmente de la virtud y santidad del P. Roque González, y que era tenido por virgen, y por tal lo publicaban en la dicha Ciudad: y que era tan singular en la santidad y ser varón justo, que todos tenían noticia de él: se trataba de su virtud publicamente, y nombrándole todos le reverenciaban, aun su nombre; y que este testigo nunca le vió ni conoció, más de que estando nesta Ciudad, llegó el P. Francisco Clavijo a pedir socorro de la Provincia del Uruguay después de la muerte y martirio de los dichos Santos, y que este testigo, movido del servicio de Dios Nuestro Señor y de Su Majestad, se determinó á ir al dicho socorro: y para eso convocó algunos soldados, que fueron hasta siete, y dos que estaban ya allá en la dicha Provincia: y con doscientos Indios que sacó de la reducción de la Limpia Concepción del Itatin, se fué á la dicha Provincia, adonde halló que los Indios cristianos de ella tenían

presos algunos Indios de los matadores de los dichos Santos Padres: entre los cuales se averiguó lo mismo que comunmente todos los Indios cristianos decían: y fué que un Indio hechicero, Nezú, que se hacía Dios entre ellos, viendo que lo que los Padres predicaban era tan contrario de sus malas costumbres, y evitaban el tener muchas mujeres, y los demás pecados y pareciendole que con aquellos perdería el ser adorado de los Indios, como hasta allí, hizo convocación de los Indios infieles y caciques; á los cuales les dijo convenía matar á todos los PP. Religiosos de la Compañía que estaban en aquella Provincia, porque predicaban cosas contra lo que él enseñaba y era su ser antiguo y de sus antepasados: y que él les ayudaría y favorecería y le tendrían propicio y contento con esto: donde no, se iría al cielo y los destruiría á todos: y que empezaron por el P. Roque González desde el Caró, y luego todos los demás de la Provincia: y de allí se proseguiría luego á las Provincias del Paraná á matar á todos los Padres y destruir la fé de Cristo: y que á los que estaban bautizados él los desbautizaría y lavaría y borraría el bautismo, y los tornaría gentiles á su ser antiguo, con otros disparates: diciendo que siendo él Dios, á él solo pertencía el bautizar: y así hizo ciertas ceremonias en los niños lavándoles la cabeza y pechos, rayéndoles la lengua, decía les quitaba el ser cristianos y bautizados: y todos le creían y le tenían por tal su Dios, porque con ciertas invenciones y embustes sacaba agua por debajo de sus piernas, y bautizaba á los niños. Y que este Indio hechicero Nezú envió sus mensajeros al Caró, á otro semejante como él, llamado Carupé, que matase al Santo P. Roque y su compañero, y luego le avisase para proseguir con los demás de la misma suerte. Y el dicho Carupé fué con su gente á donde el dicho Padre estaba aderezando una campana, poniéndola una cuerda en la lengueta para colgarla en la Capilla que allí tenía hecha, y llevando industriado á un su cautivo llamado Maraguá para que luego que el Padre se volviese ó descuidase, le matase con una porra de piedra enhastada. Y el dicho Indio Maraguá le dió en la cabeza con la dicha porra un tan gran golpe, hasta que se la deshizo toda. Y allí mismo salió el P. Alonso Rodríguez de la Iglesia ó capilla donde estaba, al ruido y voceria: y le mataron asimismo é hicieron pedazos los cuerpos, y robaron los ornamentos y vasos sagrados, rompieron y quebraron las imágenes y metieron arrastrando los cuerpos, y les pegaron fuego y quemaron. Desde donde el cuerpo del Santo P. Roque les habló y dijo: Habeis muerto mi cuerpo, más no mi alma. Hanos de venir muchos trabajos por esto que habeis hecho, que han de venir mis hijos á vengarlo: y otras cosas, que les fué profecía propia de todas las cosas que les iban sucediendo, y sucedió después, según los mismos matadores después también conociéndole lo decían. Y que visto aquello, el dicho cacique Carupé mandó á su esclavo ó cautivo abriese el cuerpo para ver lo que hablaba en él; pues por la boca no podía, pues la tenía hecha pedazos. Y que así, abrieron el cuerpo, hallando que era el corazón el que hablaba, le sacó fuera el dicho Maraguá, y con una flecha atravesada le tornó al fuego para que se quemase. Y que hecho esto, avisaron al dicho Nezú: el cual, habiendo hecho sus ceremonias acostumbradas de falso Dios aquella noche antes, á diez y siete de Noviembre de mil ceiscientos veintiocho, envió la gente á matar al P. Juan del Castillo que estaba en el pueblo de Yyuí. Porque las muertes de los santos PP. Roque y Alonso Rodríguez fué á quince del dicho mes de Noviembre. Y que llegados que fueron los dichos Indios á casa del dicho P. Juan del Castillo, adonde, habiéndole dicho algunas palabras injuriosas le asieron y ataron las manos, y dieron de bofetadas y porrazos, quitándole algunas de sus vestiduras, le echaron un bejuco á

la garganta: y habiéndole dado algunos flechazos en los hijares, dándole muchos porrazos, y con gran vocería, lo llevaron arrastrando por unos cerros de piedra y le mataron á palos, porradas y piedras: y luego le pegaron fuego.

Y robaron asimismo la Iglesia, quebraron las cruces, rompieron las imágines, misales y breviarios; y después vinieron á querer hacer lo mismo en la reducción de Piratiní, adonde estaba el P. Alonso de Aragón y Francisco Clavijo, que al ruido de la vocería y trompetería de guerra se metieron al monte. Y quisieron quemar la Iglesia de San Nicolás, que era de paja, echándole tizones, y no pudieron. Luego salieron algunos muchachos con algunos Indios, que le parece dijeron número de quince ó veinte y los acometieron de manera que mataron algunos de los contrarios, y á otros mal hirieron: con que se fueron huyendo y dejaron libre la dicha reducción. Y que esto es lo que luego que llegó ese testigo se averiguó como dicho tiene, en la Concepción del Uruguay. Y de allí prosiguió su viaje este testigo y su Compañía al pueblo de Candelaria, donde era el mayor peligro, por estar más cerca de los enemigos Adonde luego otro día siguiente, que este testigo llegó, parecieron muy de mañana los enemigos en gran cantidad cerca del pueblo, que de hecho venían á matar á los Padres que en él estaban y hacer lo mismo que con los demás. Y este testigo y su compañía y demás gente que allí estaban les salieron á resistir, y habiendo tenido batalla con ellos por la mayor parte del día, y vencídolos sin que de nuestra parte peligrase, aunque hubo algunos heridos, se cautivaron muchos Indios. Entre los cuales los principales matadores del Santo P. Roque, como fué el cacique Carupé y su esclavo Maraguá, Caburé y otros. Entre los cuales todos se hizo nueva averiguación de lo que había pasado; y todos confomaron en lo mismo que estaba averiguado: y aun añadieron los matadores, diciendo: Este es el suceso que nos profetizó el corazón del P. Roque desde el fuego: porque lo sacamos y quemamos segunda vez. Y confesó el mesmo Maraguá haber sido él el que sacó el dicho corazón por mando del dicho Carupé, porque les hablaba. Y el mismo Carupé y otros lo confesaron así, antes de hacer justicia de ellos. Y este testigo los mandó ahorcar y asaetear. Y sabe y vió que los que pusieron mano en el dicho Santo P. Roque, se les hincharon y empollaron las manos: y más en particular el dicho Maraguá, que le dijeron á este testigo los soldados las tenía como podridas: de que no poca admiración causó á todos, y miedo á los naturales ver aquello. Y este testigo, otro día siguiente fué personalmente con su Compañía al Caró, donde habían martirizado los Santos Padres Roque y Alonso Rodríguez: y halló la sangre del dicho P. Roque en donde le mataron: y asimismo las imágenes rompidas y las cruces derribadas y cortadas, y la Iglesia ó Capilla quemada. Y entre las cenizas hallaron muchas reliquias y huesos, que todos cogieron con grande veneración. Y corrió la tierra este testigo hasta llegar al pueblo de Yyuí, que estaba desolada: adonde el Santo P. Juan del Castillo fué martirizado. Y de allí fué por la parte y lugar por donde le llevaron arrastando: y se hallaron algunos pedazos de sus ropas y medias; y vieron por el rastro de sangre; y vió asimismo donde pararon con él y lo apedrearon, y después adonde le llevaron á quemar ultimamente que todos serán tres cuartos de legua poco más ó menos. Y allí entre las cenizas se cogieron algunos huesos: por donde vió ser cierto toda la averiguación que se había hecho.

Demás de que hubo muchos testigos de este martirio. Y después que vino este testigo á la reducción de la Limpia Concepción del Uruguay, donde los PP. de la Compañía de Jesús, tenían los cuerpos del Santo P. Roque y Alonso Rodríguez ó la mayor parte de ellos que

no se quemó: y allí para ver si era cierto lo de haberle sacado el corazón, el P. Diego de Boroa le buscó en el pecho del P. Roque que estaba abierto, y no hallándole, buscaron asimismo en el cuerpo del P. Alonso Rodríguez su corazón y le hallaron. Y visto que no estaba el del Santo P. Roque, creyeron ser cierta la averiguación. Y después en esa misma ocasión, mirando un Padre una talega de reliquias del uno y otro cuerpo, que entre cenizas habían recogido donde se quemaron los dichos cuerpos, hallaron el corazón del Santo P. Roque, chamuscado mas no quemado. Y estaba atravessado con una flecha de casquillo, según y de la manera que el mismo Indio matador y los demás habían declarado. Por donde se acabó de verificar [sic por certificar] este testigo y los demás que lo vieron ser certísima la averiguación que se había hecho del martirio de los Padres: y que no había que dudar en todas las circumstancias que tiene declarado. Y dice más este testigo: que sabe y vió los lucidísimos trabajos del dicho Santo P. Roque en todas aquellas reducciones y pueblos de Indios cristianos, donde tanta suma de gente habí recogido, y se echaba bien de ver ser verdad lo mucho que decían le había costado al dicho Padre trabajo espiritual y corporal, porque era imposible menos para venir á la perfección en que tenía todo aquello. Donde hoy día se continua la perseverancia de la fé católica entre aquellos Indios naturales de aquella Provincia. Y hechaba bien de ver cuan tiernamiente le amaban todos generalmente: pues ninguno rehusaba pérder la vida, antes arriesgaba y ponía en peligro de perderla por castigar los matadores de sus padres verdaderos, que así los llamaban y lloraban los dichos Indios.

Y sabe asimismo, y ha oido decir que el primero que entró en aquella Provincia y la descubrió fué el dicho P. Roque González. Y así por lo que este testigo vió y conoció de la tierra y gente de ella, echó bien de ver cuanto trabajo, frío, cansancio de andar á pié, nadar los rios, pasar pantanos, mosquitos y otras incomodidades que otro que el dicho Padre tan Santo, como varón apostólico, no pudiera haber tenido y sufrido con tanta perserancia. Y muchas cosas particulares que este testigo supo en aquella Provincia de casos y peligros en que se vió el dicho P. Roque y los demás á riesgo de perder la vida, que él tan poco estimaba, por el amor y servicio de Nuestro Señor, arriesgándola cada día por el bien de las almas. Y que no solo en la dicha provincia del Uruguay amaban los Indios al dicho P. Roque González, por su grande caridad ejemplo y santidad: sinó en la del Paraná, generalmente todos los Indios de él. Y ha oido decir este testigo lo mucho que trabajó en la conversión, enseñanza y doctrina de los Indios del Paraná: y que era tanto su espiritu y caridad, que aun con estar en la dicha Provincia del Uruguay, que la tenía por hija suya, todas las reducciones de ella engendradas con su mismo trabajo, industria y vocaciones á Nuestro Señor: las cuales reducciones (como superior de los Padres de ellas) siempre andaba visitándolas, no parando en ninguna de ellas, sinó predicando y animando á los Indios, y consolando á los Padres, y enseñándoles el modo de sufrir á los Indios, la paciencia y perseverancia para alcanzar el fruto de ellos, y con esto una ansia del bien de los infieles y gentiles, despachando á unos y otros pueblos comarcanos mensajeros, ya con dádivas, ya con ruegos, para los atraer á que se redujesen ó hiciesen otras poblaciones semejantes. Y esto con tanta vigilancia y cuidado, que admiraba á todos los de aquella Provincia. Y con todo, no se olvidaba de los del Paraná é Iguazú: pues personalmente las venía á visitar muchas veces, predicando en los pueblos, ejercitando su grande amor y caridad que tenía para con Dios y con los dichos Indios. Y que esto todo es público y notorio, pública voz y fama en toda esta Provincia: y que según sus obras y

fama de santidad del dicho P. Roque González, cuando no hubiera sido mártir como lo fué, y este testigo le tiene por tal, era y es tan grande la reputación que tiene, que sin martirio le tenían todos por Santo y varón justo, y de ejemplar vida. Y asimismo, de los otros dos sus compañeros, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo, ha oido decir este testigo publicamente, muchas cosas de virtud y santidad, y de como Nuestro Señor les había cumplido sus deseos que era el derramar su sangre por su santa fé católica, y que en su vida tuvieron grande parte de trabajo en la conversión de aquellas almas: y que todo ello es público y notorio, pública voz y fama, y la verdad, so cargo del juramento que hecho tiene. Leyósele su dicho y declaración, y dijo que se afirma y rectifica [sic por ratifica] en ella, y que no le toca en ninguna de las generales de la ley, y que es de edad de cuarenta años poco más ó menos, y lo firmó.

Fray Juan de Gamarra.
(rub.)

Manuel Cabral
(rub.)

Ante mi
Francisco de Aquino, Notario público.
(rub.)

Documentos justificativos

B. AUTORES

N. 1

Historiae Provinciae Paraquariae S. J. authore P.Nicol. Del Techo ejusd. Soc.

Lib. VI. cap. 13 in fine: Anno deinde currentis saec. circiter 10. Ferdindus. Arias Praetor cum aliquot Hispanorum cohortibus ad Urvaicam (Uruguay) quidem penetravit, sed Barbarorum multitudinis famâ deterritus, re infecta, sine gloria pedem retraxit: undequaeque enim terrore late diffuso se sepierant Barbari, adeo ut Hispani tam desperarent armis Urvaicenses aliquando subjugari posse, quam cuperent latissimas regiones glebae fertilitate, pascuarum bonitate, fluminum commoditate famosas occupare. Nimirum tantae Provinciae decus inclitae Cruci debebatur, quâ unâ armatus Rochus Gonsalvius, cui gentile nomen a Sancta Cruce, solus ausus fuit sternere viam ad indomitas hactenus gentes Xt.° D.° et Regi Cathol. subjugandas.

Lib. VII. cap. 30: Septennio integro in Conceptionis oppido abs se fundato detentus, ob pertinaciam suspicionis Barbarorum ultra Uruaicam pedem figere nequiverat: sed plerisque obstaculis superiori anno amotis, secum assumptis aliquot Neophitis, transmisso Urvaica, eo perrexit, ubi Piratinius rivus ei commiscetur.

N. 2

Hist. S. J. auct. Jul. Caes. Cordara p. VI. lib. XI n. 292. Sed jam locorum ipsa propinquitas admonet me, ut cum rebus brasiliensibus paraquarienses contexam. Quam multa, quam bene ad Urvaicam flumen [Uruguay] susceperit perfeceritque P. Rochus Gonzalus, *primus earum gentium apostolus* . . . . . n. 270. P. Rochus Gonzalus, cum ad Urvaicum flumen, ut supra ostendimus pervenisset, instituissetque dispersas ea regione familias barbarorum colligere, ac socialis vitae primum, deinde Christianae legibus informare, coepta feliciter pro-

movebat. Considerat ut dictum est, apud Ibitiraquenses oppidum frequens, cui ab Immacul. Virginis Conceptu fecerat nomen. Hisce oppidanis paulatim mansuefactis, neq. solum ad humanitatem sed etiam ad Christianorum sacra traductio, animosior factus, in ulteriorem fluminis ripam ejecit se, novosque Indorum greges ex iis qui secus flumen . . . quaesitum iit. Multos reperit huc illucque ferarum ritu vagos, et quibusdam ut ad formam civitatis coire in unum civilique vitae commodis frui vellent persuasit. . . . . .

. . . . . .

Ei [oppido] formam atque ordinem aedificiorum praescripsit et quasdam vivendi leges, quae humanitati congruerent, dedit ut, hoc praestructo velut aditu, facilius deinde inducetur in oppidanos cognitio veri Numinis, ac tandem instituta religionemque Christianorum admitterent. Lib. 13. n. 321.

Nunc admirationem praecipuam habuit Casiquii unius conversio ex iis qui scelestas Rocho manus intulerant. Tambao nomen erat viro. Ei in praedam cesserat equus quo uti Rochus solebat. Iam bellua mire sagax et, si ita loqui fas est, eximia in herum suum fide ac pietate, Rochum ut sensit extinctum iniquissimam caedem hinnitu querulo lamentari coepit. Non pastum, quantumvis large ingestum, nec potum sumere. Sessorem nullum admittere, nisi eum qui Rochi ipsius vestem induerat. Ad haec, quoties Rochi Gonzali [nomen] audiret (quod experimentum saepe factum est de industria) lacrimas ubertim fundere. Notavit tantam feri pietatem ac fidem Tambaus, et humaniorem hominibus inveniri belluam rationis expertem, erubuit . . . . . clam profugit ad Patres seque iis non modo ad disciplinam, sed ad omne obsequium, imo ad poenam etiam si ita vellent obtulit multum supplicium deprecans, modo in Xti. familiam reciperetur; baptizatus Patrum fidelis administer. Rochum vero quem occiderat freq^ter, invocans et veniam sui sceleris cum fletu rogans, diuturnas poenitentiae hunc tulit fructum ut plenus optimae spei ex hac vita decederet. Ita de sui percussoribus triumpharunt Patres atque hoc etiam argumento se veros Xti. Martyres probaverunt.

N. 3

Sínodo de la Asunción de 1631

En el nombre de la Santísima Trinidad, Padre, Hijo y Espíritu Santo, etc. — La santa sínodo siguiente, congregada en la ciudad de la Asunción, en la provincia del Paraguay, en 30 de Junio de 1631, según lo dispuesto por los decretos de los sagrados cánones, y en special del Santo Concilio Tridentino, para exaltación de nuestra Santa Fe Católica, provecho y utilidad de la Iglesia, reformación del clero y pueblo cristiano presidiendo en ella el Ilustrísimo señor, el maestro Don Fray Cristóval de Aresti, por la gracia de Dios y de la Santa Sede apostólica, obispo de estas provincias del Paraguay, del Consejo de S. M. etc.; y habiéndose sentado en ella en conformidad de la convocatoria que se publicó en la Santa Catedral de esta dicha ciudad, los muy reverendos padres y señores D. Pedro Sierra, señor chantre de la dicha santa Iglesia Catedral, y Pedro González de Santa Cruz, canónigo de la Santa Iglesia Catedral, y el bachiller Mateo de Espinosa, canónigo, provisor

y vicario general de este obispado, y el Padre Fr. Manuel de Chaparro, prior de Santo Domingo, y el P. Fr. Juan de Rodas, guardián de San Francisco, y Fr. Alonso Cantador, comendador de las Mercedes, el P. Diego de Betancour, de la Compañía de Jesús, y el P. Marciel de Lorenzana, por las reducciones de San Ignacio, Itapua, el Corpus, el Iguazú Y Acaray, y el P. Fr. Gerónimo del Peso, predicador de Santo Domingo, y el P. Pedro de Argüello, etc. Hecha la procesión y leido el decreto acerca del modo de la celebración de los concilios del Tridentino, que comienza: *Cogit temporum calamitas*, después de esto, siguiendo la primera sínodo, el ejemplo de los padres antiguos, determinó que, antes de todas cosas, se hiciese la profesión de la fe, teniendola por fundamento de lo que se ha de sentar; y así, en voz alta y clara dijo la dicha protestación que comienza: *Ego ex firma fide credo*, etc., hasta acabarla, como dispone la constitución del art. Papa Pio IV, que comienza: *injunctis novis*, y lo que más dispone el Pontifical Romano en el juramento que se hace en la celebración de los concilios y sínodos. Después de esto determinó que se guardase el Patronazgo Real concedido á S. M. el Rey Don Felipe nuestro señor, y á sus antecesores los Reyes de España. Ultimamente se determinó el lugar dónde se habia de juntar á tratar de la Santa Sínodo y hacer sus decretos, fuese el coro de la Santa Iglesia Catedral para las juntas particulares, cerca de las cosas remitidas, cuya actual determinación, por su dificultad, tuviese dilación, señaló las casas de la morada de su señoria ilustrísima, y por consultores para referir y dar cuenta á la primera sínodo, para que determine lo que más conviniere, se señalaron los tres muy reverendos prevendados y los superiores de las religiones, y el P. Marciel de Lorenzana, todos arriba referidos, y con esto se acabó esta sesión primera, habiendo dicho todos los padres *placet*, siendo preguntados si lo aprobaban.

En este dicho día se juntó por la tarde la Santa Sínodo, en el lugar diputado, en esta sesión y en las demás que se tuvieron hasta que feneció, se determinaron las cosas siguientes:

TÍTULO PRIMERO

De fide summae Trinitatis

§ 1.º

Como la fé es el fundamento de todas las cosas sobrenaturales que esperamos, y sin ella, como dice San Pablo (Hebraeor. 11), no es posible agradar á Dios: *sine fide impossibile est placere Deo;* y el intento de la santa sínodo, sea, como es, dar documentos con que se pueda agradar y servir á su Divina Magestad, y alcanzar la bienaventuranza, que consiste en ver y gozar de Dios, manda la Santa Sínodo á todos los párrocos, curas, así de españoles, como de indios, que ante todas cosas tengan gran vigilancia y cuidado en enseñar á sus feligreses los misterios de nuestra santa fé católica y la doctrina cristiana, pues de no lo hacer se puede temer la salvación de las almas de los feligreses, de que han de dar tan estrecha cuenta á Dios, pagando el descuido y negligencia que en esto tuvieren; y para que con toda inteligencia cumplan este mandato, les encarga que para enseñar á los indios, se aproveche de la traducción del mismo dicho catecismo, el cual está traducido en lengua guaraní por el P. Fr. Luis Bolaños y

aprobado por la santa sínodo que mandó congregar el Sr. Loyola; y porque á la dicha traducción le falta la de los artículos de la fe y salve, pide y encarga al P. Diego de Boroa, rector de la Compañía de Jesús, *procure salga á luz y se comunique la traducción de los artículos y salve que hizo el venerable P. Roque González de la dicha Compañía de Jesús;* y porque el catecismo mayor del dicho primer concilio limense, es de muy gran provecho para que los padres curas puedan predicar é instruir á sus feligreses en los misterios de la fe con los sermones que contiene, pide y ruega á los reverendos padres Diego de Boroa, rector de la Compañía y Marciel de Lorenzana, que por cuanto están traducidos por el V. P. Roque González de Santa Cruz, procuren que el dicho catecismo se imprima, pidiéndose las licencias necesarias. Y porque la santa sínodo desea con entrañas de caridad, acudir no solo al bien espiritual de los que saben la lengua guaraní, sinó tambien al de los demás que hablan diferentes lenguas y piensan venir á convertirse, encarga e pide á los dichos PP. Diego de Boroa, rector de la Compañía de Jesús y Marciel de Lorenzana, hagan dos confesonarios y catecismos; uno para entender á los Guaycurús y catequizarlos, y otro para los Nuavas. Y á su señoría el Sr. Obispo pide y encarga, que, cuando fuere á la visita de la Villa Rica, procure se haga un catecismo de los Vivarayás, pues en aquellas partes habrán padres doctos que sepan aquella lengua.

En cumplimiento de un motu propio de nuestro santo padre Gregorio XV, en que manda que ninguno pueda elegir jueces conservadores, los muy reverendos prebendados D. Pedro de Sierra, y el señor chantre de la Santa Iglesia, y Pedro González de Santa Cruz, canónigo, y los PP. Fr. Manuel Chaparro, Fr. Juan de Rodas y Fr. Alonso Cantador, y el P. Diego Boroa — *Omnia et singula hujus Sínodi Dioecesanae Decreta sancte sedis apostolicae censurae et correctioni sint subjecta* — FRAY CHRISTOVAL, Obispo del Paraguay, etc.

N. 4

„Otras dos Capillas de Sanjoseph y Sancarlos sobre las tres piernas del Caroqué, separan las pertenencias de Sanlorenzo y Sanmiguel q'dista muy cerca de 10 millas á los 55° S. E. y se halla en los 28° 33′ 14″ de lat.ª El arroyo del Caroqué desagua en el Iguy con dirección al Norte: y es celebre en la historia de Misiones por el martirio de los tres Jesuitas Roque González de Santacruz, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo, acaecido sobre sus márgenes hacia los años de 1628. El cuadro de estos ilustres Misioneros se venera en la ref.ª Capilla de Sancarlos: y sus huesos juntos con los de otro Jesuita Diego de Alfaro se conservan en el Pueblo de la Concepción."

(Diario de D. Diego de Alvear commissario da 2.ª partida demarcadora de limites (1783-1791) no tomo III de Anales de la Biblioteca, Buenos Aires 1904, pag. 418-19).

Bibliographia

Angelis, Pedro de, Colección de Obras impresas y manuscriptas que tratan principalmente del Río de la Plata.) Buenos Aires, 1853.

Arreguine, Victor, Historia del Uruguay. Montevideo, 1892.

Bauzá, Francisco, Historia de la Dominación Española en el Uruguay, 2.ª edición, 3.º tomo. Montevideo 1895.

Brabo, Francisco Javier, Inventarios de los bienes hallados en los pueblos de Misiones. Madrid, Rivadeneyra, 1892.

— Atlas de Cartas Geográficas de los paizes de la América Meridional. Madrid, 1872.

Calvo, Carlos, Collección de tratados de la América Latina. (Paris, 1862-69, II vol.)

Charlevoix, le P. Pierre Fr. Xav. de, S. J., Histoire du Paraguay, 6 tom., Paris, 1757.

Cordara, Jul. Caesar, Historia Societatis Jesu, Pars VI, comprehendit res gestas sob Mucio Vitellesco in fol. gr. 700 pags.

Declaración de la Verdad, obra inédita de P. J. Cardiel, public. con una introducción por el P. Pablo Hernández S. J., Buenos Aires, 1900.

Dobrizhofffer, M. Historia de Abiponibus, 3 tom. Viennae, 1784.

Domínguez, Luis. La Historia Argentina. Buenos Aires, 1861.

Figueira, José H., Los primitivos habitantes del Uruguay. Montevideo, 1894.

Galvão, Dr. Benj. Fr. Ramiz, Manuscripto guarani da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro sobre a primitiva catechese dos indios das Missões, composto em castelhano pelo P. Ant. Ruiz Montoya vertido para o guarani por outro P. Jesuita e agora publicado com a traducção portugueza, notas e um esboço grammatical do Abañeê pelo Dr. Bapt. Caetano de Almeida Nogueira, Annaes da Bibl. Nac. do Rio, vol. VI, Rio de Janeiro, 1879.

— Vocabulario das palavras guaranis usadas pelo traductor da Conquista Espiritual do Padre A. Ruiz de Montoya, comp. pelo Dr. Bapt. Caetano de Almeida Nogueira. Annaes da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, vol. VII, 1879-1880.

Gambón, P. Vincente, S. J., A' través de las Misiones Guaraníticas. Buenos Aires, 1904.

— Los tres primeros mártires de la diócesis de Buenos Aires.

Gay, conego João Pedro, Historia da republica jesuitica do Paraguay. Rio de Janeiro, 1863.

Goeldi, Dr. Emilio A., Memorias do Museu Paranaense de historia nat. e ethnographia. Pará, 1900.

Guevara, José, S. J., Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán. Buenos Aires, 1882.

— Historia del Paraguay. Anales de la Bibliotheca t. V e VI. Buenos Aires, 1910.

Hernandez, P. S. J., El extrañamiento de los jesuitas del río de la Plata. Madrid,1908.

Iarque Dr. D. Francisco, Insignes Misioneros de la Compañía de Jesús en la provincia del Paraguay. Pamplona... Por Juan Micon Impresor, 1687.

Ihering, Dr. H. von, Civilisação prehistorica do Brazil meridional. Revista do Museu Paulista, vol. I, 1895.

Lafone Quevedo, Samuel A., Ulrich Schmidel — Viaje al Río de la Plata — Prólogo y anotaciones. Buenos Aires, 1903.

Lozano, P. Pedro, S. J., Descripción Corográfica, etc. del gran Chaco, Gualamba etc. Cordoba año de 1733.

— Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay. Madrid, 1755.

— Historia de la Conquista del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán, ed. Lamas. Buenos Aires, 1875.

— Historia de las Revoluciones de la Provincia del Paraguay 1721-1735. Buenos Aires, 1905.

Montoya, P. Antonio Ruíz de, Conquista Espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesús en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape, 2.ª ed. Bilbáo, 1892.

Moussy, Martin de, Descript. geog. et estatist. de la Conf. Argentine. Paris, 1860.

Nieremberg, J. Eusebio, S. J., Varones Ilustres de la Compañía de Jesús, 2.ª ed. tom. IV. Bilbáo, 1889.

Pfotenhauer, J., Die Missionen der Jesuiten in Paraguay. Nach den Quellen zusammengestellt, 3 Teile. Gütersloh, 1891-1893.

Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Rio de Janeiro.

Revista Patriótica del Pasado Argentino. Buenos Aires, 1888.

Revista de Buenos Aires por Quesada e Navarro Viola: Buenos Aires (1863-1871) 24 vols.

Revista del Río de la Plata (1871-1877) 13 vols.

Rio Branco, barão de, Exposição que os Estados Unidos do Brazil apresentam ao Presidente dos E. U. da America como arbitro, vol. 1 e 2 com muitos mappas.

Sampaio, Dr. Theodoro, O Tupi na geographia nacional. São Paulo,1901.

— A nação Guayanã da Capitania de S. Vicente. Rev. do Inst. Hist. Paulista, vol. II.

Sanchez Labrador, J. S. J., El Paraguay católico, 2 t. Buenos Aires, 1910

Soares, Gabriel, (Noticias do Brasil, descripção verdadeira da carta daquelle estado que pertence á coroa dos reis de Portugal, sitio da Bahia de Todos os Santos. Parte I do tomo III da Collecção de Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes etc. publicada pela Academia Real das Sciencias. Lisboa, 1825.

Serra, Ricardo F. de Almeida, Parecer sobre o aldeamento dos Uaicurús etc. Rev. do Inst. Hist. Brazileiro, vol VII. Rio de Janeiro, 1845.

Schirmbeck, P. Adam, S. J., Messis Paraquariensis a PP. S. J. per sexennium in Paraquaria collecta, annis uidelicet 1638, 39, 40, 41, 42, 43; Monachii, formis Lucae Straubii a 1649.

Schuller, Rodolfo R., Geografía física y esférica de las provincias del Paraguay, Misiones Guaranies, compuesta por don Felix de Azara. Bibliographia, Prólogo y Anotaciones. Montevidéo, 1904.

Sota, D. Juan de la, Historia del Territorio Oriental del Uruguay. Montevidéo, 1841.

Southey, Roberto, Historia do Brazil (trad. por Oliveiro e Castro) 6 tomos. Rio de Janeiro, 1862.

Souza, Pero Lopez de, Diario de Novegação de 1530 a 1532. Rev. do Inst. Hist. Bazileiro, tomo 24. Rio de Janeiro, 1861.

Techo, P. Nicolao del, Historia Provinciae Paraguariae Societatis Jesu, Leodii ex offic. typograph. Mathiae Hovii, 1673 in fol.

Teschauer, Car., S. J., Habitantes primitivos do Rio Grande do Sul. Rio Grande, 1911.

— Historia do Rio Grande do Sul dos 2 primeiros seculos. Porto Alegre, 1922.

— Poranduba Rio-Grandense, Porto Alegre.

Trelles, Manuel Ricardo, Revista del Archivo General de Buenos Aires, 4 tomos. Buenos Aires, 1872.

— Anexos de la Memoria sobre Cuestión de límites entre la República Argentina y el Paraguay. Buenos Aires, 1867.

— Revista de la Bibliotheca Pública de Buenos Aires, 4 tomos. Buenos Aires, 1882.

Velloso, Dr. Hemeterio, As Missões orientaes. Porto Alegre, 1910.

Visconde de Porto Seguro (F. A. de Varnhagen) Historia Geral do Brazil. Terceira ed. revista por *Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro, 1906.

Visconde de S. Leopoldo (José Felic. Fernandes Pinheiro) Annaes da Provincia de S. Pedro, 1839.

Vasconcellos, J. Leite de, Revista Lusitana, archivo de estudos philologicos et ethnologicos relativos a Portugal. Porto, 1892.

Vogt, P. Frederico, S. V. D., Estudios históricos. La civilización de los Guaraníes en los siglos XVII y XVIII. Buenos Aires, 1903.

Quando nasceu o P. Roque?

Ultimamente reassumiu-se a causa da beatificação dos padres Roque González de Santa Cruz e de seus dois companheiros martyres, Affonso Rodríguez e João del Castillo. Os seus admiradores estão se entregando naturalmente com novo ardor ao estudo das personalidades historicas desses heroes, devassando bibliothecas, archivos e monumentos em busca de alguma luz a mais, recolhendo com religiosidade tudo quanto a elles se refira.

Um dos dados mais preciosos que acabam de descobrir é sem duvida a fixação do anno do nascimento do P. Roque. O P. Carlos Teschauer, na Vida e Obras do P. Roque González de Santa Cruz, que ora se apresenta em terceira edição, fiado na traducção espanhola da *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús por el P. Nicolás del Techo, versión del texto latino por Manuel Serrano y Sanz, Madrid 1897, tomo 3.º, pag. 350,* é de opinião que o P. Roque nasceu pelo anno de 1570 (Cf. pag. 309).

Mas segundo copia de documentos recentes que o abaixo-assignado acaba de receber de Buenos Aires, parece que o P. Techo não estava bem informado, asseverando que o P. Roque contava sessenta annos quando morreu. Nem admira, visto que Techo, belga de nação, só veio para a America doze annos depois da morte do P. Roque.

Antes de mais nada é de notar que todos estão de accordo que o P. Roque falleceu a 15 de novembro de 1628. Logo, segundo Techo, devia ter nascido em 1568. Ora bem: nas „Triennales", que ainda se conservam no Archivo da Companhia de Jesus, — nas quaes cada membro da ordem responde por escripto, de tres em tres annos, a um questionario determinado, remettido ao Geral, — com relação a sua idade o P. Roque informava de si mesmo em 1614 que tinha 38 (trinta e oito) annos. Se porém em 1614 contava 38 annos, devia ter nascido em 1576.

Desta data discorda o catalogo da Provincia do Paraguay de 1620, que dá o anno de 1577 como o do nascimento do P. Roque. Mas este algarismo foi corrigido nos dois catalogos posteriores, de 1623 e 1626, que trazem novamente o anno de 1576.

Com isto parece-nos pois sufficientemente provado que o nosso proto-martyr riograndense appareceu neste mundo em 1576 e o deixou em 1628, quando contava 52 annos.

Outra prova, da pouca preoccupação de Techo em questão de datas, apparece na mesma traducção citada, da qual o proprio P. Teschauer, á pag. 422 confessa ser „mallograda". Ali affirma confusamente o autor que o P. Roque, ao entrar na Companhia, contava *mais* de 40 annos.

Pois bem. Todos os catalogos apontam como dia da entrada do P. Roque na Companhia o dia 9 de maio de 1609. Ora, se nasceu em 1576, em 1609 não podia contar mais de 40 annos, mas apenas 33.

E segundo os mesmos catalogos fez a sua profissão de tres votos em 20 de outubro de 1619.

Com este despretencioso trabalhinho cuidamos ter prestado um modesto serviço aos estudiosos e aos devotos do primeiro civilizador do nosso estado natal.

Porto Alegre, aos 20 de novembro de 1928.

P. Luiz Gonzaga Jaeger S. J.
Gymnasio Estadual Anchieta.

INDICE

	Pag.
Prefacio	299
Introducção	301
Annos de juventude e sacerdocio	309
Entra na Companhia de Jesus — Missão entre indios ferozes	312
Perigos e obstaculos	314
Pacificação dos guaycurús	316
O P. Roque no Paraná	318
Fundação de Itapúa	324
Fundação de S. Anna — Visita do governador	327
Expedição ao Alto Paraná	329
Peste e outras provações	332
Inicio das missões no Rio Grande do Sul	333
Grandes e varios obstaculos	335
Systemas de catechese dos indios	337
Fundação do povo da Conceição no Uruguay	339
A lingua guarani	341
Tentativa de explorar o Uruguay — Tempos de lucto e dias de festa	344
Um pagé ou feiticeiro uruguayo	347
Fundação de S. Nicoláo, a primeira das Sete Missões	348
Viagem a Buenos Aires e brilhante recepção	350
Um interinado perigoso	351
Em caminho ao paiz do Tapes	355
Entra no Tape, hoje Cima da Serra	356
A mais antiga descripção do Rio Grande do Sul	361
Trabalhos apostolicos na região das Sete Missões	365
Funda o P. Roque a reducção de Caaro	366
A onjuração	367
Martyrio do veneravel P. Roque e de seus companheiros	368
Actividade ulterior de Nheçum	373
Castigo de Nheçum e mais conjurados	374
A conjuração	367
A „Conquistadora“	383
O cavallo do P. Roque	384

Honras feitas ás reliquias 385
Restauração 389
O local do martyrio 393
Successos de Caaro 395
Nienguiri 400
Epilogo 402
Determinação do logar do martyrio do P. Roque González..... 407
Nheçum 414
O verdadeiro nome do 3.º governador do Rio da Prata 416
Rectificação chronologica 417
Notas bio-bibliographicas 421
Documentos justificativos 429
Quando nasceu o P. Roque? 469

ILLUSTRAÇÕES

O P. Roque, segundo uma pintura recente da Irmã Mansueta, religiosa franciscana 297
Frontispicio da igreja de S. Miguel 341
Parte lateral da igreja de S. Miguel 345
Paredão da igreja de S. Miguel 353
A torre da igreja de S. Miguel em reconstrucção 359
Parte lateral da igreja de S. Miguel 363
Martyrio dos padres Roque González e Affonso Rodríguez 371
Martyrio do padre João del Castillo 375
Relicario que contém o coração do P. Roque 381
Cruzeiro monólitho em S. Lourenço 387
Amostra architectonica da igreja de S. Miguel 391
Cruz monólitha em S. Angelo 397
Sete estatuas, reliquias dos Sete Povos 405

MAPPAS

Mappa hist.-ethnographico do Guayrá (1610—1630), organizado por C. Teschauer S. J. 319
Missiones Soc. Jesu quas excoluit ad flumen Paraná et Uruguay, a quodam Missionario Veterano, anno 1744, Joh. Christoph. Winkler sculpsit Viennae 409
Missiones Soc. Jesu Paraguayenses, desumptae ex P. Lozano .. 419